



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

ESTEVAM DEDALUS PEREIRA DE AGUIAR MENDES

**Quebrando as regras: um estudo sobre Testemunhas de Jeová
desassociadas**

João Pessoa - PB
- 2012-

Estevam Dedalus Pereira de Aguiar Mendes

**Quebrando as regras: um estudo sobre Testemunhas de Jeová
desassociadas**

Dissertação apresentada na Universidade Federal da Paraíba, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Linha de Pesquisa: Cultura Urbana.

Orientadora: Dr^a. Tereza da Nóbrega Queiroz (UFPB).

M538q *Mendes, Estevam Dedalus Pereira de Aguiar.*

*Quebrando as regras: um estudo sobre
Testemunhas de Jeová desassociadas / Estevam
Dedalus Pereira de Aguiar.-- João Pessoa, 2012.*

124f. : il.

Orientadora: Tereza da Nóbrega Queiroz

Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCHLA

*1. Sociologia. 2. Testemunhas de Jeová. 3. Desvio.
4. Estigma. 5. Exclusão social.*

Estevam Dedalus Pereira de Aguiar Mendes

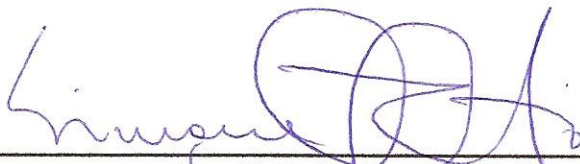
**Quebrando as regras: um estudo sobre Testemunhas de Jeová
desassociadas**

Aprovado em: 09 / 07 / 2012.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a. Dr.^a. Tereza da Nóbrega Queiroz
(Orientadora / PPGS / UFPB)



Prof.^a. Dr.^a. Simone Brito
(Examinadora / PPGS / UFPB)



Prof. Dr. Orlandil Lima Moreira
(Examinador(a) / PPGE / UFPB)

Dedico Sara Jerusalém e Felipe Gabriel.

AGRADECIMENTOS

Nessas horas lembro – com inveja – de caras como **Millôr Fernandes, La Rochefoucauld, Bertrand Russell...** Eles são do tipo de gente que diz muito, com muito pouco, e às vezes consegue ser mais conciso que um haicai. Fico imaginando, caso não fosse um sujeito tão obtuso, que esta seria a oportunidade ideal para usar habilidades poéticas. Digamos que por hoje pudesse ser eles. Sei que meus amigos ficariam lisonjeados com as frases que iria inventar. E haveria leitores a me achar sábio ou misterioso. Daí seria engraçado pensar: *“como alguns acham admiráveis pessoas que não conhecem bem”*. E, então, poderia dizer:

A Anne: “inestimável é o valor do sentimento que faz um homem e uma mulher se amarem com paixão, imaginação e ternura; desconhecê-lo é uma grande desventura”.

Ao meu pai: “nada é tão contagioso como o exemplo”.

A minha mãe: “o amor sob a sua forma mais elevada revela valores que sem ele ficariam ignorados”.

Ao meu irmão: “viver é desenhar sem borracha”.

A tia Sandra: “nunca se é tão feliz nem tão infeliz como se imagina”.

A tia Leninha: “todas as paixões nos levam a cometer erros, mas o amor faz-nos cometer os mais ridículos”.

Ao meu avó: “o tempo é a imagem móvel da eternidade imóvel”.

A Michel e Taís: “o primeiro dos bens, depois da saúde, é a paz interior”.

A Tereza Queiroz: “uma vida boa é aquela inspirada pelo amor e guiada pelo conhecimento”.

A Fábio Dantas: “a verdadeira amizade é aquela que nos permite falar, ao amigo, de todos os seus defeitos e de todas as nossas qualidades”.

A Diogo Fernandes: “ah, encha a taça: - de que vale repetir que o tempo passa rápido sob nossos pés: não nascido no amanhã, e falecido ontem, por que angustiar-se frente a eles se o hoje pode ser doce?”.

A Carolina: “a amizade, depois da sabedoria, é a mais bela dádiva feita aos homens”.

A Vânia e Felinho: “raramente conhecemos alguma pessoa de bom senso além daquelas que concordam conosco”

A Ryan e Gabriel: “Criança é esse ser infeliz que os pais põem para dormir quando ainda está cheio de animação e arrancam da cama quando ainda está estremunhado de sono”.

A Thiago e Mikaelly: “Nunca esqueça: a vida também perde a cabeça”.

A Minha banda: “Todo homem nasce original e morre plágio”.

A Rodrigo e o Castor: “quem vive sem loucura não é tão sábio quanto pensa”.

A Vinícius: “a filosofia triunfa facilmente sobre os males passados e os futuros; mas os males presentes triunfam sobre ela”.

A Luciano e Leto: “o homem hoje, para ser salvo, só tem necessidade de uma coisa: abrir o coração à alegria”.

A Thiago Bandeira: “quando se ouve boa música fica-se com saudade de algo que nunca se teve e nunca se terá”.

A Steven: Quem mata o tempo não é assassino: é suicida.

Ao Flamengo: se Euclides da Cunha fosse vivo teria preferido o Flamengo a Canudos para contar a história do povo brasileiro

Pra mim: “às vezes você está discutindo com um imbecil... e ele também”.

Para quem eu esqueci: “a melhor coisa que podemos esperar dos homens é o esquecimento”.

Já por carta vos tenho escrito, que não vos associeis com os que se prostituem; Isto não quer dizer absolutamente com os devassos deste mundo, ou com os avarentos, ou com os roubadores, ou com os idólatras; porque então vos seria necessário sair do mundo. Mas agora vos escrevi que não vos associeis com aquele que, dizendo-se irmão, for devasso, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou beerrão, ou roubador; com o tal nem ainda comais. Porque, que tenho eu em julgar também os que estão de fora? Não julgais vós os que estão dentro? Mas Deus julga os que estão de fora. Tirai, pois, dentre vós a esse iníquo. (1 Coríntios 5:9-13).

RESUMO

Cerzido à luz da teoria de Norbert Elias sobre grupos estabelecidos e outsiders, da sociologia do desvio de Howard Becker e dos estudos sobre estigma social de Goffman – este trabalho analisa o processo de desvio, estigma e exclusão social, entre Testemunhas de Jeová. Observa, ainda, como a crença na virtude e superioridade moral desse grupo religioso constitui elemento fundamental para a coesão e submissão às regras por ele criadas. Desse modo, destaca que sentimentos de vergonha e culpa, impostos pela exclusão social, impulsionariam o retorno de alguns desassociados à igreja. O fato de estarem geralmente isolados seria, portanto, outro motivo para o seu enfraquecimento enquanto grupo, como para a criação de uma autoimagem estigmatizada. Além disso, apresenta indícios que novas tecnologias de comunicação, possibilitadas pela internet, vem diminuindo o tamanho dessa distância e isolamento entre eles – reforçando a ideia eliasiana de que a balança do poder não é estática.

Palavras-chave: Testemunhas de Jeová. Desvio. Estigma. Exclusão social.

ABSTRACT

Darning the light of Norbert Elias theory on groups established and outsiders, the sociology of deviance by Howard Becker and studies of social stigma Goffman - This paper analyzes the process of diversion, stigma and social exclusion among Jehovah's Witnesses. Also notes how the belief in the virtue and moral superiority of this religious group is fundamental to the cohesion and submission to the rules established by it. Thus, points out that feelings of shame and guilt, imposed by social exclusion, would boost the return of some church disfellowshipped. The fact that they are generally isolated would therefore be another reason for its weakness as a group, as well as create a stigmatized self-image. Furthermore, evidence shows that new communication technologies, made possible by the internet, this has decreased the size and isolation distance between them – which reinforces “elisiana” idea that the balance of power is not static.

Key- words: Jehovah's Witnesses. Deviation. Stigma. Social exclusion.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. DESVIO E ESTIGMA SOCIAL.....	25
1.1 Tabu do Contato Social.....	28
1.2 Status e Imagem Social.....	33
1.3 Controle Social.....	34
1.4 Taxonomias do Desvio.....	35
1.5 Estabelecidos x Outsiders: A Balança de Poder.....	36
1.6 Sistemas de Significação e Visões de mundo.....	39
1.7 Caleidoscópio.....	41
1.8 Análise Simultânea V.S Análise Sequencial.....	42
1.9 A Carreira Desviante	44
2. TESTEMUNHAS DE JEOVÁ.....	47
2.1 A Congregação Valentina.....	47
2.2 Origens.....	55
2.3 Estrutura Política e Administrativa.....	59
2.4 Doutrina, Controle Social e Desassociação.....	64
3. HISTÓRIAS DE DESASSOCIADOS.....	78
3.1 Caso Camila.....	79
3.2 A Comissão Judicativa.....	86
3.3 Desassociações.....	92
3.4 Autoimagem e Isolamento, Negação ou Retorno.....	94
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	121

INTRODUÇÃO

Ouvi essa história sobre o **Sítio do Pica-Pau Amarelo** já faz muito tempo¹. Vou adiantando sem reservas aos leitores mais exigentes, que não garanto reproduzi-la ao pé da letra. Se ainda recordo bem, tudo começou quando, motivada por um assalto de indagações feitas por Pedrinho, Dona Benta tentou explicar aos netos a etimologia da palavra ostracismo. O menino, que vira a expressão pela primeira vez, havia sido tomado pela agitação de um tufão. Curiosidade que só se aplacaria quando encontrasse resposta convincente para o termo. O texto em que descobriu a palavra sugeria possíveis respostas, mas isto era pouco para um espírito jovem e tão ávido por certezas. Como não existisse Google ou Internet e o único dicionário do Sítio estivesse em posse do Visconde de Sabugosa, que se metera numa expedição científica, o jeito foi apelar para a sabedoria da Vovó.

Dona Benta esclarecia que a etimologia da palavra se devia a uma lei criada pelo legislador grego Clístenes, sucessor de Sólon, responsável pela reforma democrática ateniense em 508 a.C, reforma esta que permitiu a todos os cidadãos o direito ao voto e a ocupar cargos públicos, sem a fixação de uma renda mínima ou quaisquer critérios plutocráticos. Mas foi interrompida abruptamente pela tagarela da Emília:

– Essa história está mal contada! – disse a Boneca de Pano.

– Não diga asneira! Deixe vovó contar a história. – rematou Narizinho.

– Conheço outra, muito mais interessante, para explicar o surgimento dessa palavra – asseverou a Boneca, com autoridade e o dedo indicador visivelmente hirtó.

Todos ficaram assustados, mas de certa forma já sabiam o que esperar.

– Na Grécia antiga muito antes de Clístenes – prosseguiu a Boneca – vivia um menino chamado Cismo, que sofria de um grave problema de dislexia. Doença ainda não diagnosticada naquela época. Buscaram-se, então, os mais diversos métodos para

¹ Monteiro Lobato inventaria algo mais criativo, provavelmente também escolheria um artifício literário melhor.

curá-lo e a ajuda do Oráculo de Delfos – o mesmo que proclamou Sócrates o homem mais sábio da Grécia. Más notícias seriam anunciadas pela pitonisa de Delfos, que se confirmaram no futuro. O Coitadinho jamais conseguiu ler e compreender bem a escrita; sofria horrores para associar corretamente palavras e coisas. Seu pai, dedicado inicialmente à produção de ostras para subsistência familiar, negociava o excedente com comerciantes fenícios, criando assim acúmulo razoável de riquezas materiais. Gastou uma fortuna com os mais renomados mágicos da época, sem o menor sucesso. As preocupações apenas aumentavam, porque Cismo crescia e era o único herdeiro da família.

– O que isso tem a ver com ostracismo? – gritou Narizinho já impaciente.

– Durante muito tempo seus pais tentariam em vão – continuou Emília sem dar a menor bola – que o menino aprendesse pronunciar a palavra ostra. Pegavam vários desses moluscos e colocavam sobre a mesa, repetindo em voz alta: “isso aqui é uma **ostra, Cismo**”! “**Ostra, Cismo**”... “Repita comigo, por Zeus! **Ostra, Cismo, Ostra!**”. O menino sempre titubeava, às vezes conseguia sucesso fugaz, esquecendo tudo em seguida. Daí, de tanto repetirem: “**ostra, Cismo**”... “**ostra, Cismo**”... o pobrezinho do Cismo ganharia o apelido de Ostracismo! Por falta de progressos médicos e pela grande quantidade de pessoas preconceituosas e desumanas ao redor dele, de olho gordo na herança, o garoto foi sendo colocado para escanteio. Ostracismo, então, passaria a designar, em sentido figurado, exclusão ou banimento – concluiu peremptoriamente a Boneca.

Gargalhadas se ergueram em alto e bom som, formando uma espécie de tsunami acústico que varreu toda a extensão da casa. Tia Anastácia que estava na cozinha, preparando delicioso feijão no coco, tomaria um susto dos diabos com tamanho vagalhão. Ela nadou rapidamente até a sala e, mesmo sem saber por que todos riam, começou a rir também. Emília ficou naturalmente irritada.

– Vovó conte a história e não dê mais ouvidos à Emília, – disse Pedrinho, sem conter a expressão de riso.

– Duvido que seja mais criativa que a minha! – retorquiu a Boneca, resabiada.

– Vocês lembram onde parei a história? – perguntou calmamente Dona Benta.

– A senhora falava sobre Clístenes e as reformas democráticas – explicou Pedrinho.

Ah! – dizia a vovó retomando o pensamento – Clístenes pretendia proteger a democracia de Atenas de inimigos perigosos. Portanto criou um decreto que punia com o banimento social qualquer pessoa que investisse contra ela. A expulsão durava 10 anos e o condenado ainda tinha seus bens confiscados pelo Estado. O Julgamento era realizado por uma assembleia. Os votos eram escritos na cavidade de um caco de vasilha de cerâmica, *óstrakon*, que deveria ser entregue a um magistrado encarregado da contagem. A decisão precisava ainda ser referendada, noutra assembleia, para que a pena fosse aplicada. Mas era possível que a assembleia revertisse a opinião. O primeiro a receber o desterro social do ostracismo foi Hiparco. Hoje em dia o termo se popularizou e é usado para designar situações de exclusão e isolamento social.

– Já ouvi a palavra sendo usada pra se referir a artistas famosas que caíram na penumbra, Vovó! – comentou Narizinho.

– Como disse, a expressão se popularizou. As palavras têm significados mutáveis, estão sujeitas à época e às pessoas. É natural que ostracismo hoje possa ser usado para essas situações também. Mas lembre-se que nem sempre cair no ostracismo, nesse caso, significa falta de talento artístico ou incapacidade de criar obras admiráveis. Às vezes o problema está nos interesses comerciais da indústria cultural – comentou Dona Benta que ainda faria um belo discurso sobre a arte.

– Assim, existiriam várias pessoas que vivem no ostracismo, no livro que comecei a ler ontem, – disse Pedrinho inquieto. O livro contava a história de aborígenes que foram expulsos de sua tribo na Austrália. Muitos deles chegavam a morrer com tanto sofrimento.

– Infelizmente você tem razão meu filho – disse a vovó.

– Vovó, ouvi dizer que as Testemunhas de Jeová também impõe ostracismo a algumas pessoas. Isto é verdade? Por que fazem isso?

– Até onde sei, é verdade sim – disse a velhinha.

* * *

Inquietações como as de Pedrinho perturbam este autor desde longa data. Conheci as Testemunhas de Jeová por intermédio de uma tia, que vivia encantada com a promessa de viver eternamente no Paraíso, num mundo maravilhoso em que as pessoas estariam sempre felizes e os mortos seriam ressuscitados. Suponho que o menos cândido e otimista dos mortais gostaria de morar num lugar assim². O melhor dos mundos possíveis, livre de injustiças, com possibilidades infinitas de desenvolvimento intelectual, amor e paz abundante. Essas ideias eram impressas como ferretes em nossas almas e aquecidas por publicações ricamente ilustradas e atrativas, retocadas pela habilidade no manuseio da palavra dos membros mais experientes da igreja, em especial os dirigentes congregacionais.

As pessoas se sentiam muito orgulhosas de fazer parte da Organização de Jeová. Isto garantia a oportunidade de alertar o mundo sobre sua destruição iminente, contribuindo para salvação de inúmeras vidas. Há aí também uma espécie de autoestima que só teria sentido no interior do grupo. Os indivíduos compartilham carisma e o prestígio coletivo, reforçando mutuamente laços e crenças sociais. Estejam eles convencidos do valor das próprias ideias, mais coesos e seguros de suas crenças, tal sentimento ganhará novos níveis de fermentação.

Os movimentos religiosos que estiveram envoltos por esse ímã social provocaram um forte êxtase arrebatador. Os primitivos cristãos encarnam perfeitamente esse espírito. Foram notáveis em seu desprendimento e devoção ardente às crenças. Muitos enfrentaram a morte sem temê-la. Nero incendiou centenas deles em espetos de madeira, numa atitude inócua para demovê-los da fé. Martin Lutero, por sua vez, causou estardalhaço na luta contra a igreja Católica, contrapondo-se à ideia de que indulgências divinas podiam ser compradas. Despertou sentimentos enraizados e candentes em vários cristãos, redefinindo a história da religião mais influente do Ocidente.

Como veremos ao longo desse trabalho, Charles Taze Russell, fundador das Testemunhas de Jeová, esteve contagiado por tais promessas. A igreja que criou no Século XIX sempre dependeu maciçamente da ação ou da constituição de uma coletividade forte e coesa relacionada aos níveis de engajamento individual.

² Julgo que até Leibniz e Voltaire concordariam neste ponto.

Expectativas periodicamente renovadas de que o fim do mundo está próximo, permitiu que mobilizassem milhões de pessoas numa corrida frenética pela salvação.

A necessidade vital de manutenção da unidade e homogeneidade do grupo impulsionaria a prática do ostracismo, conhecida entre eles como desassociação. Testemunhas de Jeová estarão sujeitas às mais variadas regras restritivas, durante o tempo em que permanecerem ligadas à igreja. Estas regerão boa parte de sua vida. Os desvios de normas tendem sempre a acarretar sanções desconfortáveis, conflitos sociais e a própria expulsão da igreja. Manter-se fiel à doutrina e garantir com isso a salvação espiritual, torna-se uma tarefa muito difícil.

De acordo com a regra da desassociação, ao desassociado é negado o direito de se comunicar com antigos amigos da religião. Além de mantidos distantes da igreja, são tratados como seres ignóbeis. Esse estigma doloroso é reforçado por crenças fortemente arraigadas e sentimentos de culpa e solidão.

A primeira vez que tive conhecimento da existência dessas pessoas fiquei um pouco assustado. Ainda era garoto e tudo aquilo parecia confuso. Qual era o sentido da desassociação? Tratava-se de um procedimento justo, apoiado em bons princípios éticos? Essas pessoas eram tão más e perigosas assim? Percebia que as Testemunhas de Jeová criavam tabus em relações aos que recebiam o ostracismo, que não gostavam de dialogar sobre o tema. Os desassociados representavam a impiedade: “ovelhas desgarradas” cuja rebeldia lhes custaria à própria vida.

Homogeneidade de pensamento não pode ser garantida em termos absolutos. No menor e mais coeso dos grupos há discordâncias. Interdições às vezes não resistem a investigações argutas e a uma boa conversa amistosa e sincera. Algumas Testemunhas de Jeová estão à procura de novas respostas para tais questões. Muitas sofreram o processo de desassociação ou convivem com parentes e amigos nessas circunstâncias. De qualquer maneira, as fortes pressões para o cumprimento de regras e as ameaças constantes de expulsão, são suficientes para fazer deste um tema urgente para o grupo.

Desvio social entre as Testemunhas de Jeová é considerado pecado, isto é, uma falha de caráter moral que confrontaria diretamente as leis de Deus. O sentimento de pecado exerceu historicamente grande influência na religião cristã. A igreja Católica se

valeu do pecado como fonte de poder clerical³, capaz de obtemperar contendas entre papas e imperadores. A doutrina do pecado teria atingindo o paroxismo com Santo Agostinho, mas a existência do sentimento se estende há tempos imemoriais. Estava presente em rituais de sociedades pré-históricas e civilizações antigas. Na Grécia, por exemplo, ganhou relevo nos cultos órficos e nas ideias filosóficas que se desenvolveriam a partir desse legado místico. Em suas manifestações mais incipientes envolvem ideias de impureza ritual e a violação de tabus.

No cristianismo a concepção de pecado está ligada ao conceito de livre-arbítrio. Esta é uma questão lógica, porque não poderíamos imputar erro a alguém que não comanda as próprias ações. Seria como julgar um robô por atos que são de inteira responsabilidade de seus programadores, o que inviabilizaria justificação ao castigo retributivo. O conceito é mais uma herança judaica que grega. Russell (1977) recorda como profetas judeus atribuíam ao cativo da Babilônia à ideia de punição divina às práticas pagãs, que prevaleceram durante o período de independência da Judeia. Neste caso, a noção de pecado era um princípio coletivo, assim como a punição. As coisas mudariam progressivamente, tornando-se mais individualista à medida que os judeus perderam sua autonomia política.

O senso de pecado também é compartilhado por pessoas que não acreditam em Deus. Isto se explicaria, em parte, pelo medo às censuras sociais e a determinados aspectos da personalidade humana. O temor ao castigo ou a vexação constitui poderoso expediente para reprimir atos de desobediência. Seus efeitos são sentidos, com maior intensidade, quando a ação atinge uma autoridade respeitada. Provavelmente adolescentes que achem normal assistir filmes pornográficos entre si, se sentissem constrangidos se fossem flagrados por seus pais.

Punições e censuras são mecanismos comuns às mais diferentes formas de sociedades. A classificação de atos maus e dignos de elogio está presente em organizações sociais modernas e pré-modernas. Segundo Russell (1977), em sociedades “primitivas” já se admitia que certos atos fossem capazes de produzir prosperidade individual e coletiva, enquanto outros nos empurrariam à ruína. Tais crenças são apenas em parte sustentadas por bases racionais. A superstição teria papel importante, porque

³ Sobre essa discussão, recomendo *Ética e Política na Sociedade Humana*, de Bertrand Russell.

moralidade “primitiva” origina-se no tabu. A ideia de que objetos estão cheio de mana e que aos tocarmos morremos, ou que alimentos são puros e impuros faz parte de uma mentalidade cuja superstição é uma marca.

Russell (1977) argumenta que não existiria intenção de justiça, tal como a entendemos, nos castigos provenientes das violações de tabus. A ideia é reforçada com uma história sobre a Arca da Nova Aliança – símbolo da relação entre Deus e os judeus – narrada no livro bíblico de Samuel. De acordo com a tradição judaica, a Arca só poderia ser levada por quatro homens que transpassavam, com varas de acácia, duas argolas laterais de ouro, possibilitando assim os apoios necessários ao transporte. Não devia ser carregada numa carroça nem tocada por ninguém além dos sacerdotes levitas. Em resumo: certo dia, quando Davi transportava a Arca numa carroça e ela começou a tropicar à eira de Quindom, Uzá, que não era sacerdote, tentou evitar a queda segurando-a com as mãos. O resultado foi um ataque divino fulminante: o incauto judeu tombaria morto pela desobediência, apesar de sua nobre intenção.

Desse modo, a questão sociológica a ser discutida é a relação entre moral e sociedade; os códigos morais são a base para classificação de atos bons e maus, assim como o sistema de sanção que o acompanha.

É bastante comum que tabus sejam expressos na forma de estorvo à endogamia. Na Inglaterra, até meados do século passado, era proibido que um homem viúvo casasse com sua cunhada. A igreja Ortodoxa Grega é, até hoje, contra casamentos realizados entre padrinhos ou primos de 1º grau. Em todos esses exemplos não prevalecem argumentos racionais que apontem supostos prejuízos à sociedade, caso as regras sejam desrespeitadas. Elas se sustentam pela força de antigos tabus. O poder que o tabu do incesto exerce sobre nossas consciências e sentimentos é muito ilustrativo. Indivíduos frequentemente inescrupulosos tenderão a vê-lo com grande rejeição. Moll Flanders⁴ não era o tipo de pessoa que se importava com os crimes que cometia, mas não foi capaz de suportar o fato de ter mantido relação incestuosa com seu meio-irmão – mesmo que só soubesse disso após contrair matrimônio. Édipo também não suportou o peso de ter desposado a própria mãe e assassinado o pai – acabou furando os próprios olhos.

⁴ Personagem do romance homônimo de Daniel Defoe, publicado em 1772.

As Testemunhas de Jeová, por outro lado, não permitem casamentos entre pessoas divorciadas, não aceitam tratamentos médicos que façam uso de transfusão de sangue e não comemoram aniversários. Essas normas têm a qualidade de tabu, e exercem, como tal, pressão violenta sobre os sentimentos coletivos. Certos tipos de desvios sociais são punidos porque a sociedade pretende evitá-los. Daí o fato de grupos instilarem o medo do castigo como mecanismo de controle e indivíduos estarem mais inclinados a ocultar comportamentos desviantes. O problema é que às vezes os castigos acabam produzindo efeitos menos eficazes do que a expectativa de ser punido, gerando situações de insatisfação e rebeldia. A pena pode até ser dolorosa, mas nem sempre provocará resultados comparáveis ao temor.

Percebi durante esta pesquisa que alguns desassociados se mostram insatisfeitos com as censuras que receberam e se dizem recalcitrantes com os dirigentes da igreja. Determinados indivíduos, ao invés de serem expulsos, solicitam seu próprio desligamento. O processo é chamado internamente de dissociação.

Desassociados que não mais aceitam a autoridade da igreja estão se organizando ao redor do mundo em grupos de discussão político-religiosa e de crítica à Organização⁵. Frequentemente questionam aspectos fundamentais da doutrina, apontam irregularidades administrativas e servem de apoio a outros descontentes. Esses grupos não toleram o estigma que a sua antiga religião os imputa; procuram construir nova autoimagem apresentando-se como pessoas críticas que despertaram de um “sono dogmático”. Sua capacidade de organização e crítica parece, em certo ponto, ameaçadora ao poder da igreja.

A orientação religiosa das Testemunhas de Jeová é a de que seus membros façam pouco ou nenhum uso da rede de computadores mundial. A leitura de textos não oficiais, que discutam questões relacionadas à doutrina ou à crítica religiosa é veementemente proibida. Consideram apóstatas as pessoas que leem ou escrevem tais textos, o que é outro grave motivo para a desassociação.

Por outro lado, a organização política dos desassociados e a utilização de meios de comunicação como a internet, deram maior visibilidade à crítica contra as

⁵ No Brasil existe um grupo na Internet chamado *Testemunhas de Jeová Livres*, que mantém um fórum de discussões, além de comunidades no Orkut.

Testemunhas de Jeová, impondo novos direcionamentos à política da igreja. Muitas denúncias de pedofilia, violência contra as mulheres, tortura psicológica, discriminação e intolerância religiosa se tornaram públicas através da rede mundial de computadores. Por essa razão, os dirigentes sempre estiveram bastante empenhados em restringir o acesso a fontes de informação diferenciadas.

Além disso, fazem sempre advertência sobre as consequências nocivas da televisão e da leitura de livros não canônicos. Não recomendam que as pessoas façam cursos superiores e demonizam o estudo da Filosofia. Essas imposições podem ser explicadas, com efeito, a partir da tentativa de manter uma visão de mundo coesa, garantindo assim a unidade e o controle social. É tarefa complicada a manutenção dessas significações nas sociedades contemporâneas, em que coexistem múltiplas formas de atribuição de valores e sentido.

Haveria também uma diferença sociológica importante entre um pecado que nos é atribuído por um inimigo e aquele imputado por amigos ou nós mesmos. Estes últimos tendem a gerar efeitos psicológicos distintos, reacendendo sentimentos de vergonha e culpa, enquanto o primeiro valorizaria mais o orgulho. Tais sentimentos são importantes em processos mais amplos, de exclusão e estigma social, impostos a indivíduos e grupos desviantes. A abjeção do estigma vem normalmente acompanhada de uma forte rejeição. Determinados indivíduos chegam a ser extirpados da vida social de um grupo. Punks, por exemplo, execram membros do movimento que flertem com a indústria cultural. Bandas que lançam discos por gravadoras são odiadas pela ala “mais radical”⁶ do movimento, de modo que seus integrantes acabam sendo tratados como infames traidores.

Existem naturalmente várias chaves de leitura para o entendimento do desvio social. Lembro-me de uma visão estreitamente relacionada à psicologia e ao senso comum, que atribui aos indivíduos uma disposição inata para quebrar normas socialmente aceitas. Algo pré-social, imanente e inexorável. Essa visão choca-se naturalmente com a perspectiva sociológica. Neste trabalho, todavia, procurar-se-á discutir o problema do desvio social a partir de uma explicação sociológica sequencial.

⁶ Sinto que estou sendo redundante.

Não se encontrará aqui, portanto, pretensões de estabelecer relações causais simultâneas para compreender o fenômeno, referência explícita aos escritos de Howard Becker.

As leituras de Norbert Elias e Erving Goffman foram fundamentais para este estudo. Do primeiro, destaco a teoria de grupos estabelecidos e outsiders. A dinâmica de poder e como os processos de interiorização de normas morais são capazes de criar percepções estigmatizadas. Como observaremos mais adiante, os desassociados estão em franca desvantagem frente aos dirigentes da igreja. A internalização de valores do grupo estabelecido é essencial para aprofundar tais assimetrias de poder.

Do segundo, ponho em relevo as importantes reflexões sobre o estigma e sua dimensão relacional. Os aspectos ligados aos processos de interação face a face e a questão sobre expectativas sociais não correspondidas.

Não posso esquecer a sociologia do conhecimento de Peter Berger e as importantes reflexões sobre como as visões de mundo interferem na vida cotidiana. Nem o diálogo com Manuel Castells a respeito do fenômeno do fundamentalismo religioso cristão.

Preciso ainda reconhecer as afortunadas leituras de Bertrand Russell sobre o fenômeno moral, tabu e a noção de pecado.

Não sei se precisaria, ainda, avisar aos leitores que não tenho a pretensão de parecer erudito. Suponho que “a esta altura do campeonato”, eles já tenham notado que este se trata de um estudo sobre Testemunhas de Jeová desviantes, escrito na medida do possível numa linguagem acessível e a quem possa interessar. Um texto para especialistas e diletantes. Não se pode esperar dele, portanto, uma reflexão estritamente sociológica ou um texto hermético típico das tradições acadêmicas. O que não significa ausência de rigor com os pensamentos aqui expostos, na tentativa de compreender o processo de exclusão social entre as Testemunhas de Jeová.

Esta pesquisa dá continuidade a um longo percurso iniciado na graduação. No meu trabalho final de curso, analisei as relações entre o fundamentalismo e o discurso científico das Testemunhas de Jeová – com a ajuda inestimável da minha orientadora professora Tereza Queiroz. As discussões daquele período ganharam diferentes contornos, possibilitando outras perspectivas e o aparecimento de novo horizonte de

investigação sociológica. Fui naturalmente levado ao problema da desassociação que é vital para a igreja, e, ao mesmo tempo, uma realidade de inúmeras pessoas. Vale lembrar que a religião possui milhões de adeptos pelo mundo e se mantém, segundo estatísticas da própria igreja, em crescimento⁷.

Apesar de minha familiaridade e inserção na comunidade estudada, confesso que enfrentei problemas no trabalho de campo. O tema da desassociação entre eles é bastante delicado. Evitam criar controvérsias. Optei, na maioria das vezes, por entrevistar indivíduos desassociados a partir de uma rede de informações que estabeleci anteriormente. Mas ouvi também vários frequentadores da igreja. Pude colher informações valiosas de ambos os lados. Como os contatos se ampliaram, fui forçado a não me limitar a indivíduos pertencentes à congregação Valentina de Figueiredo, em João Pessoa – base inicial desta pesquisa. De tal maneira, coletei dados de fóruns na Internet, especialmente dos sítios **Testemunhas de Jeová Livres** e **ex-Testemunhas de Jeová**.

Deixo claro que todos os entrevistados receberam pseudônimo, sobretudo devido à grande preocupação com a segurança e o medo de retaliação. Na medida do possível – com cuidado para não descaracterizar demais o contexto –, algumas vozes foram unidas. Firmei, então, o compromisso de não publicizá-los e evitar pistas muito claras sobre suas reais identidades. Como bem observa Richard Sennett⁸: esses disfarces mexem com a confiança do leitor, mas não com a de um romancista que estivesse em busca de uma narrativa bem elaborada – na falta de coerência às vidas reais. A esperança, desse modo, é refletir, com clareza e exatidão, aquilo que se ouviu, mas não propriamente as circunstâncias.

Convém lembrar que nas discussões sobre a doutrina, usei como guia o livro **Raciocínios à Base das Escrituras Sagradas**, que contém um excelente resumo das principais doutrinas do grupo. Nas questões históricas tomei como principal guia o livro **Testemunhas de Jeová: Proclamadores do Reino**. É digno de nota que este livro conta a história da religião do ponto de vista religioso. Um livro sobre as Testemunhas de Jeová escrito por suas próprias mãos. Todavia, encontramos informações valiosas de episódios de âmbito interno, que não encontramos em outras fontes –, além de ser

⁷ A Igreja publica todos os anos um livro com dados estatísticos da religião.

⁸ Em *A Corrosão do Caráter*.

bastante útil para entendermos melhor como veem a si mesmos. Também consulte a enciclopédia livre Wikipédia.

Acrescento ainda que todas as citações bíblicas foram feitas a partir da **Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas**. Julguei que, por se tratar de tradução elaborada pelas próprias Testemunhas de Jeová, as análises se enriqueceriam.

Nenhum desses livros tem seus autores declarados. Sabe-se apenas que foram editados pela *Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratado*, editora que pertence às próprias Testemunhas de Jeová, e que toda a produção teológica é responsabilidade do Corpo Governante da organização. Os textos são impressos de forma massificada. As edições costumam ganhar tiragens com cifras milionárias. Internamente a distribuição dos exemplares é feita pelas próprias congregações. Os não iniciados podem eventualmente adquiri-los através do serviço de pregação domiciliar ou por meio da Internet.

O trabalho está dividido em três grandes sessões. A primeira tratará de discutir o fenômeno do desvio e do estigma social –, suas características mais fundamentais e a ideia da construção de uma autoimagem coletiva. A segunda parte é uma tentativa de se compreender a religião internamente. Nela faço uma contextualização histórica de seu surgimento e mostro as características administrativas da igreja, os dogmas mais importantes e as principais características da desassociação. Além de apresentar pormenores sobre a congregação Valentina. Na terceira, analiso situações particulares de desassociação, procurando, assim, compreender a sociodinâmica do fenômeno à luz dos próprios sujeitos.

Ressaltaria ainda que o fato de este autor ter sido estudante da Bíblia e conviver durante longo tempo com as Testemunhas de Jeová, contribuiu decisivamente para a realização desse empreendimento intelectual. Espero, no entanto, que as ameaças inconscientes de parcialidade e imposturas, sempre latentes nesses casos, não coloquem em dúvida a qualidade do trabalho.

William James dizia que se desejamos conhecer um homem é fundamental interrogar qual a sua visão do universo. Em outras palavras:

Achamos que para uma senhoria que considera o seu inquilino, o importante é conhecer os seus rendimentos, porém ainda mais importante é conhecer sua filosofia. Achamos que para um general prestes a combater um inimigo, o importante é saber o número de inimigos, porém mais importante ainda é saber a filosofia do inimigo. Achamos que a questão não é se a teoria do cosmos afeta os negócios, e sim, porém, se a longo prazo são afetados por alguma coisa. (JAMES, 1989, p.2).

Mesmo não sendo o que se possa chamar de um filósofo pragmatista, reconheço o valor das ideias acima.

* * *

Precisamos, por ora, abandonar essas divagações e singrar por este indócil e traiçoeiro mar – a bordo de uma perigosa expedição sociológica. Aportaremos em uma ilha exótica, onde habitam feras intramuros. Não devemos temê-las, sem antes compreender suas singularidades. Afinal, como dizia Proust (e se não disse assim, digamos que o tivesse dito), “a verdadeira viagem não está em sair à procura de novas paisagens, mas em possuir novos olhos”.

* * *

Havia já alguns dias e o céu começava a toldar-se, e era preciso tomar providências para o inverno, arranjando habitação mais abrigada e cômoda que a chaminé.

– Além disso – observou Ciro Smith –, temos de tomar precauções.

– Precauções por quê? A ilha não é habitada – disse o jornalista.

– É provável que não seja, mas nós ainda não a exploramos. Se não existir aqui nenhum humano, pelo menos animais ferozes devem existir. Por isso, devemos procurar abrigo que nos livre de qualquer agressão possível. E, depois, convém lembrar que estamos numa parte do pacífico muito frequentada por piratas malaios.

– Pois bem – interveio Pencroff – fortifiquemo-nos contra qualquer espécie de selvagens, seja de dois ou de quatro pés. Mas, senhor Ciro, não seria mais razoável explorar toda ilha antes de empreendermos qualquer coisa?

– Realmente, seria melhor – acrescentou Gedeão – quem nos diz que na outra costa não encontraremos cavernas?

– Pode ser – disse o engenheiro – mas vocês se esquecem de que precisamos estabelecer-nos nas vizinhanças de um rio qualquer, e que do monte Franklin não vimos nenhum regato para o lado oeste. Aqui ficamos entre o Providência e o lago Grant, vantagens que não devemos desprezar. De mais a mais, esta costa, orientada para leste, fica exposta tanto quanto a outra aos ventos que neste hemisfério sopra de noroeste.

– Neste caso, senhor Ciro – disse Pencroff –, o melhor é construirmos uma casa nas margens do lago.

– Sim, mas antes convém procurar alguma habitação já preparada pela natureza, o que nos poupará trabalho e será abrigo mais seguro.

(Júlio Verne, A Ilha Misteriosa, p. 68-69)

1. Desvio e Estigma Social

Este capítulo discute o conceito de desvio e estigma social sob a ótica de Elias, Becker e Goffman. Enfatiza a ideia relativista de que as normas e padrões morais variam, historicamente, de grupo para grupo, e que o estigma está ligado ao processo de internalização de valores comuns. Apresenta, ainda, a teoria eliasiana da balança de poder e sua correlação com grupos estabelecidos e outsiders.

Regras são criadas pelos mais diferentes grupos sociais, assim como os meios adequados para obrigar a sua execução. Estes variam. Alguns são de natureza jurídica, outros baseados na ameaça iminente de castigos físicos, em questões morais, emocionais, ou simplesmente nos costumes e tradição. Tais são as normas do direito consuetudinário inglês e o levirato entre os antigos judeus. Por outro lado, a multiplicidade de instrumentos de controle não significa garantia absoluta que os indivíduos seguirão as normas ao pé da letra. Pelo contrário, elas podem a qualquer momento ser violadas ou cair em desuso. Isso acontece com maior frequência do que se possa imaginar.

No Alabama, Estados Unidos, existe uma lei que proíbe jogar dominó aos domingos. A prática de sexo oral é considerada crime de sodomia em vários Estados norte-americanos⁹. Na França, é ilegal beijar outra pessoa num trem. Em Idaho é igualmente criminoso presentear a namorada com uma caixa de bombons que pese menos de 50 libras¹⁰. Na Paraíba, é proibido falar palavrão em estádios de futebol¹¹. Em Denver há uma lei curiosa que proíbe emprestar o aspirador de pó ao vizinho. É difícil, porém, imaginar que os desvios dessas regras produzam, hoje em dia, algum tipo de fúria ou sanção.

A quebra de regras que ainda possuem força social, ao contrário das obsoletas, não costuma passar inócua aos indivíduos – sejam elas jurídicas ou não. O desviante nesses casos é habitualmente considerado um outsider. Em outras palavras: alguém estigmatizado, que estaria fora da “boa sociedade” e padeceria de indecoroso rebaixamento moral.

Segundo Becker (2009), quando identificamos um indivíduo como desviante, é bastante comum interrogarmos “por que diabos essa pessoa quebraria uma regra tão importante”? O que nos levaria em seguida a questionar seu caráter moral e humanidade.

O status de outsider implicaria na ideia de anormalidade. Goffman (1980) salienta que a sociedade estabelece os mecanismos que utilizamos para caracterizar as pessoas e os respectivos atributos considerados normais ou anormais por cada categoria social, de tal maneira que esses conceitos só ganhariam sentido numa lógica relacional.

⁹ Em **O Poder da Identidade**, Manuel Castells demonstra como a prática de sexo oral aumentou gigantescamente no país durante o século XX.

¹⁰ O equivalente a 23 gramas. Os avarentos devem detestar essa lei.

¹¹ Reportagem da Rede Globo sobre essa questão: http://www.youtube.com/watch?v=LQ43_FLn4XI

Não existiria, portanto, anormalidade em si, mas apenas em relação à determinada pessoa ou grupo social.

Goffman (1980) reforça esses argumentos com ilustrações práticas; entre elas, o caso de um criminoso profissional que sempre antes de entrar numa biblioteca observava com atenção ambos os lados da rua, no esforço de evitar ser visto por algum de seus colegas. Provavelmente um jovem de classe média não se sentisse incomodado caso fosse flagrado em situação semelhante, tampouco se tratasse ele de um estudante ou intelectual.

Percebe-se que os ambientes sociais também estão ligados ao processo de construção de identidades e que existe, evidentemente, uma probabilidade maior de encontrarmos determinados tipos de indivíduos em certos lugares.

Imaginando que um grupo de mulheres mais tradicional resolvesse por curiosidade visitar um “cabaré”, supõe-se bastante provável que acabassem confundidas com prostitutas. O episódio não deixaria de provocar estranhamento, chistes ou comentários de espanto. Situações análogas devem ocorrer com heterossexuais que frequentem casas noturnas gays. Sem dúvidas há mais visos de verdade na hipótese de encontrarmos prostitutas e homossexuais nesses locais. Como católicos nas missas aos domingos; torcedores rubro-negros nos jogos do Flamengo e amantes da música erudita em concertos de orquestras sinfônicas. Apesar do truísmo, os exemplos não deixam de ser graciosos, além de contribuir com elementos interessantes para discussão.

As relações sociais são comumente rotinizadas, criando-se expectativas recíprocas de comportamento. Em geral as situações de interação são preestabelecidas estruturalmente, o que induz os indivíduos a naturalizá-las.

O estigma social tornaria possível a separação entre indivíduos “normais” e “anormais”. Goffman (1980) afirma que quando um estranho nos é apresentado, costumamos prever seus atributos, categoria e identidade social. Nossas pré-concepções, a partir daí, seriam transformadas em exigências normativas, encaradas de modo rigoroso.

Às vezes, porém, acabaríamos surpreendidos por situações práticas que colocariam dúvidas sobre nossas classificações. Como se frustrasse a tentativa de atribuir identidade a determinada pessoa, procuraríamos redefinir a categorização anterior. O primeiro caso chamamos de identidade social virtual ou potencial; o segundo

de identidade social real. Porque o suposto estranho poderia evidenciar atributos não esperados, que nos obrigassem a reconhecê-lo como diferente dos outros membros de sua categoria. Poderíamos após isso vê-lo como pessoa má ou fraca – um tipo humano desprezível. O nível de descrédito da pessoa variará essencialmente de acordo com a natureza do seu estigma.

Existiriam, assim, diferentes discrepâncias entre identidade social virtual e real. Isto fica mais claro quando verificamos que há situações em que apenas relocamos indivíduos em categorias diferentes, sem que exista algo depreciativo nessa troca. Outras há em que atribuímos estigma.

Os indivíduos “normais” criariam formas específicas de comportamento nos encontros com os “anormais”. É bastante comum a adoção de respostas sociais benfazejas que ajudem a suavizar o problema da diferença. Todavia, no fundo, os estigmatizados seriam encarados como seres inferiores ou semi-humanos. Tal condição induziria à criação de ideologias que justificassem a inferioridade, além de uma linguagem especial em tom depreciativo.

Lembro, prazerosamente, do quixotesco personagem de *José Lins do Rêgo* em *Fogo Morto*, *Capitão Viturino*, que se via forçado a suportar o infame epíteto de *Papa-Rabo*. Alcinha que, no final das contas, apenas contribuía para piorar sua imagem de indivíduo desacreditado e fanfarrão.

– *Bom dia, seu Viturino.*

– *Dobre a língua, não sou de sua laia. Capitão Viturino. Paguei patente foi para isto.*

– *Me desculpe, seu Viturino.*

– *Vá se danando. Vá atrás dos seus machos.*

– *Cala a boca, velho debochado.*

Viturino quis levantar a tabica agressivamente. A mulher correu para cima do barranco e abriu nos desaforos:

– *Velho mufuca. Quem é que não te conhece, cachorro velho.*

– *Papa-Rabo – gritaram mais adiante.*

– *É a mãe.*

* * *

1.1 Tabu do Contato Social

Elias afirma que (2000) as sociedades produziram uma infinidade de termos estigmatizantes, que apenas teriam sentido de acordo com determinadas figurações estabelecidos x outsiders. “Crioulo”, “bicha”, “sapatão”, “vadia”, “borra calças”, “papa-hóstia” seriam algumas dessas expressões. A intensidade dessas palavras variará com o grau de internalização de valores do grupo estabelecido pelos outsiders – e as desvantagens nas relações de poder existente entre eles.

Além disso, os grupos outsiders costumam ser tratados como um conjunto de pessoas literalmente sujas. A imundície seria mais um atributo desonroso vomitado contra eles. Elias (2000) argumenta que é típico aos grupos estabelecidos se vangloriarem de serem mais limpos e puros, levando-os a evitar o contato com outsiders como meio de assegurar pureza física e moral.

O sentimento difundido que o contato com membros de grupos outsiders contamina, observado nos grupos estabelecidos, refere-se à contaminação pela anomia e pela sujeira, misturadas numa só coisa. (Elias, 2000, p.29)

Situação bastante semelhante ocorria com os judeus na Alemanha hitlerista. Bauman (1998) observa como a visão de mundo nazista, fundada na ideia de superioridade germânica, implicou num processo de “desumanização” do povo judeu. Na medida em que seus direitos foram espoliados pelo Estado Alemão, à reboque perderiam a própria germanidade. O *Reich* criou a categoria de cidadãos limpos; de sangue-puro ariano. Os judeus ficaram de tal modo obrigados a usar símbolos distintivos em suas roupas, que tiveram casas e estabelecimentos comerciais marcados, com a finalidade de distingui-los socialmente, intensificando assim o processo de exclusão social.

Os judeus foram acusados de crimes hediondos, intenções perniciosas e vícios hereditários repugnantes. Acima de tudo, em afinação com a

sensibilidade higiênica da civilização moderna, medos e fobias normalmente despertados por vermes e bactérias foram insuflados, apelando-se à obsessão do homem moderno com a saúde e o saneamento. A condição de judeu foi apresentada como uma doença contagiosa e seus portadores como uma versão atualizada da febre tifóide. Ter relações sexuais com judeus era abraçar o perigo. Os mecanismos sócio-psicológicos usados para produzir a reação de nojo e aversão diante, digamos, da carne crua ou do cheiro de urina humana— descritos de forma tão convincente por Norbert Elias no seu balanço do processo civilizador, foram utilizados para tornar a própria presença dos judeus nauseante e repulsiva. (Bauman, 1998, p.150)

Tais circunstâncias, agravadas pela propaganda governamental higienista, ajudaram a insuflar sentimentos de repulsa popular contra os judeus, colocando sobre seus ombros um pesado fardo, recheado de crimes horrorosos, e a crença numa inclinação natural para o mal. Tratados como indivíduos churros, fétidos e piolhentos, não tardaria para que o isolamento nos campos de concentração fosse celebrado como a atitude profilática mais sensata a ser tomada.

Bauman conta que:

Isolar os judeus de uma comunidade racialmente pura era "regra elementar de higiene, racial, nacional e social". Havia pessoas boas e pessoas más, argumentava Goebbels, assim como há bons e maus animais. "O fato de que o judeu ainda vive entre nós não significa que ele pertence ao meio, assim como uma mosca não vira animal doméstico pelo fato de viver na casa." A questão judaica, nas palavras do assessor de imprensa do Ministério do Exterior, era "eine Frage der politischen Hygiene" ["uma questão de higiene política"].

Interdições de contato social entre indivíduos é também uma prática historicamente comum entre as religiões. Com destaque especial àquelas ligadas a sistemas rígidos de estratificação. Na Índia, o aparecimento das castas remonta às invasões arianas, no período entre 1500 e 2000 anos a.C. Esse sistema possui uma estrutura bastante hierarquizada e orgânica. Para se ter ideia, a posição que os indivíduos ocupam na estrutura social é estabelecida de forma hereditária —, a partir do nascimento.

Elias diz:

Cristalizadas numa tradição, essa política resultou numa situação em que todos os grupos cerraram fileiras contra quaisquer outros tidos como status inferior. Todos os grupos que se distinguiam dos demais por sua posição e suas funções sociais tornaram-se hereditários, sendo em princípio, ainda que nem sempre na prática, inacessíveis aos que não nasciam em seu seio. (Elias, 200, p.47)

Como os casamentos eram endógenos, ou seja, ocorriam no interior das castas, a mobilidade social tornava-se praticamente impossível. O fator hereditário tinha papel preponderante em relação ao status. As diferenças sociais eram legitimadas a partir da fé religiosa na metempsicose e no dahrma – lei natural que governaria o mundo físico e social. A crença que as pessoas nascem e morrem sucessivamente é chamada de *samsara*. Foi introduzida com os *Upanixades* entre 900 e 600 a.C, juntamente com o carma, isto é, a ideia de que o fluxo contínuo de nascimentos depende exclusivamente dos nossos comportamentos em vidas pregressas. Acreditava-se que as pessoas poderiam ascender a posições mais vantajosas no mundo divino, biológico e social, desde que se mantivessem virtuosos. Alguém que levasse suas vidas regradas a vícios correria o sério risco de acordar, certa manhã, encarnando num inseto, igualzinho ao Gregor Samsa!

O Carma funcionaria como uma eficiente forma de legitimação das desigualdades:

Como doutrina social, o carma justificava as diferenças entre os estratos sociais como inatas e merecidas. Somos o que somos porque o merecemos. Passaremos um estágio superior na próxima vida se cumprimos fielmente as obrigações da nossa encarnação atual. (Hecht, 2005, p.1110)

Segundo Dumont (2008), o sistema de castas estaria fundado na oposição *puro x impuro*. A pureza de alguém, no entanto, seria passível à variação de acordo com circunstâncias práticas. Os hindus creem que os comportamentos que adotamos em relação às regras sociais, acarretariam na preservação do nosso status religioso. Como acreditssem que o contato com um pária causasse poluição, membros de castas superiores evitam aproximações numa tentativa de manter-se impolutos. Os desvios sociais estariam inextricavelmente relacionados às expectativas espirituais, e a crença no fluxo contínuo de reencarnações. É interessantíssimo como um sistema dessa natureza pôde permanecer vigoroso durante séculos.

Elias (2000) argumenta que uma rede de censuras funcionaria como mecanismo de coesão do grupo e exibição de sua pretensa superioridade. Tabus alimentares aliados a obrigações impostas aos intocáveis, como andar sem sapatos nas ruas por membros de castas superiores – e outras duras prescrições –, acentuariam os contrastes e materializando ainda mais o fenômeno da exclusão social.

A figuração indiana castas-párias seria o resultado do processo de conquista e dominação de antigos povos indianos, por invasores oriundos do norte da Ásia. Especula-se que os vencedores em determinado momento histórico – sofrendo com a escassez feminina –, tenham afrouxado as fronteiras em relação às mulheres dos grupos subjugados. Mas, de modo geral, a exclusão demonstrou ser uma constante austera e cruel.

O risco e a expectativa quase sempre atemorizante de perder privilégios sociais atuariam como elementos decisivos. Diria que são fundamentais para que grupos estabelecidos coloquem em prática políticas segregacionistas. Como estão privados do carisma coletivo, os outsiders têm afetada a percepção que possuem de si e dos estabelecidos – ao internalizar valores dominantes. Alhures, quando a população da Índia foi dominada, grupos outsiders foram expulsos para fora da aldeia. Isso significou a não participação política e restrição às cerimônias religiosas importantes. Outra questão, todavia interessante, seria interrogar como essa dominação, originalmente política, ganhou aos poucos uma dimensão religiosa tão profunda, fulcrada essencialmente numa lógica de negação do outro.

Elias (1996) argumenta que em certas sociedades hierarquicamente estruturadas, nossas ações ganhariam o valor de prestígio em presença de outros indivíduos. As atitudes seriam embebidas pela polidez, típica do processo de controle das emoções operado pela civilização, criando assim uma série de comportamentos e expectativas recíprocas nas relações de interação, o que ocasionaria maior observância às regras e apaziguamento de atitudes humanas mais impulsivas. A exclusão social nesse contexto poderia ser traduzida como uma espécie de morte social.

Segundo Elias (2000), quando os estabelecidos se sentem acuados sob grande pressão, é comum usarem artifícios restritivos contra si mesmos, como símbolos marcadores de superioridade e carisma. Vemos aqui uma nova interpretação para elementos latentes de hábitos aparentemente pitorescos. É possível, seguindo o fio desse raciocínio, relacioná-lo à recusa dos brâmanes em ingerir carne de vaca; ao fato de judeus e mulçumanos não se alimentarem de porco e a negação das Testemunhas de Jeová em receber transfusão de sangue e comemorar aniversários natalícios.

Os exemplos de exclusão social, no universo religioso, não se esgotam aqui. Recordo que quando o cristianismo ainda era uma seita reformista, pregada de judeu para judeu, a crença em Jesus Cristo como messias profetizado na Bíblia hebraica

representava a doutrina de maior controvérsia em relação à teologia judaica tradicional. Apesar de tal desacordo, judaísmo e cristianismo possuíam grandes semelhanças. Ambos adotavam práticas restritivas que estavam estreitamente ligadas ao carisma coletivo. Eram adeptos da circuncisão e viviam sob estóicas restrições alimentícias. Consideravam o sábado dia sagrado, assim como nossos contemporâneos adventistas, destinado ao descanso e a plena adoração religiosa. Para eles, a história tinha uma finalidade sagrada e o mundo teria sido criado à maneira descrita no livro bíblico de Gêneses. Algo muito importante era a crença de que seriam o povo escolhido por Deus.

Essa crença estabelecia graves limitações para o convívio com outros povos, ao passo em que os concebia como pessoas inferiores. Trocando em miúdos: seres desprezados por Deus, incapazes de alcançar a salvação.

A história do cristianismo não tardaria, porém, a demonstrar como disputas renhidas entre facções religiosas rivais capitulariam algumas dessas concepções. Os apóstolos Pedro e Paulo foram inicialmente os dois principais personagens desse conflito. O primeiro, de tendência mais conservadora, defendia que o cristianismo precisava manter-se fiel à sua essência judaica, sem admitir a conversão dos gentios, mantendo-os draconianamente excluídos. O Apóstolo Paulo foi o principal responsável pelas mudanças que a religião passaria nesse período. Apostou na disseminação do cristianismo para além do universo judaico. Sua ousadia é um marco na história da religião. Como não rejeitava completamente as doutrinas judaicas, soube conservar aquilo que parecia mais valioso e se opor às normas mais incômodas da Lei Mosaica, deixando a religião mais atrativa e aberta a outros povos, bem como fluidas suas fronteiras.

O cristianismo acabaria logo se expandindo para países vizinhos. Em breve, chegaria à Grécia, principal potência cultural da época. A teologia cristã recebeu enorme influência helênica: a ideia de um Deus onipotente criador dos céus e da terra e a doutrina da justiça divina como recompensa aos virtuosos, são heranças desse período. Daí em diante, um grande salto histórico que culminaria com o estabelecimento da Igreja Católica Romana e a hegemonia religiosa cristã no Ocidente. Graças, inicialmente, à atitude desviante de Paulo em violar as regras judaicas.

1.2 Status e Imagem Social

Becker (2009) observa que certos indivíduos, ao quebrarem regras, costumam ser vistos como desviantes em sentido pleno – numa determinada situação relacional. O status desviante de um determinado indivíduo se sobreporia construindo obstáculos para o convívio em grupos convencionais. Por isso é que ex-presidiários e usuários de drogas enfrentariam sérias dificuldades em encontrar novo trabalho. Dado que os empregadores tenderiam a percebê-los através do estigma, em detrimento de suas aptidões para o emprego.

Esse tipo de tratamento os privaria de atividades comuns à vida cotidiana da maioria das pessoas. A exclusão costuma produzir profecias autorrealizáveis, fazendo com que muitos desses desviantes se dediquem a atividades ilegais –, depois de esgotadas todas as possibilidades de recomeço. A alternativa mais usual é a manipulação da autoimagem, no esforço teatral de ocultar o estigma. Mulheres que deixaram a prostituição, por exemplo, costumam esconder informações sobre sua antiga profissão, como em geral fazem os usuários de drogas quando estão, frente a frente, com pessoas “normais”.

Essas questões, ademais, nos ajudam a compreender porque alguns indivíduos tentam ocultar atributos sociais negativos em determinadas relações de interação. *Tennessee Williams*¹² traduziu esse problema para o teatro, na figura da professora de inglês *Blanche Dubouis*,¹³ personagem que perderia o emprego devido ao envolvimento amoroso com um rapaz de 17 anos, e o marido que se suicida após a descoberta de sua homossexualidade.

Em consequência de tais acontecimentos, *Dubouis* resolve se mudar para a residência de sua irmã em *New Orleans* – numa tentativa mal sucedida de fuga da realidade. Daí em diante, se entrega a um torvelinho de ilusões, fantasia e manipulação da própria imagem. Seus comportamentos se tornam progressivamente caricaturais, com tons excessivos de virtude e refinamento intelectual. Até o momento em que seu cunhando, um homem rude e agressivo devassa seus segredos, arruinando- lhe as

¹² Um dos mais importantes dramaturgos estadunidenses do século XX.

¹³ Protagonista da peça **Um Bonde Chamado Desejo**.

expectativas de reconstruir a vida. O desenlace é dramático: reclusão em uma clínica psiquiátrica!

* * *

1.2 Controle Social

O sentimento de vergonha e o medo da degradação moral estão umbilicalmente conectados à dissimulação de *Dubouis* – diante dos episódios “indecorosos” de seu passado. Berger (1983) enfatiza que o ridículo, a difamação e o opróbrio são poderosos instrumentos de controle social, presentes em todos os tipos de grupos primários. Lembra ainda como algumas sociedades usam tais expedientes contra as crianças que tenderiam a seguir as normas mais pelo receio da zombaria, que propriamente pelo castigo em si. A difamação e a fofoca são armas de controle sociais ainda mais vigorosas em grupos onde os processos de interação, face a face, predominam.

Outra observação bastante intrigante desse autor é a de que punições terríficas, como o ostracismo e a ignomínia, são bastante comuns aos grupos contrários ao uso de meios violentos. Os metonistas, por exemplo, quando violam o tabu que proíbe manter relações sexuais com pessoa fora do grupo, são punidos severamente com a rejeição. As pessoas da comunidade passam a ignorá-lo, deixando de lhe dirigir a palavra. Situação muito semelhante ocorre com Testemunhas de Jeová desassociadas.

No cristianismo, essas categorias aparecem com frequência associadas à noção de pecado. Numa perspectiva sociológica, a ideia de pecado funcionaria como mecanismo de controle social baseado na relação castigo x recompensa. Em alguns casos, quando indivíduos violam determinadas regras morais, são repreendidos ou ridicularizados publicamente. Esse processo é semelhante ao que produz o sentimento de vergonha.

Quando grupos sociais reagem de modo a repreender indivíduos desviantes, estão, na verdade, à procura de controlar suas futuras ações. Já que, convenhamos, não podem voltar ao passado. É bastante curioso como sentimentos de vergonha e culpa também atingem parentes e amigos próximos do desviante. O estigma, nesse caso, parece ter efeito contagioso. Como os miasmas. Os efeitos da culpa operam, por sua

vez, mais no universo psicológico. As pessoas que a sentem se veem, intimamente, como infratores de códigos morais que internalizaram através de processos de socialização. Assim, o próprio indivíduo é responsável por admoestar-se. A sua consciência é quem condena a ação.

* * *

1.3 Taxonomias do Desvio

Podemos, todavia, supor que seja possível violar regras socialmente estabelecidas, sem que sejamos reconhecidos como desviantes. E o inverso também. O rótulo de desviante, além de depender de uma questão relacional, é indissociável à percepção dos outros em relação a nossas ações. Hoje em dia o ato de emprestar o aparelho de aspirador de pó, em Denver, dificilmente produziria algum tipo de repreensão ou estigma. Enquanto um estupro provavelmente geraria efeitos punitivos e execração pública¹⁴.

Becker (2009) criou uma classificação interessante para os tipos de comportamentos desviantes. Chama de *desviante puro* quem viola uma regra e é percebido como infrator. Alguém, entretanto, pode ser visto como desviante e não ter quebrado nenhuma regra específica. Este seria o exemplo típico de um indivíduo falsamente acusado. O oposto desse último é o desviante secreto, caso em que a violação da norma é desconhecida por outras pessoas.

Goffman (2010) observa que um ato pode ser apropriado ou não apenas em referência ao juízo de um determinado grupo, com a ressalva de que, no menor e mais coeso deles, pode existir dúvidas quanto ao melhor modo de agir.

Segundo Elias (2000), compartilhar o carisma coletivo de um determinado grupo implica sujeitar-se a padrões sociais de controle emocional. Do ponto de vista da sociologia figuracional, a compreensão da sociodinâmica do estigma e da exclusão social está relacionada à autoimagem de cada grupo – e à posição dos indivíduos

¹⁴ O astro do basquetebol norte-americano, *Kobe Bryant*, foi processado no Colorado por estupro em 2004. O caso ganhou repercussão internacional.

enquanto seus membros. O que faz deste também um problema de sociologia do conhecimento.

Nessa perspectiva, a autoimagem social não é o resultado de um conjunto de opiniões individuais fragmentárias. Certamente não se trata de buscar explicações psicológicas que partam do indivíduo e sejam apoiadas na noção de preconceito. Desse modo, deveríamos buscar interrogar os motivos que impeliriam determinados grupos sociais a se perceberem como inferiores ou superiores. Deve-se considerar o importante fato de que eles são formados por um conjunto de indivíduos.

* * *

1.5 Estabelecidos x Outsiders: a balança do poder

Creio que uma boa tentativa de responder a essa questão nos levará à teoria eliasiana do poder. A dicotomia entre grupos estabelecidos x outsiders é, antes de qualquer coisa, uma correlação de forças assimétricas que pode variar de acordo com as figurações sociais. Assim, quanto maior a distância entre os níveis de poder, maior será a capacidade de dominação de um grupo sobre outro.

Para Elias (2008) o poder é uma característica estrutural das relações humanas, existindo sempre em que houver algum tipo de interdependência funcional. É imaginação pueril a ideia de que poderíamos adquiri-lo como a um objeto mágico, reduzi-lo apenas a aspectos legais ou questões de soberania política. O poder é por sua natureza relacional. Possível de ser observado cotidianamente nas mais diversas situações. Quando uma criança chora por comida e é atendida por seus pais, faz valer sua capacidade de poder sobre eles, na medida em que lhe atribuem valor específico. Os pais bem que poderiam abandonar a criança à própria sorte, mas quase nunca agem assim. Até mesmo numa relação de extrema desvantagem, como a que ocorre entre senhor e escravo, existe algum grau de dependência mútua. Geralmente, não nos damos conta de que as relações de amizade também desempenham papel importante como mecanismo de controle social. Os laços afetivos exercem poderosa influência sobre nós.

Elias procurou, então, criar um mecanismo capaz de analisar o grau de “força relativa dos diferentes jogadores” – sem apelar para noções absolutas. Se o poder é uma relação, logo a força de cada jogador estará sujeita a variações de acordo com a força de respectivo oponente. Na relação entre senhor e escravo, por exemplo, observamos um grande desequilíbrio na balança de poder. Nesses casos as chances de que **A** controlasse as jogadas de **B** são muito superiores à possibilidade contrária. Situações onde o equilíbrio de poder é exageradamente desproporcional à capacidade de dominação $A > B$ cresce em proporção.

Vemos que é possível ao jogador mais forte exercer maior arbítrio em relação às jogadas do adversário. E sobre o próprio jogo. Percebamos, porém, que nem todas as configurações obedecem a essa mesma arquitetura. Podem ocorrer diferentes arranjos nas configurações de poder, além disso, uma balança estará sujeita a reequilíbrio. Numa disposição bipolar, são maiores as chances de que um habilidoso jogador detenha maior capacidade de controle sobre seu adversário; no entanto, os jogos poderão adquirir vários níveis e número indefinido de participantes.

Se as redes de interdependência ficam mais complexas, torna-se mais difícil que possamos individualmente dominar e orientar o jogo. Essa nova teia de jogadores adquirirá vida própria, como um *Frankstein*, independente dos nossos interesses particulares. Sem dúvida o aumento excessivo de participantes fará o jogo impossível de ser controlado. Avaliações individuais seguras parecerão cada vez mais difíceis de ser elaboradas. Elias (2008) acredita que tal situação tende a produzir uma desorganização do jogo, ocasionando a sua desintegração ou a repartição em grupos menores.

A imagem coletiva do nós e seu ideal, seria, portanto, o resultado do equilíbrio de forças entre grupos sociais. Grupos outsiders como as Testemunhas de Jeová desassociadas¹⁵, como veremos em capítulos posteriores, estão em evidente desvantagem em relação aos estabelecidos da Igreja. O fato de ter internalizado normas morais da religião, e compartilhar a mesma visão de mundo, permite que se aceitem mais facilmente como pessoas inferiores. O tabu do contato íntimo a eles impostos é sintomático, porque acentua a exclusão social e demonstra o nível de autorregulação interno.

¹⁵ Desassociado é o termo usado pelas Testemunhas de Jeová para se referir aos indivíduos expulsos da religião.

Elias (1994) argumenta que a partir do século XVI processos de racionalização deram contornos mais vivos ao sentimento de vergonha e repugnância. Ele chama atenção para a vinculação com o temor que as pessoas sentem da degradação social. É interessante que o indivíduo que se encontra sob tais circunstâncias, não poderá utilizar meios físicos, nem outros expedientes diretos de ataque para contornar a situação. Estará, todavia, frente à superioridade alheia, que também não será, necessariamente, resultado de alguma espécie de superioridade física.

A eficácia prática da vergonha se dá, então, porque as pessoas envolvidas internalizaram os mesmos padrões morais. Uns dos traços característicos desse sentimento é o seu caráter oculto e a não expressão através de meios violentos. O que faz do processo civilizador condição indispensável ao seu desenvolvimento, por diminuir o medo de ataques físicos entre os seres humanos, assim como o estabelecimento do monopólio legítimo da violência pelo Estado.

A racionalização e o avanço dos patamares da vergonha e da repugnância expressam uma diminuição do medo físico direto a outras pessoas e uma consolidação das ansiedades interiores automatizadas, das compulsões que o indivíduo agora exerce sobre si. (Elias, 1994, p. 243).

A sensação de inferioridade, o medo e a vergonha, podem diminuir ou até desaparecer na medida em que indivíduos marginalizados conseguem criar nova imagem e ideal coletivo. Para que isso ocorra, é preciso contrabalancear as assimetrias de poder. A figuração *estabelecidos x outsiders* não é estática, o que torna possível que novos arranjos promovam a ascensão de grupos excluídos e a decadência dos dominantes. Enquanto as antigas normas e, de modo mais geral, as concepções de mundo internalizadas forem consideradas verdadeiras, a tendência será de que a desigualdade permaneça.

A segregação racial nos Estados Unidos, entre os séculos XVII e XX, é uma demonstração histórica de como grupos outsiders podem reverter o processo de estigmatização e exclusão social. A discriminação racial norte-americana era politicamente institucionalizada. Até 1967 ainda vigorava em alguns Estados a lei de antimiscigenação, criada no século XVII, que impedia o casamento interracial. As leis de *Jim Crow*, de 1876 a 1965, impediam que negros e brancos frequentassem as mesmas escolas e determinavam que os locais públicos reservassem espaços

diferenciados para essas pessoas. Resultado de lutas encarniçadas por direitos civis, boa organização coletiva e ideias políticas que valorizavam a cultura negra, essas leis vieram abaixo.

Elias (2000) afirma que classificações raciais ou étnicas são características de atos ideológicos de evitação. Funcionariam como um modo de desviar a atenção para atributos secundários, escamoteando a visão para questões mais importantes relacionadas à dinâmica de poder e exclusão social de posições influentes. Independentemente da cor da pele, ou de qualquer outra característica física, tal relação estaria presa a mecanismos que permitiriam maior vantagem de poder e oportunidades, capazes de criar limitações ao acesso desses mesmos recursos aos dominados. Como podemos inferir, a concepção mais tradicional de “preconceito racial” seria insuficiente para explicar o fenômeno segregacionista estadunidense.

* * *

1.6 Sistemas de Significação e Visões de Mundo

Berger (1983) acredita que o estudo minucioso dos sistemas de significação revelaria a visão assustadora de como esses mecanismos oferecem explicações totalizantes do real – inclusive de sistemas simbólicos alternativos. De tal maneira, a adoção de certo ponto de vista condicionaria a percepção individual. É possível, no entanto, que as pessoas alternem suas visões, e é justamente isso o que grupos estabelecidos procurariam evitar.

Em níveis inferiores de sofisticação, haverá também vários meios empregados para eliminar perguntas que pudessem ameaçar a fidelidade do indivíduo ao sistema, meios que se pode ver em funcionamento nos malabarismos dialéticos até mesmos de grupos relativamente pouco sofisticados como as Testemunhas de Jeová. (Berger, 1983, p. 63)

Elias (1994) acreditava que as concepções místicas e transcendentais do mundo atuavam, sub-repticiamente, para expulsar da consciência a insegurança e o medo permanente da morte inerente à condição humana. O conhecimento fantasioso sobre o

modus operandi da realidade e a consequente possibilidade de controlá-la dificultariam o emprego de formas de conhecimento mais realistas. Segundo ele, quando isso acontece – e a crença na eficácia do conhecimento é assim compartilhada coletivamente –, tornar-se quase inalcançável a sua erradicação. Sobretudo, na esfera das relações humanas.

Mas o que dissemos anteriormente sob a função social das idéias míticas e dos atos mágicos em relação aos eventos naturais também se aplica a sua função na esfera social. Também aí modos de pensar e agir carregados de afeto contribuem para uma incapacidade de dominar os perigos e temores que supostamente deveriam dissipar, e talvez até os reforcem. A convicção coletiva de sua adequação objetiva lhes confere uma solidez e uma permanência que, como no caso das concepções mágicas, sobre a natureza nas sociedades mais simples, não podem ser enfraquecidas pelo simples apontar para os fatos. (Elias, 1994, p.73)

Torna-se então imperativo às análises dos processos sociais que condicionam as visões de mundo compreender as relações existentes entre o pensamento e um dado contexto social. Deveríamos ficar bastante atentos para a sociodinâmica da construção e percepção da realidade social. O mundo social é dotado de sentidos. Por esse motivo é que a vida cotidiana se oferece aos indivíduos como uma realidade intrinsecamente coerente, carregada de uma profusão subjetiva de significados. É essa característica hermenêutica dos sistemas sociais que permitiria aos sujeitos apreensão e criação polissêmica.

O mundo da vida cotidiana não somente é tomado como uma realidade certa pelos membros ordinários da sociedade na conduta subjetivamente adotada de sentido que imprimem a suas vidas, mas é um mundo que se origina no pensamento e nas ações dos homens comuns sendo afirmado como real por eles. (Berger; Luckmann, 1988, p. 36)

O acervo de nossos conhecimentos, percepções e imagens, é estruturado socialmente. O que pressupõe institucionalização e relevância de certos papéis em determinadas situações particulares.

Em algumas organizações religiosas, por exemplo, somente os homens estão autorizados a dirigir rituais religiosos. Há igrejas em que apenas as mulheres são responsáveis por conduzi-los. Certos povos acreditam que jovens virgens têm poderes para realizar a dança da chuva. Outros acham que irmãos gêmeos devem ser

assassinados após o parto. Ainda existe, isto é realmente curioso, quem acredite que o toque de tambor seja responsável pela reversão de eclipses celestiais. Situações aparentemente irracionais, aos olhos do homem contemporâneo, escondem uma racionalidade rica em significado – verdadeiramente compreensível aos indivíduos que delas participam.

* * *

1.7 Caleidoscópio

A partir dessa problemática, devemos interrogar quais condições sociais permitem a estigmatização de um grupo sobre outro. Volto a enfatizar as seguintes questões: por que diferentes grupos se autopercebem como inferiores e superiores: se são formados por um conjunto de indivíduos? Como explicar o desvio social?

Muito antes que a sociologia enveredasse por este campo de investigação, discussões sobre desvio já estavam presentes no debate filosófico e teológico. Tinham fito normativo e eram cingidas por questões éticas e morais, pela busca de respostas para melhor forma de agir e viver. Na Utopia, Platão argumentava que o governo deveria ser responsabilidade dos filósofos. Achava que estes seriam as únicas pessoas capazes de conhecer e praticar o bem e a justiça. Sócrates, por sua vez, dizia que nossas falhas de conduta resultavam da falta de conhecimento e que a sabedoria filosófica tratava-se do guia mais seguro para a felicidade e ação humana.

A crença de que toda ação e conhecimento possuem certa finalidade moral, com algumas exceções, foi predominante na história da filosofia antiga¹⁶. Isso explica, em parte, a oposição de Platão e Aristóteles aos sofistas que, segundo eles, reduziriam o conhecimento à opinião e o bem à utilidade. Conhecimento e ação, quando observados à guisa sofista, perderiam qualquer finalidade moral. Ao contrário da concepção socrático-platônica em que persistiria a crença n'algo substancial, que poderia ser alcançado através de certos procedimentos. Divergências sobre tais questões podem ser fartamente encontradas ao longo da história do pensamento filosófico.

¹⁶ Sobre essa discussão recomendaria o livro **Cultura e Psicanálise** de Marcuse.

As abordagens sociológicas do desvio, por outro lado, ganhariam força no final do século XIX. Por força do ofício elas se distanciariam das pretensões normativas, típicas ao empreendimento filosófico. Foi em Chicago, E.U.A, que a disciplina se desenvolveu com grande expressividade. Nessa época a cidade passava por um boom de crescimento e impulsionado a imigração mais acentuada de sua história. De 1883 a 1900, o antigo vilarejo se tornara um exuberante centro urbano. Efeito negativo dessa rápida transformação, ondas de criminalidade tomariam o lugar – produzindo terreno fértil para numerosos estudos sociológicos sobre desvio e diversas formas de abordagens, com ressonâncias até os dias de hoje.

* * *

1.8 Análise Simultânea V.S Análise Sequencial

Entre essas análises, Becker (2009) rejeita o que chama de *análise simultânea* para o entendimento do desvio social. Haveria, segundo ele, uma tendência bastante frequente em privilegiar a noção de causalidade multivariada. O ponto nodal dessa perspectiva reside na expectativa de encontrar diversos fatores que influenciam, concomitantemente, o desvio. Ou seja, as diferentes causas que operariam, ao mesmo tempo, para produzir o fenômeno.

Suponhamos, a título ilustrativo, um estudo sobre usuários de drogas em que somos guiados pela análise simultânea. Teríamos, com efeito, de encontrar os diferentes fatores, que levaram os indivíduos a se tornar consumidores de entorpecentes. Ato contínuo, observar as conexões entre grau de escolaridade; relações familiares; condições socioeconômicas; tipos de amizade; crença religiosa, etc., e perceber como elas atuariam em uníssono para produzir o desvio.

Becker (2009) está convencido que as causas não atuam simultaneamente e que apenas um modelo, que possa dar conta do processo, passo a passo, pode ser bem sucedido. Argumenta, entre outras coisas, que desviantes como usuários de maconha passam por um gradativo processo de aprendizado, até se tornarem consumidores contumazes. Este incluiria a própria percepção sobre os efeitos da droga. É dado que

muitos neófitos desistem do uso continuado, após a primeira experiência. Em vários casos, esta é traumática, porque os indivíduos não conseguem sentir a “viagem” da droga –, os efeitos mais prazerosos.

É aí que as interações, que eles mantêm com usuários mais antigos, podem interferir em suas decisões. As trocas de experiência, o senso de realidade garantido pelos outros, acabariam por influenciar substancialmente suas percepções e atitudes. Nesse processo o indivíduo incorpora um novo papel social, passando a perceber e ser percebido como membro do grupo. Desse modo, cada passo necessitaria de uma explicação. A causa de cada etapa seria necessária, mas não haveria garantias que ela teria a mesma importância no momento seguinte.

Berger (1983) acredita que os papéis sociais representariam formas específicas de ação e emoção. Eles trariam, intrinsecamente, determinadas expectativas sociais. Além disso, o processo de troca de papéis teria como força um caráter inconsciente associado à disciplina interior. Assim, “o papel dá forma e constrói tanto a ação quanto o ator.” (Berger, 1983, p.111). Quando incorporamos um novo papel somos remodelados por ele, isto tem implicações diretas sobre nossa identidade.

O significado da teoria do papel poderia ser sintetizado dizendo-se que, numa perspectiva sociológica, a identidade é atribuída socialmente e transformada socialmente. (...) Contudo, mesmo papéis que são muito mais fundamentais, para aquilo que os psicólogos chamariam de personalidade, do que aqueles ligados a uma determinada atividade adulta são atribuídos, de maneira muito semelhante, por um processo social. Isto já foi demonstrado abundantemente em estudos de “socialização” – o processo pelo qual uma criança aprende a ser um membro participante da sociedade. (Berger, 1983, 112)

A aquisição de um papel geralmente é precedida de atividades lúdicas. As brincadeiras infantis estão carregadas de significações e é através delas que começamos a aprender e a encenar papéis sociais. A interação é essencial nesse processo de aprendizagem. É bastante comum que as brincadeiras sejam divididas por gênero, assim como os tipos de brinquedos. Em sociedades como a nossa, as meninas são frequentemente estimuladas a brincar de boneca e assumir papéis relacionados à maternidade. Ao contrário dos meninos que são apresentados a atividades que estimulem às características socialmente definidas como masculinas. Segundo Berger:

Mais tarde, a criança aprende que os papéis que representa são relevantes não só para seu círculo íntimo, como também se relacionam com as expectativas da sociedade em geral. Esse nível mais alto de abstração na resposta social é denominado por Mead de descoberta do “outro generalizado”. Ou seja, não é só a mãe que espera que a criança seja boazinha, limpa e diga a verdade; a sociedade espera a mesma coisa. (Berger, 1983, p.112)

Berger (1983) enfatiza a importância do reconhecimento social para construção de identidades. Nós seríamos aquilo que os outros acham que nós somos. Como as identidades fossem produzidas e atribuídas pela sociedade, só teriam razão de existir no seu interior. O contexto social é fundamental para o processo. Isto inclui também a aquisição de estigma. Alguém que passa, de uma hora para outra, de cidadão respeitado a criminoso condenado será, segundo o autor, submetido a um cerrado ataque contra a concepção que fazia de si. Visão que dificilmente sustentará caso não encontre outras pessoas com a qual corroborem. Num rompante, poderá estar se comportando tal como se espera de um condenado.

* * *

1.9 A Carreira Desviante

Retornemos, por ora, à discussão sobre os usuários de maconha com base na perspectiva sequencial defendida por Becker. Vejamos: o primeiro passo para se tornar usuário é naturalmente o acesso à droga –, circunstâncias sociais específicas incidirão neste caso. Quais seriam elas? Poderíamos perguntar em seguida: por que a pessoa se dispôs a experimentá-la e também o que a levou continuar o uso? Devemos notar que esse tipo de análise privilegia etapas que vão desenrolando, progressivamente, o comportamento desviante.

Becker (2009) utiliza, então, uma categoria sociológica interessante: a carreira desviante. A ideia de carreira se opõe às concepções que creditam motivação individual ao desvio. Para essa outra perspectiva, é como se toda ação inapropriada fosse empreendida por alguma força motivacional. Haveria sempre um propósito, mesmo que o indivíduo em questão não tenha consciência plena. A psicologia faz muito uso dessa lógica de raciocínio. A tradição funcionalista da sociologia do desvio, por outro lado,

deslocaria o móvel da ação desviante para características estruturais inerentes ao sistema social. Este seria concebido, holisticamente, como um organismo. Suas partes formariam um todo complexo, com funções específicas. Durkheim argumentava que o crime é um fato social comum a todos os tipos de sociedade.

É típico os grupos desviantes organizados criarem linguagem específica indispensável para o convívio e formação da identidade coletiva. Essa linguagem, geralmente, aparece acompanhada de ideologias que justificam comportamentos transgressores. O valor atribuído a atos considerados impróprios é re-significado, chegando internamente a ser considerado atitude moralmente virtuosa.

Membros de grupos desviantes organizados têm, claro, algo em comum: o desvio. Ele lhes dá um sentimento de destino comum, de estar no mesmo barco. A partir desse sentimento de destino comum, da necessidade de enfrentar os mesmos problemas, desenvolve-se uma cultura desviante: um conjunto de perspectivas e entendimentos sobre como é o mundo e como se deve lidar com ele – e um conjunto de atividades rotineiras baseadas nessas perspectivas. O pertencimento a um grupo desse tipo solidifica a identidade desviante. (Becker, 2009, p.47-48)

Becker (2009) demonstra como esses grupos condicionam os indivíduos a racionalizar suas posições. Em algumas circunstâncias eles chegam a elaborar legitimações históricas, jurídicas e psicológicas. Segundo o autor, os homossexuais representariam bem esse caso. A partir do momento em que se organizaram politicamente, criando uma série de justificativas comportamentais. Existem atualmente várias publicações sobre temas homossexuais em circulação pelo mundo, e organizações políticas que lutam pelos direitos dessa minoria.

Como podemos notar, essas ideias são facilmente intercambiáveis com a teoria eliasiana da balança de poder. A imagem coletiva do nós e seu ideal, como vimos anteriormente, poderá ser reelaborada a partir da organização dos grupos outsiders, desde que mecanismos cruciais possibilitem o reequilíbrio nas relações de força. Aliadas às teorias de Berger e Goffman, constituem poderoso instrumento de análise sociológica. Fica claro como nessa perspectiva desvio e estigma social dependem, necessariamente, de situações relacionais – que não existem em si. Além disso, a categoria de carreira desviante proposta por Becker, baseada na concepção de desenvolvimento gradativo, fornece uma interessante alternativa à análise simultânea e

motivacional. Isso redobra a importância atribuída às relações de interação na constituição desse fenômeno.

Será a partir dessa lógica que discutiremos nos próximos capítulos o processo de estigma e exclusão social imposto às Testemunhas de Jeová desassociadas. Os leitores, menos familiarizados com o assunto, terão mais adiante oportunidade de conhecer detalhes importantes sobre a religião. Entre eles: as características mais singulares da desassociação; os alicerces de sua visão fundamentalista; os mecanismos de controle social; os dogmas e aspectos interessantes de uma complexa estrutura político-organizacional. Tomarão nota, ainda, sobre os percursos sinuosos encontrados durante as incursões a campo, assim como a importância metodológica de se possuir bons informantes.

* * *

2. TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

O capítulo apresenta a descrição etnográfica da comunidade estudada e uma síntese dos seus principais dogmas e cosmologia. Além de abordar, em linhas gerais, o processo de desassociação, ressaltando as circunstâncias que geralmente levam os indivíduos a serem expulsos da igreja.

2.1 Congregação Valentina

As Testemunhas de Jeová existem há décadas no Valetina de Figueiredo, bairro da zona sul de João Pessoa. Meu primeiro contato com elas aconteceu na infância. Lembro que durante parte da década de 1990, as reuniões religiosas eram feitas no conjunto Ernesto Geisel – porque aquela região ainda não possuía um Salão do Reino próprio. A construção teve início no ano 2000, durou impressionantes 22 dias e contou com a ajuda da congregação.

O irmão Alfredo descreve um pouco do trabalho:

Eu trabalhei na construção do Salão. O prazo para a conclusão da obra era de 24 dias, mas conseguimos em 22. Só podia participar dos trabalhos maiores de 18 anos. Era tudo muito organizado e as tarefas bem divididas, sem atrapalho e muita dedicação.

A estética do Salão do Reino é simples, sem nenhum rebuscamento arquitetônico. O espaço interno, relativamente pequeno, tem formato retangular e é preenchido por uma sequência de cadeiras azuis acolchoadas e justapostas em frente à tribuna, que se localiza no púlpito. Telhas romanas vermelhas são sustentadas por uma armação de madeira, cuidadosamente envernizada, deixando o lugar mais airoso e sóbrio. Nas paredes brancas, ventiladores se movem como o periscópio de um submarino. Todas as portas são laterais, ao contrário das igrejas católicas – numa tentativa de garantir discrição e impossibilitar que pessoas observem às reuniões da rua.

Antes do início de cada reunião, alguns irmãos se posicionam na porta de entrada para recepcionar os que chegam com delicadas palavras de boas vindas; apertos de mão e informações úteis sobre a disponibilidade de locais para sentar. Todos, entre si, se chamam de “irmãos” e “irmãs”. A reunião começa sempre com um cântico de louvores a Jeová e uma oração bastante comedida, quase sempre feita pelo ancião¹⁷ da congregação.

Difícilmente se percebe alguma emoção mais efusiva nos oradores e na própria reação da plateia aos discursos. Com exceção a certos truques retóricos usados com parcimônia pelos anciãos mais eloquentes e a tradicional chuva de palmas que

¹⁷ Os anciãos são os responsáveis por dirigir as congregações com o auxílio dos servos ministeriais –, que se encontram diretamente abaixo na hierarquia da Igreja.

acompanha o desenlace das falas. A sensação que se tem é que o tempo ali se arrasta indolente. Às vezes escutamos o choro estridente de crianças, acompanhado do balanço de revistas – para aliviar o calor nos dias mais quentes.

Os anciãos e os servos ministeriais vestem terno e gravata. As mulheres, vestidos abaixo dos joelhos, brincos e pulseiras. As maquiagens são discretas, sem batons com cores fortes. Os demais homens e rapazes costumam usar camisas e calças sociais. Bolsas e malas são acessórios indispensáveis para o transporte de bíblias, livros e revistas. Não têm o mesmo hábito de carregar a Bíblia nas mãos, como os protestantes. Tampouco usam crucifixos como católicos; repudiam a adoração de imagens e símbolos.

As mulheres, em maior número, estão excluídas das atividades de direção congregacional. Muitas têm dificuldade de conseguir casamento, devido a regras de endogamia. Filhas de Testemunhas de Jeová encontram mais dificuldades de conseguir namorados. As convertidas comumente se casam antes de ingressar na religião.

Nas reuniões em que ocorre o estudo da revista *A Sentinela*¹⁸, um servo ministerial fica responsável pela leitura, enquanto o ancião reproduz as perguntas encontradas no rodapé de cada página para a plateia. As respostas do público são com frequência mecânicas e miméticas; leem-se trechos previamente sublinhados em casa. Na Escola Teocrática os homens recebem treinamentos para discursar, enquanto as mulheres são preparadas para o serviço de pregação. Sua tarefa é elaborar encenações com outras colegas sobre determinado tema doutrinário. Numa espécie de "seminário escolar teatralizado".

Com raríssimas exceções, encontramos alguém com formação educacional superior. São dissuadidos a não prolongar os estudos, vistos como ameaça à retidão de caráter e à fé nas escrituras. Cursos técnicos acabam sendo os mais aceitáveis. Grande parcela das mulheres não trabalha fora do lar. De modo geral, os empregos que possuem necessitam de menor qualificação, além de pagar baixos salários. Entre eles encontramos: cabeleireiros, comerciários, pedreiros, funcionários públicos, etc.

¹⁸ **A Sentinela - Anunciando o Reino de Jeová**, mais conhecida pela forma abreviada *A Sentinela*, é uma revista religiosa publicada pelas Testemunhas de Jeová desde 1879, composta por 32 páginas e distribuída em 194 idiomas com uma periodicidade quinzenal (edições de estudo e para o público, intercaladas), com uma tiragem média superior a 42 milhões de exemplares da edição para o público. Juntamente com a revista *Despertai!*, constitui um dos mais importantes meios de divulgação das Testemunhas de Jeová. É a revista com maior circulação no mundo. Fonte: (http://pt.wikipedia.org/wiki/A_sentinela).

O meio de transporte mais utilizado para ir ao Salão do Reino é o ônibus. Algumas famílias gozam de veículos particulares; outros preferem fazer o trajeto caminhando. A entrada no transporte público costuma despertar a atenção dos demais passageiros, especialmente devido às vestimentas, bolsas e malas sempre a tiracolo. Preferem a reserva; quase nunca fazem pregação. Caso ocorra, é de modo muito sutil, no estilo informal de uma conversa direcionada a uma audiência específica. Quando se deparam com fiéis de outras religiões, costumam ganhar olhares enviesados.

Vários deles são conhecidos por causa do trabalho de pregação de casa em casa. Todos devem fazer o serviço de campo. Esta é uma atividade vital para a igreja, responsável pelo fluxo de novos membros. É mais usual que guardem um dia da semana para que os membros aptos ao serviço visitem, em grupos, as residências do bairro. Isso acontece nos finais de semana, pela manhã. O trabalho é dividido por áreas, compostas por ruas e quarteirões e não se limita apenas ao Valentina. Os bairros vizinhos, a Praia do Sol e as favelas em todo arrabalde também são visitadas.

Habitualmente andam em pares e são muito amistosos em suas visitas as residências. Falam das promessas grandiosas encontradas na Bíblia, como a ressurreição dos mortos e a restauração do paraíso. Fazem perguntas sobre o verdadeiro nome de Deus, e questionam o motivo dele aparecer tão pouco nas edições bíblicas protestantes e católicas. Recorrem tradicionalmente a fundamentações bíblicas em seus discursos, lendo capítulos e versículos que mais aquiesçam com ela. Dizem-se imparciais, guiados exclusivamente pela Palavra Divina.

Via de regra se fiam no livro **Raciocínios à Base das Escrituras Sagradas**, que é uma espécie de *vade mecum* do trabalho de campo. Nele vão em busca de bons argumentos. O livro é dividido por tópicos, em ordem alfabética, relativos à doutrina. É, por um lado, a síntese dos principais dogmas e um excelente manual de retórica doutrinária. Nas primeiras páginas se encontram instruções para o trabalho de campo e respostas específicas para situações especiais, como, por exemplo, demover um budista ou hinduísta da fé em sua religião.

Entre meus 13 e 14 anos tive a oportunidade de participar do trabalho de campo, mesmo não sendo batizado. Dependesse do lugar, sentia um pouco de vergonha. Acho que isso é algo corriqueiro entre os demais jovens, sobretudo quando se deparam com colegas de escola.

De qualquer maneira, a experiência pode ser estimulante quando se tem a convicção de que se está salvando vidas e divulgando ensinamentos justos e verdadeiros. Essa é a sensação mais prazerosa nesse tipo de atividade.

A irmã Carmem diz:

Não posso mentir que já senti preguiça de fazer o trabalho de campo. Por outro lado, é muito gratificante saber que fazemos isso para levar a palavra de Jeová a todas as pessoas. Podemos alertá-las do Armagedon... E de todas as coisas boas em se viver no paraíso!

Algumas pessoas ficam entusiasmadas com o discurso, aceitando nova visita para iniciação de um estudo bíblico. Este costuma ser semanal e ocorre na própria casa da pessoa. As mulheres estão encarregadas de ministrar estudos para outras mulheres, ao inverso dos homens. O curso consiste na leitura e interpretação de determinado livro da Igreja. Em vários casos, leem **Jesus: O Maior Homem que Já viveu**. A intenção é convencer o estudante a abandonar suas antigas crenças religiosas em favor da nova doutrina.

O processo pode durar meses ou até anos. Muitos desistem. Outros sofrem com famílias recalcitrantes. De acordo com o grau de desenvolvimento do novo aprendiz, seu instrutor poderá convidá-lo a assistir uma reunião no Salão do Reino. Se o progresso também for sentido pelos anciãos, poderão ainda autorizá-los a ingressar no serviço de campo, e, por último, indicá-lo para o batismo.



Ritual de batismo. Fonte: <http://danieldossantos.wordpress.com/quem-eu-sou/testemunhas-de-jeova-parte-ii-1987-1988-amadurecimento-precoce/>

Este é o ritual de passagem que marca a associação do indivíduo com a Igreja. A partir desse momento ele está sujeito às mesmas regras, benefícios e punições que possa gozar uma Testemunha de Jeová. Os batismos são realizados em congressos que reúnem várias congregações. O estudante é banhado em água, simbolizando a renovação espiritual – à maneira de João Batista com Jesus, descrita nos evangelhos sagrados. O evento é quase sempre acompanhado de demonstrações de alegria.

A irmã Eliana relata a sua experiência:

Estava muito nervoso e ansioso antes de entrar na água. Minhas mãos e pernas tremiam... Eu orava a Jeová agradecendo. Meus pais ficaram orgulhosos! Foi uma das melhores experiências da minha vida. Saí de lá renovado.

Nem todos iniciam estudo bíblico. Algumas pessoas sequer atendem os pregadores, outras são grosseiras ou se sentem pouco entusiasmadas com o discurso. Uns chegam a se envolver em querelas teológicas, exaltando-se. As piores alterações costumam ser com os protestantes e católicos fervorosos, que encaram as Testemunhas de Jeová como uma seita. Conheço outro tipo de gente, ateus em sua maioria, que se diverte fazendo perguntas complicadas para confundi-los: *“se Deus é essencialmente bom, por que criou o mal?” “De um ponto de vista lógico: a onisciência divina não seria incompatível com a noção de livre-arbítrio? Ora, se Jeová sabia que Adão e Eva pecariam, não teria ele também culpa no cartório?”* Mas as questões relativas à doutrina parecem ser as que mais incomodam. Questionamentos sobre problemas éticos em proibir transfusão de sangue; profecias fracassadas, ou a crença que apenas 144 mil pessoas ungidas irão para o céu, estão entre elas.

Há relatos de irmãos que se sentem discriminados por colegas de trabalho. O fato de não comemorarem aniversário natalício, absterem-se do voto e outros comportamentos pouco convencionais, ajudam a criar esse clima de estranhamento. Por outro lado, determinados empregadores preferem contratá-los, baseando-se numa

suposta expectativa de maior honestidade no trabalho. Empresas cujos proprietários são Testemunhas de Jeová tendem preferencialmente a empregá-los.

A irmã Ana comenta:

Tem dias que chego no trabalho e vejo um grupinho cochichando sobre mim. O sangue sobe pra cabeça! Mas procuro me controlar... Procuro seguir os ensinamentos bíblicos, pois sei que os cristãos sempre sofreram com isso e devem ser pacíficos. Não posso deixar abalarem a minha fé em Jeová.

Situação semelhante também acontece com relação a vizinhos do bairro, como conta o irmão Flávio:

Meus vizinhos são muito fofoqueiros. Ficam com olho na vida dos outros... É um saco andar na rua e saber que estão falando mal de você. Minha esposa outro dia resolveu tomar satisfação, o que fez com que diminuíssem um pouco.

Nas escolas certos jovens enfrentam dificuldade de socialização, por motivos semelhantes. Comportamentos incomuns, aliados às recomendações doutrinárias para evitarem amizades com os não cristãos, impõem barreiras a um bom relacionamento. O Corpo Governante da igreja revela preocupação com a formação dos jovens. A *Sociedade Torre de Vigia* publica um livro específico para essa finalidade intitulado **Os Jovens Perguntam**. Ele vem com instruções sobre relacionamentos familiares, namoro, drogas, bate-papo na internet, sexo antes do casamento, uso de celular, jogos eletrônicos, consumo de drogas e até maneiras de como evitar a homossexualidade. Vejamos uma sugestão interessante:

Lance todas as suas ansiedades sobre Jeová em oração, certo de que ele ‘cuida de você’. (1 Pedro 5:7; Salmo 55:22) Jeová pode fortalecê-lo com a paz que “excede todo pensamento”. Isso pode ‘guardar seu coração e suas faculdades mentais’ e lhe dar “o poder além do normal” para não ceder aos desejos errados.

Uma Testemunha de Jeová comenta:

Eu não condenaria a pessoa homossexual, mas acho a prática abominável e antinatural. Além de que a Bíblia é contra. A homossexualidade é uma conduta desenfreada...

Esse regime de pressão sobre os jovens, em determinados casos, produz efeitos contraproducentes. São inúmeros os casos de comportamentos desviantes. É tarefa nada fácil para os jovens evitar namoros, não praticar certos tipos de esporte e manter cotidianamente uma linguagem puritana. Em geral, a quebra de normas gera desconforto interior que é suavizada com a esperança de que um futuro arrependimento apague os erros do passado. Outro fato importante é que certos desvios podem provocar violentas censuras e até expulsão da Igreja. Nessas situações, a presença de outras Testemunhas de Jeová no mesmo ambiente tende a significar uma vigilância atenta e implacável. A delação entre eles é muito estimulada.

Mario recorda uma história de sua adolescência:

Uma vez, por curiosidade, resolvi gazejar aula com meus colegas de sala. Uma irmã que fazia na época o 2º ano contou aos pais dela, que contaram aos anciãos, que contaram aos meus pais, que me repreenderam. Fiquei me sentido sujo: o maior mentiroso do mundo! Sentia um peso quando encarava o ancião.

Esse hábito não se restringe apenas aos jovens, mas é comum a toda congregação. Algo que também dificulta a investigação sociológica. A ida ao campo para realização dessa pesquisa esbarrou em entrevistados retraídos, consequência do risco de complicações mais sérias com os dirigentes. Tal espécie de trabalho é vista com desconfiança, um possível meio de desestabilização da harmonia do grupo.

Como demonstrei antes¹⁹, as Testemunhas de Jeová conservam uma relação quase reverencial à ciência – sobretudo com os efeitos resultantes da técnica científica. Porém, o fato de reconhecerem o importante papel da ciência para o mundo moderno e elaborar legitimações para crenças religiosas a partir dela, não representaria a adoção de um espírito liberal e crítico.

Uma prova é a completa rejeição aos conhecimentos filosóficos, encarados como apostasia perigosa e vil. O que apenas revelaria preocupação em afastar qualquer possibilidade de explicações alternativas às questões metafísicas e éticas. Isto os faz perceber a ciência como instância de objetividade que legitima ideologias e suprime

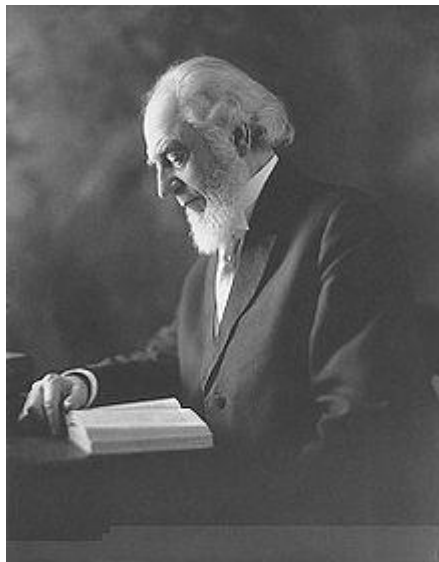
¹⁹ Na minha monografia de conclusão de curso e no artigo apresentado, em 2011, ao Congresso da Associação Latino-Americana de Sociologia: ALAS.

contradições existentes entre os vários sistemas simbólicos. Provavelmente, também seria um escudo às acusações de que são conservadores e anacrônicos. Contudo, essas ações subordinam a atividade científica ao cânone religioso, na medida em que aceitam apenas os conhecimentos científicos que estiverem de acordo com os ensinamentos teológicos.

De qualquer maneira, a entrada na congregação Valentina me permitiu estabelecer ligações com Testemunhas de Jeová de outros lugares. Como alertei no capítulo de introdução: o conjunto dos entrevistados não é formado integralmente por indivíduos dessa congregação; faz parte de um universo mais amplo. Creio que a discussão que se seguirá, em breve, sobre o processo de desassociação, poderá ser mais bem compreendida se tivermos em conta uma visão ampla da religião. O leitor, a essa altura, pode ter-se perguntado: “como surgiram as Testemunhas de Jeová”? “Como a Igreja é administrada”? “Em que acreditam”? “O que é e como alguém pode ser desassociado?” São questões que tentarei esclarecer adiante.

* * *

2.2 Origens



Charles Russell. Fonte da imagem http://pt.wikipedia.org/wiki/Testemunhas_de_Jeov%C3%A1

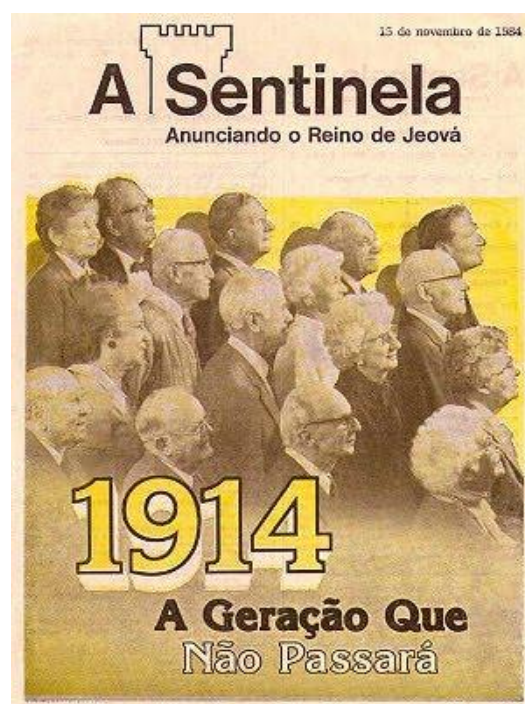
As Testemunhas de Jeová surgiram nos Estados Unidos, no condado de Allegheny, Pensilvânia, em 1870, quando o empresário da indústria têxtil, Charles Taze Russell, decidiu criar com amigos um grupo de estudos bíblicos. Filho de pais presbiterianos, convertido à Igreja Metodista durante a adolescência, vivia sempre às turras com problemas teológicos. As inquietações eram tamanhas e tão desgastantes que durante longo tempo consumiram a sua fé nas escrituras. Certa vez, como as incertezas apenas aumentassem, resolveu visitar a Igreja Adventista, em busca de respostas mais convincentes. Sua maior aflição, até então, era conciliar a crença em um Deus bondoso com as ideias do suplício infernal e a predestinação. Não sairia plenamente satisfeito com as ideias que ouviu, mas a experiência deixaria marcas duradouras em seu pensamento. Cruciais para criação do grupo de estudos que originaria as Testemunhas de Jeová. Entre as principais influências legadas pela doutrina adventista, destacam-se a crença no caráter infalível da Bíblia; a expectativa do retorno iminente de Cristo e o milenarismo. O próprio Russell reconhece a dívida com os adventistas no livro **Testemunhas de Jeová: Proclamadores do Reino:**

Como que por acaso, certa noite visitei uma sala poeirenta e mal-iluminada, onde eu ouviria dizer que se realizavam cultos religiosos, para ver se o punhado de pessoas que se reunia ali tinha algo mais sensato a oferecer do que as crenças das grandes religiões. Ali, pela primeira vez, ouvi algo sobre os conceitos dos adventistas [Igreja Cristã do Advento], sendo Sr. Jonas Wendell o pregador... Assim reconheço estar endividado com os adventistas e com outras denominações. Embora a exposição feita por ele não fosse inteiramente clara... Foi o suficiente, sob a orientação de Deus, para restaurar minha abalada fé na inspiração divina da Bíblia e para mostrar que os escritos dos apóstolos e dos profetas estão indissolivelmente vinculados. O que ouvi me fez voltar à minha Bíblia para estudá-la com mais zelo e cuidado do que nunca antes, e serei sempre grato ao Senhor por esta orientação; pois embora o adventismo não tenha me ajudado em nenhuma verdade específica, ajudou-me grandemente a desaprender erros, assim me preparou para a verdade. (pp. 23-44)

Após o estabelecimento do grupo de estudos bíblico, Russell criaria em 1879 a revista **Watch Tower** – conhecida no Brasil por **A Sentinela**. Posteriormente, em 1881, foi a vez da *Sociedade Torre de Vigia de Tratados de Sião* que, cinco anos depois,

mudaria de nome para *Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados da Pensilvânia*. Agora com status de associação jurídica. Todas as publicações das Testemunhas de Jeová são de responsabilidade da entidade. A primeira publicação da **Watch Tower** teve 6000 exemplares. Em 1914 esses números aumentariam quase 1000% — revelando o vertiginoso crescimento da religião. Russell ainda se beneficiaria com a invenção do telégrafo, publicando sermões em jornais dos Estados Unidos, sem precisar interromper viagens para divulgação da nova doutrina. Por volta de 1904 o número de leitores chegava a 15 milhões de pessoas.

Outro episódio de grande importância para Russell foi a descoberta dos textos de Nelson H. Barbour. Com destaque para a ideia de que o mundo não seria destruído completamente no Armagedom, que apesar de contrariar antigas concepções parecia agora aos seus olhos muito sedutora. Assim como a crença no restabelecimento do paraíso terrestre e na segunda vinda imaterial de Cristo. Tal acontecimento seria invisível, espiritual. Desde então Russell se viu entregue aos esforços de encontrar na Bíblia alguma profecia que vaticinasse o ano do juízo final. Foram muitas as tentativas, todas elas frustradas.



É preciso ressaltar que, por longo tempo, os *Estudantes da Bíblia* estiveram convencidos de que o fim do mundo aconteceria em 1914. Ano da primeira guerra mundial. Nesse período, acreditavam que a segunda vinda havia acontecido e que o mundo se encaminhava rapidamente para o fim, ou seja, a destruição dos iníquos e a salvação dos verdadeiros servos de Jeová. Naturalmente o frenesi tomou conta, já que a previsão estipulava que o Armagedom sobreviria em outubro daquele mesmo ano. De uma hora para outra, vários indivíduos abandonaram o trabalho para se dedicar exclusivamente aos preparativos do “Grande Dia”. Mas a história mostraria que Jeová reservava outros planos. As expectativas caíram por terra. Nada aconteceu. A decepção fez com que milhares deixassem a organização.

Em resposta aos acontecimentos indesejados, Russell e outros dirigentes assumiram os erros pelos cálculos, passando a afirmar que o fim do mundo aconteceria em outubro de 1915. Como as previsões se mostrariam novamente equivocadas, se decidiu que a interpretação bíblica é que deveria ser modificada. Desde essa época, 1914 deixaria de representar o fim do mundo, sendo entendido, de agora em diante, como o momento em que Jesus Cristo se tornou rei nos céus – ao expulsar Satanás e os demônios²⁰. O ano marca a contagem regressiva para o fim dos tempos. Esse episódio explicaria ainda a Primeira Guerra Mundial como resultado de uma investida desesperada de Satanás contra a humanidade.

Com a morte de Russell, em 1916, a Organização enfrentaria sérios problemas políticos. Dúvidas sobre a sucessão do comando vieram à tona. A situação seria resolvida através de eleição, vencida pelo advogado Joseph Franklin Rutherford. Antes de morrer, porém, Russell escreveu um testamento que determinava a composição de uma comissão editorial, formada por cinco pessoas, para supervisionar as publicações da **Watch Tower**. Nesse interregno, a *Sociedade Torre de Vigília* formou uma Comissão Executiva que contava com a participação de A. I. Richie, W. E. Van Amburgh e J.F

²⁰ As Testemunhas de Jeová acreditam que Satanás e os demônios habitavam o mundo espiritual divino desde tempos imemoriais, inclusive após a queda do homem no paraíso. Somente em 1914 é que teriam sido expulsos dessas plagas.

Rutherford, mas que gozava de autonomia relativa. A legitimidade de Rutherford viria a ser contestada pelos diretores indicados por Russell.

Conta-se que a publicação do sétimo volume do livro **O Mistério Consumado**, que supostamente trazia elementos apóstatas (os outros seis volumes foram escritos por Russell), foi o estopim do primeiro cisma da Igreja. Rutherford habilmente expulsou seus opositores graças a um artifício jurídico: os dissidentes não tinham sido ainda reconhecidos juridicamente, faltava-lhes a ratificação necessária através de sufrágio. Depois da expulsão, gerou-se uma intensa propaganda negativa contra os *Estudantes da Bíblia*, o que produziu outra grande evasão de fiéis.

Rutherford e outros membros da diretoria foram presos na Geórgia em 1918, acusados de incentivar a deserção militar. A instabilidade de seu poder chegaria então ao máximo. Por muito pouco não se viu destituído do cargo de presidente da Sociedade. O congresso de janeiro de 1919 decretaria a sua sorte. Após se livrar das dificuldades sendo reeleito na prisão, não tardaria para que o novo presidente levasse a sério os assuntos de predição do futuro – ao melhor estilo russelliano. Dizia que por volta de 1925 eminentes personagens bíblicos – Abraão, Moisés e Jacó – seriam ressuscitados. De modo que medidas deveriam ser tomadas para construir uma casa adequada, capaz de abrigar pessoas de tão alto valor. A Sociedade acabou financiando a edificação da mansão Bete-Sarim, na qual Rutherford viveria até sua morte em 1942. Naturalmente os patriarcas bíblicos não ressuscitaram, estimulando assim um novo abandono em massa da religião.

Apenas em 1931 houve a mudança definitiva de nome para Testemunhas de Jeová, numa tentativa de fortalecer a desgastada imagem da Organização. O Anúncio foi transmitido pela cadeia de rádios da Sociedade e por outras estações adicionais. As Testemunhas de Jeová possuíam uma das maiores cadeias de rádio dos Estados Unidos. A organização desde então tenderia a se desenvolver por todo o mundo.

* * *

2.3 Estrutura Política e Administrativa

O poder na Igreja é distribuído verticalmente. Os anciãos são os responsáveis pelas congregações – células espalhadas pelo mundo com aproximadamente sete milhões de pessoas. Equivalem aos padres na Igreja Católica e aos pastores protestantes. Eles cuidam dos batizados e negócios relativos à manutenção da congregação; além de gerenciar atividades ministeriais e o trabalho de pregação. A atividade não é remunerada. Possuem a autoridade de elevar algum membro à condição de servo ministerial, posição hierarquicamente inferior a sua.

Na falta de homens numa congregação, é permitido que mulheres ordenem, sob a condição de usar um lenço na cabeça em sinal de respeito à autoridade masculina. As mulheres devem completa submissão aos homens. Este dogma remete ao apóstolo Paulo:

Mas, quero que saiba que a cabeça de todo homem é Cristo; por sua vez a cabeça da mulher é o homem; por sua vez a cabeça do Cristo é Deus. (1 Coríntios, 11: 3)

Prossegue o apóstolo:

Todo homem que orar ou profetizar com algo sobre a cabeça envergonha sua cabeça; mas toda mulher que orar ou profetizar com sua cabeça descoberta envergonha a sua cabeça, pois é a mesma coisa como se fosse [mulher] de cabeça raspada. Porque, se a mulher não cobrir, seja também tosquiada; mas, se é ignominioso para mulher ser tosquiada ou raspada, que se cubra. (1 Coríntios, 11: 4-6)

Em **Raciocínios à base das Escrituras**, afirma-se peremptoriamente:

(...) Aconselha-se que as mulheres ‘aprendam em silêncio’ nas reuniões congregacionais, no sentido de não suscitarem perguntas que contestem os homens na congregação. As mulheres devem ‘ficar caladas’ em tais reuniões, se o que vão dizer demonstra falta de sujeição. (1Tim.2:11-12; 1Cor. 14:33,34) Assim, embora as mulheres façam contribuições valiosas à atividade da congregação, não há provisão para elas presidirem ou tomarem a liderança, instruindo a congregação, quando homens qualificados estão presentes. (p. 251)

Como observamos, os servos ministeriais e os anciãos representam os primeiros graus na hierarquia da Igreja. Seus superiores imediatos são os superintendentes de circuito que ficam responsáveis por um conjunto de 20 congregações, supervisionando-as pessoalmente a cada semestre. Logo acima na hierarquia surgem os superintendentes

de distrito. Um distrito equivale a 20 circuitos. Suas visitas as congregações também são semestrais.

Quem de fato comanda a Igreja é o Corpo Governante, que dirige um comitê central executivo, responsável pelas deliberações mais importantes. É formado atualmente por nove pessoas, todas se dizem ungidas. Por analogia, seria algo parecido a um *politburo* ou casta superior, responsável pela redação das publicações e interpretações oficiais da Bíblia. Cabem a ele as decisões em casos de perseguição política e o controle jurídico e econômico da Instituição. A *Sociedade Torre de Vigia*, por exemplo, possui um dos maiores parques gráficos do mundo. Com publicações traduzidas para mais de 200 idiomas.

O conceito de Corpo Governante variou historicamente, assim com a sua estrutura. O número de membros já foi muito maior. Em 1944, após uma reforma, tinham entre 300 e 500 membros. A concepção atual é mais centralizadora que as anteriores; além de reduzir o número de membros, estabeleceu a validade indeterminada dos cargos e um critério transcendental para ocupá-lo: a unção.

Dizem que os ungidos foram selecionados pelo Espírito Santo para viver no céu e compor juntamente com Jesus Cristo o Governo Celestial. É importante perceber que, entre os escolhidos para a salvação, apenas uma elite gozará deste privilégio. Anualmente as Testemunhas de Jeová comemoram o dia da morte de Cristo, num ritual que consiste em fazer passar, de mão em mão, uma bandeja com pães não fermentados e uma taça de vinho tinto – representando o corpo e o sangue do Salvador. Apenas os ungidos podem se alimentar. O dogma se fundamenta em dois textos:

Depois destas coisas eu vi, e, eis uma grande multidão, que nenhum homem podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos, e línguas, em pé diante do trono e diante do cordeiro, trajados de cumpridas vestes brancas; e havia palmas nas suas mãos. E gritavam com voz alta, dizendo: [Devemos] a salvação ao nosso Deus, que está sentado no trono, e ao Cordeiro. (Revelação, 7: 9)

A grande multidão simbolizaria os futuros habitantes do paraíso. A existência dos 144.000 seria confirmada mais adiante por Revelação 14: 3:

E estão cantando como que um novo cântico diante do trono e diante das quatro criaturas viventes e dos anciãos; e ninguém podia aprender esse cântico, exceto os cento e quarenta e quatro mil que foram comprados da terra.

A *Sociedade Torre de Vigia* costuma divulgar anualmente o número de ungidos no mundo. A expectativa geral é que a presença dos ungidos na Terra funciona como uma espécie de termômetro do fim do mundo. Acham que logo após a morte os ungidos são imediatamente arrebatados ao céu; estes só passaram a ser conhecidos após a ressurreição de Cristo. Isso significaria que personagens ilustres como Moisés, Abraão, Davi, Jacó, Daniel entre outros, não têm o privilégio de viver no céu. Por algum motivo, o fim deve necessariamente sobrevir antes que todos ungidos desapareçam. Eles são um grupo de pessoas idosas, em sua maioria, nascidos nas primeiras gerações do século XX.

Releituras doutrinárias estão sujeitas a aprovação de dois terços dos membros. O Corpo Governante não atribui aos seus escritos à condição de textos inspirados por Deus, como fazem com a Bíblia. Argumentam, todavia, que tais visões se aproximam gradualmente da verdade. De modo a explicar o fracasso de suas profecias escatológicas. Através do erro chegariam a um entendimento superior da verdade.

A religião é muito conhecida por um incansável serviço de pregação, em que os membros batizados devem participar. O trabalho é controlado. Cada pregador precisa prestar contas mensais de quantas horas gastou com as atividades de propaganda. As jornadas e as atribuições variam segundo a posição de cada membro na organização. Os pregadores recebem o nome de Publicadores do Reino. Divididos em publicadores simples, com tempo de trabalho indeterminado; pioneiros auxiliares, com meta de 40 horas de trabalho mensais; e pioneiros especiais, com 140 horas.

O irmão Carlos da Congregação Valentina conta:

Temos que relatar mensalmente o número de horas trabalhadas no serviço de campo. Não sou pioneiro porque preciso trabalhar... Acho que os pioneiros são vistos de maneira um pouco diferente dos outros irmãos. É como se fossem mais corretos e estivessem agradando mais a Jeová Deus.

Tornar-se pioneiro é uma questão de foro íntimo que geralmente resulta em prestígio social. Há a possibilidade de optar pela vida de missionário e trabalhar fora do seu país de origem. Estes trabalhos não são remunerados. A pregação em toda terra habitada é encarada como essencial para a chegada do Armagedom. Mateus 24:14 diz: *“E essas boas novas do reino serão pregadas em toda terra habitada, em testemunho a todas as nações; e então virá o fim”*. Entre todos os sinais previstos pelos evangelhos para o Armagedom, este é o único que parece depender exclusivamente da vontade humana.



Evangelização de casa em casa. Fonte:

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Evangeliza%C3%A7%C3%A3o.jpg>

Como a Organização é relativamente nova, a maioria de seus membros foi sendo conquistada através de conversão. Para que alguém seja batizado, é necessário um treinamento chamado de estudo bíblico domiciliar. O Estudo pode ser realizado por qualquer publicador batizado. Mas não para por aí: a pessoa deverá ainda frequentar regularmente as reuniões congregacionais, pregar no serviço de campo e manter conduta sem manchas durante esse período. Sobre a pregação, escrevem as Testemunhas de Jeová:

A mensagem que seria pregada é que o Reino de Deus às mãos de Jesus Cristo já começou a dominar nos céus, que em breve porá fim ao inteiro sistema iníquo de coisas, que, sob o seu domínio, a humanidade será levada à perfeição e a terra se tornará um paraíso. Essas boas novas estão sendo pregadas hoje em mais de 200 países e grupos de ilhas, até as partes mais distantes da terra. As Testemunhas de Jeová devotam centenas de milhões de horas a essa atividade anualmente, fazendo visitas repetidas de casa em casa, a fim que se dê a toda pessoa possível a oportunidade de ouvir. (Idem, 1985, p. 423)

Os publicadores são conhecidíssimos no Brasil, talvez por serem facilmente reconhecidos pelas roupas que vestem, por andarem em grupo e irem à procura de novos adeptos. Frequentemente visitam domicílios nos finais de semana, pela manhã, o que muitas vezes faz com que não sejam bem recebidos. A crença obstinada de que pertencem à única religião verdadeira os fez alvo de praticamente todos os outros grupos de igrejas cristãs.

A pioneira Karla, da congregação Valentina, relata caso curioso de um dia de pregação:

Certa vez, eu e outra irmã, batemos numa casa de protestantes. Uma mulher gorda e raivosa nos recebeu com xingamentos, arremessando sobre a gente uma bacia cheia de água gelada. Não sabíamos o que fazer! Ficamos assustadas e acabamos saindo rapidamente dali.

* * *

2.4 Doutrina, Controle Social e Desassociação

Além de se intitularem a única religião verdadeira e os autênticos continuadores do cristianismo primitivo – obscurecido desde o surgimento do catolicismo. Sustentam ainda que são o povo eleito por Deus e que a suposta exatidão de suas doutrinas é decorrência de se basearem na Bíblia, a única fonte de conhecimento indiscutível. Creem na missão de informar à humanidade que o fim do mundo está bastante próximo e na promessa de salvação individual –, desde que adotemos os comportamentos exigidos pelo grupo. Acreditam que o ser humano tem uma inclinação natural para o mal e que o pecado é hereditário. A maldade seria efeito do primeiro ato de desobediência a Deus, cometido por Adão e Eva, no alvorecer da criação. O ser humano é considerado incapaz de autogovernar-se; qualquer tentativa resultaria em sofrimento e

destruição. A única saída é o estabelecimento de um governo teocrático. Não haveria verdade fora de suas crenças coletivas.

Para Castells (2006), essa atitude representaria o que há de mais essencial ao discurso fundamentalista, algo que ultrapassaria a legítima necessidade humana de conforto para o sofrimento. A singularidade desse conceito está no enlace com uma das mais influentes formas de construção de identidade no mundo contemporâneo. Por mais que os grupos fundamentalistas se inclinam ao passado, em busca de fontes para orientação, seus esforços visam à intervenção direta no mundo em que vivem.

O retorno à tradição é feito de modo seletivo, em que se depreendem os elementos que mais favorecem a unidade e a coesão do grupo. O fundamentalismo não é um fenômeno novo, mas adquiriu contornos interessantes na atualidade. Segundo Castells (2006), nos Estados Unidos ele pode ser encontrado, pelo menos, desde os federalistas pós-revolucionários como Timothy Dwight.

Entre as concepções essenciais do fundamentalismo cristão estão a crença na infalibilidade da Bíblia como revelação divina; a fé no iminente retorno de Cristo à Terra; e ainda a ideia de que a salvação individual é unicamente possível através da fé – como pela prática irrestrita dos ensinamentos de sua própria religião. É bom frisar que esses dogmas foram reinterpretados de maneiras diferentes, ao passo que incorporados a distintas correntes teológicas. Assim como fazem tão peculiarmente as Testemunhas de Jeová.

Estaria no âmago do cristianismo a noção de conversão. A crença que os homens enquanto pecadores podem conquistar a vida eterna por meio da absolvição, pela simples aceitação da fé. A conversão representaria o renascimento do homem, por permitir uma “religação com o sagrado”. É a base para a construção de uma identidade, a partir de concepções políticas e sociais que buscam reafirmar valores tradicionais e a revitalização da instituição familiar em bases patriarcais e autoritárias. As Testemunhas de Jeová, então, defendem a superioridade dos homens em relações às mulheres, a sacralidade matrimonial e a submissão dos filhos frente à autoridade paterna. Sendo a família responsável por educar os filhos com severidade e orientá-los quanto aos meios de defenestrar a condição pecaminosa que carregam desde o nascimento. É comum a obsessão pelo controle da sexualidade.

O relato abaixo de Raymond Franz – ex-membro do Corpo Governante da Igreja – ilustra bem a tristeza e a incredulidade de um homem, sexualmente impotente, com a decisão da Igreja em proibir a prática de sexo oral:

Uma dessas pessoas que havia ficado impotente dessa maneira, havia durante os anos seguintes conseguido realizar sua função sexual por um dos meios agora condenados pela organização. Ele disse que, antes da decisão do Corpo Governante, fora capaz de deixar de sentir-se como meio-homem porque ainda conseguia satisfazer a sua esposa. Agora, ele escrevia dizendo que não podia ver nenhuma prova para a posição adotada pela revista A Sentinela, mas que sua esposa se sentia na obrigação de obedecer e, como ele a amava, acedeu. Disse que sabia que ele era o mesmo de antes, embora estivesse emocionalmente desmoronado, visto temer que seu casamento fosse ficar seriamente afetado. Implorou que lhe informassem se não havia uma “brecha” na vontade de Deus que lhe permitisse o prazer de satisfazer a sua esposa. (FRANZ, 2008, p. 62).

De qualquer maneira Castells (2006) lembra que os ideais fundamentalistas esbarram em forças e interesses contrários ao Estado, à sociedade civil e à mídia. Ativistas do movimento feminista, por exemplo, são demonizadas. Como segundo creem, o fim do mundo se aproxima rapidamente, por isso acham que é dever preparar a sociedade para um momento tão decisivo, em que qualquer passo em falso pode ser fatal. Para Castells (2006), não haveria nenhuma ligação direta entre as aspirações fundamentalistas e os seus interesses de classe. O fenômeno seria de natureza moral.

A revolta fundamentalista, segundo essa perspectiva, está intimamente ligada à desintegração do patriarcalismo e aos efeitos da globalização. É, de tal modo, a tentativa de se restabelecer antigas formas de organização social. Reação desesperada contra viver num mundo onde as antigas formas de associação parecem obsoletas. Por isso, as questões morais se sobrepõem, negando qualquer forma de entendimento diferente da realidade. O fundamentalismo se torna uma ideologia totalizante na medida em que aponta para a existência de uma única verdade possível, impedindo o diálogo racional, negando a pluralidade, além de rejeitar provas e argumentações científicas por contrariar interesses políticos e religiosos.

As Testemunhas de Jeová são famosas pela rigidez espartana de suas doutrinas. Defendem a endogamia e se dizem contrárias o divórcio – excetuando situações de adultério ou morte. O namoro é permitido somente aos jovens maiores de idade; tem

como finalidade o casamento e também segue normas austeras. Como o desejo sexual fora do casamento é considerado pecado, tendem a reprimi-lo.

Os líderes da Igreja costumam ser implacáveis contra namoros que fujam às regras e com práticas sexuais extraconjugais, ou mesmo entre pessoas solteiras. Estes comportamentos habitualmente levam à desassociação. O fato de que em grande parte das congregações o número de mulheres é bastante superior ao de homens, torna elevadíssimo o percentual de jovens solteiras. A solução prática adotada por muitas delas é arriscar a sorte noutra congregação. Algumas desobedecem à orientação oficial, casando-se com não cristãos²¹ – com a esperança de que um dia o companheiro se converta. Situações como essa terminam provocando graves censuras e a expulsão da igreja.

A irmã Marta fala sobre a dificuldade de conseguir casamento:

Tem muitas mulheres na congregação. Quando batemos nas portas, no serviço de campo, quase sempre são elas que atendem e se interessam mais pela conversa. Por quê? Pela proteção dos filhos, a esperança de um mundo melhor... É muito difícil um homem gostar de primeira... Geralmente eles vão através da esposa, depois que percebem a sua mudança. É ainda mais difícil rapazes serem convertidos. A maioria dos jovens da congregação são filhos de pais Testemunhas de Jeová. Por isso as meninas ficam sem namorados... Há disputas entre as mulheres. Alguns homens chegam a esnobar dizendo: “essa é feia, aquela outra lá é magra demais”. É difícil, muito difícil, muito difícil mesmo casar! Trinta para cada dez homens, a maioria deles já comprometido. Algumas com seus trinta e poucos anos e nunca conseguiram um namorado!

O controle do comportamento não é ofício apenas dos dirigentes congregacionais. A crença de que Jeová observa os nossos pensamentos mais íntimos, ajuda a aumentar nossa preocupação com o autocontrole emocional. O que motivaria algumas pessoas a escrever cartas aos dirigentes solicitando esclarecimentos sobre como devem agir, revelando temores diante da possibilidade de estar cometendo determinado pecado. Não é à-toa que Testemunhas de Jeová se vejam sob a sensação de vigilância total. Os métodos de controle estão relacionados tanto à exegese bíblica como a questões de vida prática. A fofoca é um dos instrumentos informais mais importantes nesse processo.

A irmã Elisabete, da Congregação Valentina, fala sobre as fofocas durante o trabalho de pregação:

²¹ As Testemunhas de Jeová se intitulam os únicos e verdadeiros cristãos.

O campo é o local predileto pra tagarelar. Os irmãos vão parando de casa em casa e fofocando. Eu descobri que estavam falando de mim no campo... Existe muita fofoca, a fofoca é grande. Os anciãos falam: “cuidado com a tagarelice!”, mas lá é o que mais tem. Você dá as costas e é logo malhado. Dificilmente eu vejo alguém elogiando.

Acrescente-se a isso o quanto são incentivadas a informar os desvios de normas. A punição máxima que podem receber é a desassociação, que implica no banimento do convívio social e a perda de privilégios religiosos. Segundo o irmão Caio, o anúncio da desassociação é feito publicamente durante as reuniões congregacionais:

“‘De agora em diante _____ não é mais nosso irmão’. Todo mundo a partir desse momento passa a não falar mais com ele, que sai cabisbaixo. Dificilmente volta no outro dia ou na outra semana. Passa um mês... Vai voltando devagarzinho. Quando retorna senta nos lugares mais reservados, lá atrás. Nunca na frente, sempre atrás, sempre no canto, pra que ninguém fique muito próximo. Se, por acaso, ninguém souber que você é uma pessoa desassociada é sua obrigação contar”.

Muitos desassociados dedicaram boa parte da vida à Igreja e tinham a rede de amizades limitada a esse universo. Na maioria dos casos, os indivíduos desassociados acabam atormentados com o sentimento desconfortável de que serão destruídos no Armagedom. Os membros associados ficam impedidos de conversar com eles, isto vale também para parentes próximos. Há registros de situações trágicas como suicídio e tentativas desesperadas de reverter a situação através de ações judiciais. A expulsão, no entanto, é passível de ser reconsiderada: basta que o indivíduo participe mudo, por tempo indefinido, das reuniões congregacionais, e demonstre sincero arrependimento.

A irmã Ângela, da Congregação Valentina, comenta:

Foi a situação mais constrangedora da minha vida! A gente se sente a pior pessoa do mundo. Ninguém fala com você... a gente entra calada e sai muda. É preciso demonstrar arrependimento sincero para Jeová. Prefiro morrer a ter que viver isso outra vez.

A desassociação é um estigma que envolve sentimentos morais arraigados e fortes laços de pertencimento social. O processo de internalização de regras morais e uma mesma visão de mundo possibilita que se aceitem mais facilmente como pessoas inferiores. O tabu do contato íntimo é sintomático, porque acentua a exclusão social e demonstra o nível de autorregulação interno.

A irmã Fátima, da Congregação Valentina, relata a dramática situação dos desassociados:

É horrível... Muitos desassociados não voltam pela vergonha de se sentir um “dalit”, um intocável. Primeiro porque a pessoa passa invisivelmente, ninguém olha. Um sorriso, qualquer gesto que alguém faça para eles é motivo de repreensão. Mesmo dentro da própria família, por exemplo, se você fosse meu irmão eu não poderia estar incentivando: “bora rapaz, o fim tá chegando!”. Nos dizem que temos que ficar calados e esperar que você mesmo tenha o desejo de voltar. Então, fica mais difícil ainda. A pessoa volta pelo medo do Armagedom, não pelo amor a Deus.

Esse artifício impede qualquer tentativa de diálogo entre associados x desassociados, impõe o isolamento social, aumentando a sensação de culpa por terem cometido “pecado”. A crença na existência do pecado é fundamental ao cristianismo, porque iguala os seres humanos a uma condição comum de inferioridade diante de Deus. A noção de pecado, assim como a doutrina cristã do livre-arbítrio, é indispensável para a existência de um sistema social de classificação de pessoas “boas” e “iníquas”.

Segundo Bertrand Russell:

A extrema humildade é atingida na doutrina do pecado original, da qual a melhor exposição encontra-se em Santo Agostinho. De acordo com essa doutrina, Adão e Eva foram criados com livre-arbítrio, e tinham o poder de escolher entre o bem e o mal. Quando comeram a maçã, escolheram o mal, e naquele momento a corrupção entrou em suas almas. Eles e toda a sua descendência ficaram daí por diante incapazes de escolher o bem por força de suas vontades desajustadas; só a Graça divina permitia aos eleitos viver virtuosamente. A Graça Divina é atribuída, sem qualquer princípio orientador, a alguns daqueles que foram batizados, mas a mais ninguém, com exceção de certos patriarcas e profetas. (Russell, 1977, p.89)

Desse modo, conclui Russell:

O restante da humanidade, embora, desde que a graça foi retirada, esteja fatalmente predestinado ao pecado, é justamente objeto da ira de Deus, e como tal sofrerá a perdição eterna. Santo Agostinho enumera os pecados cometidos por crianças de peito, e não treme à conclusão de que as crianças que morrem sem batismo vão para o inferno. Os eleitos vão para o céu porque Deus os escolhe como objetos de misericórdia: eles são virtuosos porque são eleitos, e não eleitos porque são virtuosos. (Russell, 1977, p.89)

As Testemunhas de Jeová se orgulham de possuir boa reputação e cumprir corretamente obrigações sociais e civis. Repudiam mentira, jogos de azar, esportes violentos, consumo de drogas, trapaça e roubo. Não toleram leis que se oponham aos ensinamentos bíblicos, exortando nesses casos à desobediência civil. Pacifistas, recusam o serviço militar e empregos na força policial. Em alguns países a resposta

governamental é severa, jovens são presos e perdem direitos civis. Também abominam manifestações de patriotismo e reverência a símbolos de Estado, como bandeira e hinos. São desde cedo educados a não cantar o hino de seu país na escola, nem fazer qualquer tipo de juramento.

O irmão Manuel, da Congregação Valentina, afirma:

Não devemos render homenagens à bandeira ou qualquer outro símbolo. Só Jeová Deus é digno de glória e adoração, mais ninguém. A Bíblia é bastante clara sobre isso. Eu proibi meu filho de fazer parte do grupo de escoteiros quando descobri que eles faziam adoração à pátria e eram obrigados a cantar o hino nacional.

Deriva daí a proibição à carreira artística e esportiva. Dizem que quando expostos à fama, somos inevitavelmente idolatrados, de modo que não seria de bom tom para o verdadeiro cristão se dedicar a tais atividades e correr este risco. Curiosamente, artistas famosos da música pop mundial, Michael Jackson e Prince, por exemplo, eram Testemunhas de Jeová.

O irmão Eduardo, da Congregação Valentina, comenta:

Meu grande sonho era ser jogador de futebol profissional, mas meus pais nunca deixaram. Era uma das coisas que mais incomodavam na igreja. Joguei em vários times amadores. No fundo não via nada demais nisso. Acho que os irmãos são muito duros com certas coisas.

Nesse mesmo compasso são instigadas a não concorrer a cargos públicos, se filiar a partidos e votar em eleições governamentais. Como justificativa usam o argumento singular de que a política seria controlada por Satanás, e que, portanto, não passaria de um engodo acreditar no sucesso dos governantes humanos – títeres de seres espirituais. A alternativa é aguardar o estabelecimento do governo divino, após o Armagedom, único capaz de promover justiça e felicidade para todos. Essa postura é tradicionalmente chamada por eles de neutralidade política. A decisão sobre votar é tratada como questão de consciência; cada indivíduo deve julgar sua atitude a partir dos ensinamentos bíblicos que recebeu. Arguem que o drama humano se iniciou com a contestação da soberania divina no jardim do Éden. Entregue à sua própria vontade, a humanidade se viu enleada em decadência e insucessos. O trecho a seguir, extraído do livro **Raciocínios à base das Escrituras**, esclarece um pouco essa discussão:

Não é verdade que, quando há eleições livres, de modo geral em relativamente poucos anos, se vota para tirar do cargo os que estão com autoridade? Por quê? Por quê? A maioria não está satisfeita com o desempenho deles. Sal. 143: 3-4: “Não confieis nos nobres, nem nos filhos do homem terreno, a quem não pertence a salvação. Sai-lhe o espírito, ele volta ao solo; neste dia perecem de veras os seus pensamentos”. (Portanto, quaisquer programas para melhoria que os governantes instituem passam logo para as mãos de outros e com frequência são abandonados). Não importa quem seja o governante, ainda fazem parte deste mundo que jaz no poder de Satanás – 1 João 5:9. (p.179).

De qualquer maneira, as Testemunhas de Jeová admitem ainda algum nível de legitimidade nos governos humanos, ao passo em que respeitam o pagamento de impostos e os acha necessários para garantir o mínimo de ordem social. Certamente não concordariam como Thoreau que o “*melhor governo é aquele que não governa*”. A desobediência civil é apenas aceita em casos extremos, de ataques diretos às suas doutrinas. O exemplo mais emblemático disso é que, durante a Segunda Guerra Mundial, milhares de Testemunhas foram presas e mortas em campos de concentração nazistas devido a convicções religiosas. Elas ficariam conhecidas pelo codinome Triângulos Roxos, em virtude do símbolo que carregavam no uniforme.

Mesmo que teoricamente julguem o voto uma “questão de consciência”, na prática as Testemunhas de Jeová não experimentam tamanha liberdade. Pressões internas ecoam para que não participem de pleitos, e, em hipótese alguma, se filiem a partidos políticos. Como de costume, os dirigentes apelam para estratégias retóricas, apoiados na autoridade dos textos bíblicos. A técnica consiste em gerar medo, sentimentos de culpa e vergonha, para impedir comportamentos indesejáveis.

Quando indagada sobre o assunto, uma irmã da Congregação Valentina respondeu:

“Não é bem assim... Eles falam isso uma hora, mas depois pressionam a gente pra não votar. Dizem que não devemos fazer parte do mundo, e mostram em seguida um texto bíblico em que Jesus diz a mesma coisa. Ninguém se sente à vontade para votar, mas com sentimento de culpa depois da tortura psicológica”.

Isto fica ainda mais evidente quando descobrimos situações reais de perda de privilégios e desassociação. Indivíduos que se vinculam a partidos políticos tendem a ser expulsos, ou, na melhor das hipóteses, receber punição um pouco mais branda. A contradição entre o discurso teológico da “questão de consciência” e o tolhimento desse princípio por meio dos anciãos, evidencia um complexo sistema de controle social com potentes efeitos psicológicos.

O irmão Gustavo comenta:

“Tem o caso de um irmão que perdeu os privilégios por votar e outro que foi desassociado quando descobriram que ele entrou pra um partido político. A maioria dos irmãos vota nulo. Se alguém vota é escondido, com medo de ser repreendido. Como eu detesto política: faço questão de não votar!”

A transfusão de sangue, por outro lado, é tratada como desvio gravíssimo. A desassociação nesse caso é inamovível. Do ponto de vista teológico, seria assinar a própria destruição. É importante esclarecer que as Testemunhas de Jeová abonam a ideia que os mortos ressuscitarão para viver no paraíso, ao lado dos sobreviventes do Armagedom – o que seria negado a quem desobedece a essa norma.

Entre os dogmas mais importantes, a reinvenção do Éden é provavelmente o mais sedutor. O Paraíso seria a versão fantástica do mundo perfeito. Lá não há morte, nem sofrimento. Seus habitantes convivem pacificamente, inclusive os animais que não caçam uns aos outros. Todos são vegetarianos. Tigres e leões, dóceis felinos, brincam com crianças sobre a relva verde, banhados por luminosos feixes solares. Os humanos possuem inteligência incomensuravelmente superior à de hoje. Agem com perfeição e justiça, num mundo despido de predicados temporais, harmoniosamente perfeito, sem notas dissonantes, como a escala de dó maior: *nihil est quod Deus efficere non possit!*²² E incompreensível também!

Transcorridos mil anos toda essa harmonia será quebrada. Acreditam que Jeová libertará Satanás da prisão a qual foi enviado no Apocalipse para disseminar o mal e testar novamente a fidelidade humana. Este seria o último teste, a definitiva seleção de pessoas “justas” e “iníquas” para que o estabelecimento definitivo do paraíso realmente aconteça.

²² A Deus nada é impossível.



Futuro paraíso terrestre. Fonte: http://www.watchtower.org/t/bh/article_03.htm

Como vemos, a garantia da salvação requer sacrifícios e obstáculos bastante espinhosos. A transfusão de sangue é um deles, porque impossibilitaria, de uma vez por todas, que indivíduos consigam a “bem-aventurança”. Por isto é que, numa equação utilitarista, muitos preferem morrer pela rejeição de tratamento médico à base de sangue em troca da garantia de ressurreição no paraíso.

Existe uma comissão religiosa, oficial, que presta assistência jurídica aos pacientes que necessitam desse tipo de operação médica. Normalmente ela aconselha aos médicos a administração de solução salina, Ringer e dextrano como substâncias alternativas para o aumento do volume de plasma sanguíneo, evitando assim a aplicação de sangue.

As formas de controles são diversas, podendo assumir contornos variados. Isto inclui a dimensão estética. Os homens não podem usar barba e bigode que conotariam aspectos de sujeira e desleixo com o corpo: “*não fica bem para um cristão bater numa*

porta e ser visto dessa forma!”. As roupas devem seguir critérios específicos de etiqueta. Não podem acentuar traços da sexualidade ou características típicas a certos grupos sociais. Os jovens especialmente se sentem incomodados com as restrições. A adoção de visual ligado a grupos contraculturais, como hippies e headbangers, por exemplo, está sujeita admoestações públicas e a desassociação.

A irmã Aline, da Congregação Valentina, diz:

Sempre gostei de roupas coloridas e brincos artesanais. Não deixei de usá-los quando me tornei Testemunha de Jeová, mesmo quando diziam que eu estava parecendo uma hippie. Ficava triste... é muito chato ouvir isso nesse tom.

O tipo de música que ouvem, assim como filmes, livros, programas de tv e sites da internet são censurados. As músicas para as TJs devem trazer equilíbrio e sensação de conforto espiritual. Tais ideias foram mais comuns do que se imagina ao longo da história. Platão abominava a música ligeira e o modo jônico, na tentativa de adestrar cidadãos a partir de um programa ético musical. Adorno retrucaria séculos mais tarde que essa atitude não passava de uma pregação supersticiosa e grosseira. A Igreja Católica durante o período medieval demonizou intervalos musicais. O trítono foi proibido pela tensão sonora que provocava.

Na época em que Cruyff, o rotweiller do meu irmão, ainda era uma “criança”, costumava assustá-lo com esses acordes dissonantes. Bastava tocar um ré diminuto no violão que o animal se contorcia, rosnava e corria descontroladamente de um lado para o outro do terraço. Perdoem-me os ambientalistas mais sensíveis: mas achava aquilo uma experiência científica muito interessante, digna de Pavlov. Cogitei, por um breve momento, que o cachorrinho fosse a reencarnação de um monge católico; mas na medida em que ele crescia e ia perdendo o medo daquela estranha sonoridade, a hipótese mística esfumou-se.

Livros que tratem de temas filosóficos ou religiosos que não sejam publicados pela *Sociedade Torre de Vigia*, também são vetados. Esse tipo de literatura é considerado apostasia, um dos motivos mais comuns para desassociação. Estranhamente esses livros, além de maus ensinamentos, encerram poderes mágicos que poderiam – *vapt-vupt!* –, empacar a vida dos leitores e de pessoas que o rodeiam. Já presenciei uma cena insólita em que uma TJ queimou o livro dos Mórmons, por acreditar que tê-lo na estante de casa produziria efeitos negativos sobre a sua família. Nesse ponto

reascendem-se antigas crenças animistas. Os objetos estariam presos a espíritos malignos, de modo que conservá-los em casa seria uma autorização para entrada inconveniente de demônios.

A recomendação, então, é queimar tais livros ou mantê-los bem longe do alcance. Assim como pessoas que compartilhem as mesmas ideias. Os textos digitais acessíveis pela internet e as interações fortuitas em redes sociais, sofrem as mesmas sanções. A rede mundial de computadores é vista como uma grande ameaça à fé. Dessa maneira, a *Sociedade Torre de Vigia* se preocupa em abordar nas suas publicações temas relativos ao uso saudável do computador, restringindo ao máximo as possibilidades de uso. A Organização mantém um domínio www que oferece informações oficiais sobre a religião e disponibiliza livros para download.

É possível encontrar na internet críticas feitas às Testemunhas de Jeová formuladas por diferentes pessoas. Teólogos, por exemplo, se esforçam para refutar suas doutrinas, a partir de uma nova exegese, através de contradições históricas ou falácias. Ainda podemos achar fóruns de discussão e crítica promovidos por ex-Testemunhas de Jeová.

O uso da TV deve ser parcimonioso e seletivo. Fazem críticas a programas violentos, como cenas eróticas e que envolvam temas religiosos ou místicos. Filmes de terror ou que envolvam espíritos e fantasmas são inapropriados. Na época em que *Michael Jackson* gravou o famoso videoclipe **Thriller** – com dançarinos fantasiados de zumbi – ele ainda era Testemunha de Jeová. Se observarmos bem, há um aviso no vídeo que informa que o conteúdo não corresponde às convicções do cantor. Recebido como uma maneira de se retratar com os dirigentes da Igreja.

Os anciãos alertam em reuniões para as armadilhas do discurso midiático e orientam lançar mão da perspicácia cristã diante de ofertas tão tentadoras. As novelas são eternos desafetos. Na década de noventa a novela *Barriga de Aluguel*, da Rede Globo, apresentou um personagem Testemunha de Jeová. O retrato caricatural despertou grande insatisfação e muitos se sentiram perseguidos e injustiçados. Reclamavam que os excessos e a inverossimilhança prejudicavam o trabalho de pregação. Uma irmã mais antiga lembra esse período:

A Globo fez um personagem muito fanático, ninguém aqui é assim não! Distorceram a realidade. Um homem com terno e uma Bíblia na mão. Parecia

mais um protestante! [...] Nós sentimos nessa época algumas mudanças na maneira como as pessoas nos recebiam no campo. Perguntavam sempre pela questão do sangue.

A praticidade que existe na relação entre o telespectador e as emissoras de televisão aliada à ampla massificação dificulta o controle. Muitas pessoas relaxam, gerando distorções entre os ensinamentos e a prática.

Uma Testemunha de Jeová confessa:

Não vou mentir que assisto novela. Procuro não deixar me influenciar com coisas ruins, com as imoralidades. É uma diversão. Sei que muitas irmãs e irmãos também assistem.

Em geral os pais são menos permissivos com os filhos, não apenas com a televisão, mas com videogames e a internet. Criticam as redes sociais e a exposição da intimidade que tais recursos permitem. Processos de desassociação já foram motivados por exposição de ideias e comportamentos inadequados no Orkut e Facebook. Há situações em que postagens de fotografias geram insatisfação coletiva, impulsionada através de fofoca. Os anciãos são levados a tomar medidas para resolver a questão. Dependendo da forma que avaliem, a pessoa poderá sofrer apenas uma reprimenda, seguida da ameaça de futura desassociação. Os servos ministeriais tendem a perder o cargo, sendo relegados a segundo plano.

Podemos inferir que as oportunidades de lazer ficam bastante reduzidas. A participação em festas e eventos artísticos não são atividades apropriadas. Nem festas de aniversário são permitidas. Tal comemoração é encarada como prática pagã. Nessa mesma perspectiva afirmam que a Bíblia não menciona o nascimento de Cristo, de modo que a comemoração do Natal em 25 de dezembro é uma invenção católica. A única exceção é a comemoração da morte de Jesus, o evento mais importante do ano. Nessa data as congregações recebem muitos convidados.

Evidentemente as restrições são inúmeras e afetam sobremaneira a vidas das Testemunhas de Jeová. Como o universo cotidiano reflete nas crenças religiosas, os riscos de desassociação se avolumam. O que faz a desassociação ser muito temida é a ameaça de destruição eterna e a rejeição coletiva. O tabu do contato com desassociados é implacável. Eles conspurcariam nosso espírito e produziriam asco. São traidores de

Jeová que negaram o bem e as promessas de salvação, em detrimento de um mundo habitado pelos demônios. Devem, portanto, ficar longe da Organização de Deus.

No próximo capítulo, conheceremos algumas histórias de desassociação. Tentaremos a partir daí compreender o processo de exclusão, enfatizando elementos da experiência individual. O conhecimento sobre o grupo proporcionado pelo capítulo que se encerra, será de agora em diante bastante útil. Creio que nessa viagem será o vagalume que nos guiará pelo abismo de nossas investigações.

* * *

No momento que os pais saíram, as lâmpadas de cabeceira dos três estavam acesas, três lâmpadas muito bonitas, iluminando o quarto com uma luz leve e repousante. Mas a lâmpada de Wendy deu uma piscada e logo as outras duas piscaram também – e apagaram-se.

Havia no quarto agora uma outra luz, mil vezes mais brilhante, revoando velozmente por todos os cantos, entrando e saindo por todas as gavetas antes que alguém pudesse dizer ui.

Não era exatamente uma luz, era uma fada, a fada mais pequeninha do mundo, do tamanho de um dedo mindinho. Parecia uma bolinha de fogo e se chamava Sininho.

Um segundo depois a janela se abria e Peter Pan entrava. Ele havia carregado Sininho na mão durante uma parte da viagem, mas a fada voara na frente e chegava primeiro. Peter Pan chamou em voz baixa:

– Ora, Sininho, saia logo daí de dentro e me diga se achou a minha sombra.

Um tlin-tlin muito gostoso foi a resposta. Parecia mesmo um Sininho de ouro. Era fazendo esse tlin-tlin que a fada conversava.

(James Barrie, Peter Pan, p 12-13)

* * *

3. HISTÓRIAS DE DESASSOCIADOS

Neste capítulo encontramos relatos pormenorizados de casos de desassociação, análises sobre o processo de exclusão e estigma, bem como a organização de grupos desassociados.

A Escritora francesa Madeleine Scudéry²³ dizia que “a desconfiança é a mãe da segurança”. Acho, porém, com o receio de contrariá-la, que a desconfiança é muitas vezes o resultado da insegurança. É certo que fiquei cada vez mais convencido dessa máxima no decorrer da pesquisa, sobretudo, quando procurei entrevistar pessoalmente alguns desassociados. Com extraordinárias exceções, pareciam temerosos com essa possibilidade. Especialmente com a ideia de que os depoimentos seriam gravados. A

²³ Mais conhecida pelo pseudônimo de Safo.

minha inserção na comunidade e a convivência com as Testemunhas de Jeová não foram suficientes para superar tais apreensões. *Mutatis mutandis*, as conversas informais não encontraram os mesmos problemas. Em outras palavras: na medida em que se sentiam seguros com o uso e sigilo das informações, aumentava proporcionalmente a confiança em relação ao pesquisador.

De qualquer maneira, essas circunstâncias aliadas ao pouco tempo para a coleta de dados, dificultaram abarcar um campo de investigação com maior abrangência. Decidi ampliar a base de dados por meio de fóruns virtuais na Internet, criados por ex-Testemunhas de Jeová. Assim, questões relativas à reorganização dos desassociados enquanto grupo e o processo de redefinição de sua autoimagem ganhariam mais força. Foi possível a partir daí estabelecer comparações entre desassociados solitários que, quase sempre, estão dispostos a retornar à religião e aqueles que se desvincilharam das antigas crenças e que não mais aceitam os rótulos estigmatizantes.

Entrevistei pessoalmente homens e mulheres, na maioria deles jovens e adultos, da congregação do Valentina de Figueiredo, bairro da zona sul de João Pessoa, e pessoas de outras comunidades que me foram apresentadas por meio dessa base de contatos. Em geral, possuíam ensino médio e estavam empregados no comércio, setor público ou de serviços. Além de desassociados, ouvi também associados – com esse mesmo perfil –, numa tentativa de compreender a percepção deles sobre determinadas questões. Quanto ao critério de coleta de depoimentos na Internet, estive mais preocupado com os temas por eles discutidos e como contribuiriam para as investigações. Sempre que possível, em busca de maior autenticidade, transcrevi os comentários repetindo formato comum às redes sociais. Exceção feita a casos em que “erros” ortográficos prejudicariam de modo mais comprometedor a leitura. Assim, o leitor não se surpreenda ao deparar-se com palavras sincopadas ou jargões típicos da internet.

Destaco ainda o longo relato sobre desassociação oferecido por Camila, que não por acaso abrirá as discussões desse capítulo. É uma espécie de inflexão que nos ajudará a discutir problemas importantes e contraponto aos desassociados organizados na web.

* * *

3.1 O Caso Camila

Camila é desassociada há aproximadamente dois anos. Vive com a família numa casa espaçosa e iluminada, guarneçada por um belo jardim colorido. Ao rés-do-chão – crestado pelo intenso calor – o gramado toma toda a extensão do banco de madeira, cuidadosamente fincado embaixo de uma árvore frondosa e oblonga. O lugar ideal, como se diz, “para jogar conversa fora” e tirar a sesta nos dias mais quentes. A entrevista que aos poucos iria perdendo seu caráter formal se transformaria num bate-papo marcado por uma nostalgia melancólica.

Ela ainda era adolescente quando conheceu as Testemunhas de Jeová, depois que sua mãe iniciou um estudo bíblico motivada por sucessivas crises no casamento. Assim como a filha, a promessa da vida eterna e a felicidade plena no paraíso a atraía. Mas o frêmito que a arrastava semanalmente dos sofrimentos cotidianos, por mais ou menos três quartos de hora, não duraria muito. A educação católica que recebeu na infância, o hábito já arraigado de pedir ajuda aos santos e o costume de lançar mão de sortilégios, era incompatível com as exigências da nova igreja. Tamanho era o ascetismo que “impossibilitava” a sua felicidade neste mundo, aqui e agora, que fizera apagar gradativamente quaisquer possibilidades de conversão. O estudo arrastou-se durante anos. Ao que parece, servia de esteio à solidão e amainava o temor íntimo do Armagedom – que sorrateiramente lhe invadira a alma. Dona Vânia relembra com candura:

Fui estudante durante muito tempo e ainda levo comigo muitos ensinamentos. Gostava do estudo, mas com o tempo a gente vai cansando. Minha instrutora era uma pessoa boa que me ouvia e deixava à vontade para fazer perguntas. Olhe que eram muitas! Especialmente sobre o paraíso e o fim do mundo. Ficava com medo de ser destruída com minha família no Armagedom.

Camila, na época com 11 anos, contrariaria todas as expectativas que geralmente depositamos em meninas como ela. Como não estivesse interessada nas mesmas formas de diversão de gente com sua idade, era bastante sensível às misérias do mundo. Desde cedo não conseguia conviver com injustiças e sofrimento, isto atiçava a curiosidade sobre aquelas surpreendentes promessas religiosas que ouvira. Desse modo, logo conseguiria uma instrutora bíblica para ministrar-lhe um estudo. A irmã Fátima, pioneira regular, foi a pessoa designada para a missão. Seu corpo alongado para os lados

e verticalmente pequeno, a voz tépida e segura, o jeito sereno e demasiadamente franco, faziam com que Camila se sentisse íntima e confiante²⁴. Ela diz:

Naquela época a irmã Fátima parecia a pessoa mais inteligente do mundo! Era baixinha e gordinha e tinha um jeito de falar que convencia todo mundo. Lembro como gostava de ouvir suas histórias sobre o paraíso e a ressurreição. Sua voz era suave e passava muita confiança. Eu era nova e respeitava demais a sua autoridade, gostava da forma como ela mostrava tudo na Bíblia.

O fato de que todas as explicações doutrinárias são fundamentadas em textos bíblicos, realçava a sabedoria e o caráter indubitável dos novos ensinamentos. A Bíblia para as Testemunhas de Jeová é um livro infalível, na medida em que materializa a própria palavra divina. Todas as questões doutrinárias, abonações morais e prognósticos históricos, devem partir do livro sagrado. É o que legitima a autoridade dos dirigentes e a submissão irrestrita as suas prescrições. No Livro **Existe um Criador que se importa com você**, lemos o seguinte:

Há muitas outras indicações de que a Bíblia é de autoria divina. Entre esta, a exatidão da Bíblia em astronomia, geologia e medicina; a harmonia interna de seus livros, escritos por dezenas de homens ao longo de centenas de anos; sua harmonia com muitos fatos da história secular e da arqueologia; e seu código moral que era superior aos códigos de povos vizinhos daqueles tempos, e que ainda hoje é reconhecido como sem igual. Estas e outras linhas de evidência têm convencido inúmeras pessoas diligentes e sinceras que a Bíblia é legitimamente um livro que procede do nosso Criador. (p. 111).



Pregação. Fonte: <http://www.brasilescola.com/religiao/testemunhas-de-jeova.htm>

²⁴ Curiosamente as Testemunhas de Jeová conservam um tipo característico de entonação da fala, especialmente no serviço de pregação. Procuram sempre demonstrar confiança e brandura.

O processo didático que envolve o estudo bíblico, com constantes referências ao texto sagrado, tende a minar as desconfianças dos espíritos menos céticos e cautos. O período de tempo dos estudos pode variar, geralmente leva meses. Camila teve seu primeiro contato com as Testemunhas de Jeová aos 11 anos, mas apenas se engajaria realmente na religião aos 16. Devido a essas intermitências, demoraria cerca de cinco anos para que começasse de fato a frequentar o Salão do Reino, o que lhe abriria as portas para se tornar publicadora²⁵:

Lembro que quando comecei a frequentar o Salão tudo era novidade. Os irmãos sempre me recebiam muito bem. Tive que me adaptar aos poucos ao funcionamento das reuniões, ao ponto que aquilo passou a se tornar a parte da minha própria vida. Fui aprendendo a viver como uma Testemunha de Jeová. E apesar de desassociada, ainda me sinto muito ligada a eles.

Durante esse período procurou seguir as doutrinas da igreja e se despir de antigos hábitos: frequentar festas, comemorar aniversários, ouvir certos tipos de música, ler determinados livros e assistir alguns filmes e programas de TV. Os amigos começaram a achar esse comportamento estranho, atípico, pouco convencional. O que provocou o distanciamento entre eles. A decisão de entrar para a igreja redesenharia sua rede de amizades.

Meus amigos na época estranharam bastante meu comportamento. Achavam que eu estava ficando louca. Diziam que as Testemunhas de Jeová eram uma seita, para eu tomar cuidado. Minha fé era tão grande que não dava ouvidos a ninguém. Tentaram até convencer a minha mãe a proibir que eu frequentasse a igreja, mas não deu certo. O que eu queria é que todos se tornassem Testemunhas de Jeová como eu.

Camila não mediu esforços para conseguir convencer amigos e parentes a se tornar Testemunhas de Jeová. Algumas pessoas a achavam insistentemente chata e irritante. Mas, ao final, a amiga mais próxima e seu irmão mais novo toparam iniciar estudo bíblico. Logo se revelaria o caráter espasmódico dessas decisões. Rodrigo “abandonou a embarcação”, tão rapidamente, que pairam dúvidas se poderíamos

²⁵ Isto é, participar do trabalho de campo.

classificá-lo na categoria de ex-estudante. Luiza parecia em certa medida convencida, mas tudo indica que seu interesse baseava-se no desejo de conservar a amizade.

Assim conta Camila:

Quando eles aceitaram fazer o estudo fiquei muito feliz. Mas logo percebi que seria difícil que perseverassem. A Bíblia manda sermos sóbrios e vigilantes, porque Satanás está sempre à espreita como um leão faminto atrás de uma presa. Sinto que Luiza queria apenas me agradar, quando deveria agradar a Jeová. Meu irmão estava no calor da adolescência, uma fase muito difícil para tomar essa decisão. Se mamãe e papai também fossem Testemunhas de Jeová seria mais fácil.

Tais circunstâncias levá-la-iam a se isolar no mundo religioso e se tornar pioneira. Viu surgir uma rotina com excessivo trabalho de pregação, que mudou radicalmente sua vida. Faltar a uma das três reuniões semanais era episódio raro. Agia metodicamente, com a mesma precisão e regularidade dos “relógios atômicos”.

Nessa época, depois de perder quase todos os meus antigos amigos, resolvi cair de cabeça no trabalho de campo. Virei pioneira. Não faltava uma reunião. Durante muito tempo me orgulhei disso. Os irmãos admiravam minha dedicação e isto dava mais fôlego. Só depois foi que eu percebi que aquilo tomava muito tempo da minha vida. Eu via meu irmão e meus antigos amigos felizes, com uma vida diferente da minha. Minha mãe vivia dizendo pra eu voltar a estudar e fazer uma faculdade.

Uma vida tão absorvente afetaria a sua percepção temporal. Durante quase dez anos de intensa devoção, Camila pouco se tocara de quanto esforço desprendia e como o compasso das horas obedecia a uma métrica implacável. Os novos amigos que fizera entre as Testemunhas de Jeová eram, por outro lado, esteio formidável. Espantavam seu desânimo sempre que possível.

Eu não vi o tempo passar! Estava tão envolvida com tudo. Às vezes eu enfraquecia e os irmãos me davam força dizendo que “*o fim do mundo estava próximo*”, que era preciso perseverar.

Outra coisa que incomodava Camila, sem dúvida, era a dificuldade de conseguir namorado. Não que fosse do tipo desinteressante ou de “feição obtusa”²⁶.

²⁶ Adianto que abro mão de qualquer pretensão de neutralidade, apesar do risco de que um dia a minha namorada leia esse texto.

Convenhamos, quando se combina: o número reduzido de garotos em sua congregação, a concorrência encarniçada e o conjunto de regras que modelavam tais relacionamentos, cria-se um enorme “empecilho probabilístico”.



Congresso de Distrito realizado em Tessalônica, Grécia, nos dias 4 a 6 de julho de 2008.

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Testemunhas_de_Jeov%C3%A1

De tal modo, os Congressos, por reunirem um contingente mais variado de pessoas, são encarados como excelente alternativa para o “desencalhe”. Isto explicaria porque a preocupação com a beleza é intensificada com relativa antecedência a esses eventos. A irmã Janaína da congregação Valentina, hoje casada, com 40 e poucos anos, relembra com nostalgia suas experiências:

Quando se aproximavam os congressos a gente ficava doida pra escolher uma roupa e se produzir. Geralmente ajeitávamos o cabelo... Tentávamos emagrecer... Minhas amigas entravam em “pânico” só em pensar no dia... A gente dava palpite nas escolhas uma das outras. Algumas meninas da nossa congregação conseguiram encontrar rapazes interessantes nos congressos... Além disso, era sempre uma oportunidade de conhecer pessoas novas.

A experiência de Manu, forista do site *Testemunhas de Jeová livre*, endossa essa história:

Ri muito, mas infelizmente é a pura realidade, esse é o maior evento na vida de uma TJ. Era uma roupa pra cada dia, sendo a melhor pro Gran Finale: O Domingo. Ahhh, o domingo era o dia da melhor e mais espetacular roupa, como o mundinho da gente era limitado. E tão importante quanto conhecer o maior numero de irmãozinhos possíveis, era reparar as irmãs, o conteúdo do congresso mesmo, ficava em terceiro ou quarto lugar, pra eu ser generosa... rs rs . E na minha época os congressos ainda eram em estádios de futebol, tda a arrumação, maquiagem derretendo debaixo do sol, os pés cheios de bolhas, Minha mãe sempre comentava, qdo via uma “irmã” chegando toda

produzida: Quero é só ver no final do dia, e era mesmo, salto alto no início e chinelinho no final. É de rir mesmo!²⁷

A competição com outras meninas se acentuam nos congressos: olhares entrecortados, dissimulações, esquadrinhamentos.

Chega no salão de assembleia e só sabe olhar uma coisa: as irmãs... de verdade uma irmã se arruma pra outra irmã... como elas reparam... No banheiro feminino se vê uma medindo a outra, reparam em tudo: sapato, cabelo, unha, olhos, roupa TUDO! Parece que são rivais, sem se conhecerem já se odeiam!²⁸

Daí à “caça” dos meninos mais bonitos:

-“Vc viu que irmão bonito?” -Amiga olha só o Alexandre está com a Mariana! Uma cutuca a mão da outra e olha e da aquela arregalada no olho qdo passa um irmão bonito! A mesma rotina se repete os três dias! No final do terceiro dia o pé dói, pois o sapato é novo e fez cada bolha!²⁹

Infelizmente, nem todos os cosméticos do mundo seriam suficientes para solucionar o problema. Frequentemente elas saem insatisfeitas, frustradas com as expectativas. Certos irmãos são demasiadamente tímidos ou estão mesmo interessados em outras pessoas. Isto abre espaço para a desolação e o consolo mútuo entre as amigas.

Aquele irmão que ela ficou de olho os três dias e que tbm ficou de olho nela NÃO CHEGA JUNTO! Agora aquele pivete, gordo desengonçado que ela simplesmente passou perto chega com aquele papinho: “Irmã posso te conhecer!”... nada me irrita mais que isso...coisa mundana...pelo menos finge...sei lá SEJAM CRIATIVOS! Ela claro conversa, joga charme mais no fundo está pensando: “Gordo miserável não é você que eu queria”. Volta pra casa triste comentando com as amigas a decepção... e uma fica tentando consolar a outra.. Aí a dieta acaba instantaneamente elas comem, mais comem tanto, tudo pra “SE CONSOLAR”! Chega na congregação e os irmãos e irmãs querem saber o resultado e perguntam: Como estava o congresso hein!??(com akela cara de iaí desencalhou?) elas como “não estavam nem aí” respondem ironicamente: ”Ah foi ótimo, que discursos não??” O irmão insiste: E conheceu alguém? Ela: “Ah, conheci (pensa no gordo desengonçado), mais nem é... nem me preocupei com isso... não estou querendo nada agora mesmo... sou mto nova (e pensa nos seus 21 anos) ”...

²⁷ Extraído do endereço eletrônico: http://www.forum.clickgratis.com.br/tjlivres/t-3656_s-15.html?postdays=0&postorder=asc, em 25/05/ 2012

²⁸ Extraído de endereço eletrônico: http://www.forum.clickgratis.com.br/tjlivres/t-3656_s-0.html?postdays=0&postorder=asc

²⁹ Idem.

vira as costas e vai logo contar a gafe pra amiga..que tbm acabou de dar a mesma resposta pra outro irmão!

E no dia seguinte:

Desiludidas elas pensam: Pq??pq?? Ninguém...não me conformo. Gastei tanto pra nada!Sofri... Doe e nenhum mísero contato.Mais ano que vem vai ser diferente.!Ah vai! Vc acredita?? Nem eu!! ANO QUE VEM VAI SER TUDO IGUALZINHU!³⁰

O forista Reginaldo cria uma engraçada classificação dos tipos de irmãos que as irmãs encontram nos Congressos. São eles:

Os observadores - São aqueles que sentam com suas câmeras digitais durante todo o congresso, e discretamente usam o zoom pra ficar olhando para você. **Os fronteiriços** - São aqueles que dizem a você sobre seu trabalho como servo ministerial, pioneiro regular, etc... Quando de repente você olha e vê um pequeno ponto de diamante brilhando na orelha deles. **Os apoios-Irmão**, não há nada de errado em encostar-se à parede. Mas se você estiver lá quando ela chega, quando ela vai ao banheiro de manhã, quando ela passa para almoçar... Então há algum problema. **Os abelhas no ouvido** - Este irmão conhece você na sexta-feira, e toda vez que você cruza com ele no corredor, ele chama você por nome e diz 'Oi!', mas também não passam disso. **O gigolô** - Ele pega o número do seu celular na sexta-feira, e até o domingo já terá feito isso com todas as outras irmãs do congresso. **O desesperado** - Este tipo chega logo de cara assim 'Me dá seu telefone?'. Daí você responde 'Não'. E então ele tenta iniciar uma conversa com você de todo jeito, tentando encontrar um meio de como chegar até você (endereço, MSN, e-mail,etc.)³¹

É comum que muitas irmãs Testemunhas de Jeová envelheçam solteiras. São pessoas que vão minguando aos pouquinhos, que nasceram no interior da igreja e carregam um calhamaço de desilusões. Tal fato estimularia o desvio às normas de endogamia. Sabe-se, entretanto, que algumas namoram escondido com pessoas de fora da igreja ou estão dispostas – apesar do risco de desassociação.

O relato inusitado da irmã Tereza, da Congregação Valentina, ilustra bem esse assunto:

Outro dia ouvi uma irmã comentando que estava como tanto “fogo”, que pegaria o primeiro que aparecesse na sua frente. Acho que ela tava mesmo

³⁰ Idem.

³¹ A lista é bem maior, o que torna inviável transcrevê-la na íntegra. Ela traz também os tipos de irmãos comuns aos congressos. Ela pode ser conferida aqui: <http://www.forum.clickgratis.com.br/tjlivres/t-3712.html>.

desesperada! Não teve o menor pudor de fazer esse comentário, algo que estranhei muito. Eu não havia dito isso a ninguém antes dessa entrevista.

* * *

3.2 A Comissão Judicativa

Quando Camila fez 25 anos, cedeu aos pedidos de sua mãe e ao desejo silencioso de estudar numa universidade. Isso causaria reação, em certa medida, já esperada por parte dos anciãos. Na primeira investida tentaram a todo custo demovê-la da decisão, insuflando temores sobre a conduta moral na universidade e os ensinamentos defeituosos que ela poderia receber.

Eles tiveram uma conversa reservada comigo, fiquei constrangida e com a consciência pesada. Tive muito medo de desagradar a Jeová. Acabei, no primeiro momento, decidindo não mais fazer o curso. Minha mãe ficou furiosa e meu irmão dizia que eu era boba e que estava sendo controlada. Apesar da reação dos anciãos eu acabei entrando no curso.

A vida acadêmica, além de produzir um choque entre realidades – insegurança e estranhamento – a impedia, de modo prático, de frequentar as reuniões nas quintas-feiras à noite. Os anciãos, por sua vez, voltariam a tentar dissuadi-la. Diziam que ela não dava conta de suas obrigações para com Jeová e que assim acabaria tropeçando. Intelectuais são tradicionalmente alvo de duros ataques, a ignorância é vista como mais atrativa aos olhos de Jeová. Observemos o seguinte trecho do livro **Raciocínios à base das Escrituras**:

Cor. 1:19-25: “Está escrito: ‘farei perecer a sabedoria dos intelectuais.’ Onde está o sábio? Onde o escriba? Onde o polemista deste sistema de coisas? Não tornou Deus tola toda sabedoria do mundo? Pois uma vez que, na sabedoria de Deus, Deus achou bom salvar os que creem, por intermédio da tolice [segundo parece ser para o mundo] do que se prega... Porque uma coisa tola de Deus [segundo o ponto de vista do mundo] é mais forte do que os homens.” (tal conceito da parte de Deus certamente não é arbitrário nem ilógico, Ele forneceu na Bíblia, o livro de maior circulação no mundo, uma clara exposição do seu propósito. Tem enviado suas testemunhas para que o expliquem a todos os que querem ouvir. Quão tolo é, pois, uma pessoa, seja ela quem for, pensar que tem sabedoria maior que Deus!) (p. 177)

As realizações humanas também são combatidas com uso de capítulos bíblicos, por refletirem uma visão parcial e imperfeita do mundo, decorrentes das limitações humanas:

Bem sei, ó Jeová, que não é do homem terreno o seu caminho. Não é do homem que anda o dirigir do seu passo. (Jeremias, 10:23)

O princípio de toda sabedoria seria o medo:

O temor de Jeová é o princípio da sabedoria. Todos que a cumprem têm boa perspicácia. Seu louvor permanece de pé para todo sempre. Louvai a Jah! (Salmos, 111:10).

Vemos aí a tentativa de conservar uma visão de mundo coesa, afastando possíveis divergências de pensamento resultantes da educação superior. Tal aspecto é de grande importância, porque evidencia o caráter fundamentalista da religião. No Brasil, em cidades menores, o ingresso em cursos universitários tende a levar à desassociação. Existem relatos de estudantes universitários que fugiram do interior por se sentirem perseguidos em suas congregações.

A irmã Tereza comenta sobre outro caso:

Tem uma irmã, estudante de direito, que veio do interior por não aguentar mais a perseguição. Dizem que lá eles são ainda mais severos. Aqui, por exemplo, eu conheço algumas pessoas que fizeram curso superior. Os anciãos são contra, tentam fazer os irmãos desistirem, mas não conheço ninguém que foi desassociado por causa disso.

Pedro, desassociado, com formação superior, comenta:

Eles não querem que as pessoas evoluam, querem mesmo é que fiquemos estagnados. Não podemos pensar sozinhos, mas dentro do cânone religioso. Vê só: um irmão foi desassociado no Ceará, só porque deu entrevistas no rádio e escreveu textos sobre as Testemunhas de Jeová... Sem fazer a menor crítica.

Como veremos, Camila não será desassociada por ter entrado para a universidade, apesar de que foi lá onde conheceu e se apaixonou por Márcio. Sentimento que fermentaria secretamente, até o dia em que se tornou fardo insustentável negá-lo. Não restam dúvidas que as tentativas de tratá-lo como algo fortuito se mostrariam vãs. Certo dia, numa conversa informal, revelou seus sentimentos a uma amiga e fora aconselhada a orar e manter distância do rapaz. Sentia-se suja. Cada olhar dos anciãos irrompia com a violência brutal de um açoite que dilacerava a sua própria consciência. O que apenas se agravaria depois do primeiro beijo.

Era muito difícil viver com esse sentimento. Eu me achava suja. A sensação de culpa não me deixava dormir direito. Tinha medo de orar. Quando um ancião me olhava eu pensava que ele já tinha descoberto tudo, isso causava calafrios. Os discursos pareciam feitos especialmente pra mim.

A situação que já parecia insustentável chegaria ao paroxismo com a gravidez de Camila. Emocionalmente arruinada, pouco a pouco, deixaria de frequentar as reuniões. Em casa, aqui e acolá, podia-se vê-la derramar o oceano pelos olhos, o que produziria grave perturbação em sua família. Amigas, preocupadas com a ausência prolongada nas reuniões, organizaram uma visita para descobrir o real motivo do sumiço.

Camila comenta, então, sobre o encontro:

Quando eu olhei pra elas caí no choro, não conseguia parar de chorar. Elas perguntaram o que eu tinha. Eu fiquei calada. Elas insistiram muito, já desconfiavam que eu estivesse grávida. Cláudia, minha amiga, disse que não contariam nada aos anciãos. Eu confiei nelas e assumi que estava grávida. Elas disseram que cabia somente a mim contar aos anciãos. Pálida, tremendo toda, me sentia a pior pessoa do mundo.

Como não conseguisse conviver com a sensação de culpa, após a visita, decidi desenterrar o último vestígio de coragem e ir conversar com os anciãos. Nesta mesma semana, retornou ao Salão e combinou um encontro com os dirigentes, o que ocorreria dias depois. A revelação de segredos levariam os anciãos a estabelecer um tribunal judicativo para apurar e julgar a sua conduta. Foram convocados três anciãos para solucionar o caso com plenos poderes de decidir pela aplicação da sanção – esses costumam ser implacáveis ao devassar os detalhes do acontecimento.



Tribunal Judicativo. Fonte da imagem: <http://testemunha.orgfree.com/dossie.htm>

Ato contínuo: no Salão do Reino perfilam-se cadeiras em forma de meia lua, frente a frente com o acusado – o que dá a sensação de que ele “pode ser engolido” a qualquer momento. Segue-se daí uma saraivada de perguntas e acusações. Nos casos que envolvem relações sexuais – “fornicação” –, o indivíduo é obrigado a narrar minuciosamente o tipo de sexo e posições que praticou.

Camila, um pouco mareada e constrangida, recorda:

Eles querem saber de tudo: se fizemos sexo oral ou anal, as posições... Quantas vezes foram; se usamos camisinha ou se fomos para algum motel... Diziam que eram os representantes de Jeová, que eu tinha manchado a organização... É uma experiência terrível, fizeram me sentir a pior mulher do mundo. Saí de lá mais rasa que o chão. Eu não conseguia me defender direito... Nem parar de chorar... Nunca mais quero passar por algo desse tipo.

O forista Jeza comenta sarcasticamente sobre os interrogatórios:

Detalhes... Eles adoram saber os mínimos detalhes de tudo!!! Certa vez, uma juvenzinha tj fora chamada por alguns anciãos, pq tinha "ficado" com um menino da escola. Que coisa, né? :roll: Logo, disse a todos que apenas tinha beijado o rapaz na boca, nada mais. "Ele acariciou os seus seios?", " Por acaso, escorregou as mãos no seu corpo?" - perguntou insistentemente um dos anciãos presente. Diante dessa cena, se fosse a garota, minha vontade era ter respondido a ele o seguinte: - Não irmão, pq ele só tá aguardando vc ficar de 4 pra comer o teu loló... KKKKKKKKKKKK!!!! Pascoal, desculpa, mas o meu senso de humor é gritanteeeeeee!!!! :oops: :twisted³²:

Drika afirma com ar de indignação:

³² Extraído do endereço <http://www.forum.clickgratis.com.br/tjlivres/t-169.html>, em 26/05/2012

Acho que os anciãos são pervertidos! Eu neguei tudo. Estava a algum tempo afastada e isso me deu forças para me contrapor. Eles costumam ser injustos e muito duros. Conheço uma irmã que foi desassociada sem manter nenhum tipo de relação sexual. Foi expulsa porque descobriram que ela estava apaixonada por outro homem. E além de tudo não tinham o mínimo de criatividade. Um deles me perguntou o seguinte: vc sabe como é o corpo de um homem né? E de uma mulher também né? Vc sabe que não se encaixam na hora do sexo né? – Depende, é só ter criatividade que dá sim para ter muito prazer, se é isso que está querendo saber. [...] Fora que eles acham que gay só pensa em sexo³³.

Rossana comenta no mesmo fórum:

Realmente Drica... Em primeiro lugar, achei que fosse ser desassociada, pois nunca tinha tido um relacionamento íntimo com ele. Mas depois que me perguntaram se eu cheguei até no clímax (:oops:). Ninguém merece... Aí tive que explicar que não tinha como, uma vez que o cara nem tinha me tocado... PQP! Aí perguntaram dele... Eu me enfezei e falei que não tinha entendido o que aquilo tinha que ver com a comissão... Pior foi na outra... Pois os três anciãos que estavam na primeira, disseram que eu tinha admitido adultério completo... Eu os desmenti, mas vi que não acreditaram... Fazer o q? Daí falei que fizera perguntas íntimas, etc... Mas ficou por isso mesmo... Pior de td é a burrice... Devia ter ficado na minha, ido em borá e pronto... Me desassociassem sem ter que passar por constrangimentos : evil³⁴.

O forista Reginaldo faz um relato singular sobre sua larga experiência com as comissões, ele diz:

Eu fui um habitual frequentador de sala B e pseudo comissões pelos motivos mais idiotas possíveis: Não posso me esquecer da primeira por argumentar sobre a questão da barba (ainda estudante). Por ir sem gravata na reunião, uma vez que voltei tarde de um campo em outra cidade. Por dizer quando cuidava dos indicadores que os anciãos não deviam ficar levantando tanto e contando piadas na sala B durante a reunião. Por dizer meio entre os dentes no carro de um ancião que me sentia no exercito. Por corrigir em particular uma citação totalmente errada de um ancião charlatão. Por perguntar para um ancião se agora após um ano esperando a escola de leitura que não tinha alunos eu poderia voltar a ler a Sentinela nas reuniões. (fui acusado de cobrar privilégios, era servo há mais de um ano e desde que corrigi um irmão foi tirado tudo, menos de ser servo). Por estar conversando em uma assembléia com uma irmã que ia ser desassociada na semana seguinte (não estou brincando nem exagerando). Por ter ido visitar umas irmãs em uma congregação de São Bernardo do Campo. Por recusar ficar em Betel. Por dizer que o espírito da congregação dependia de quem era o ancião presidente. Por dizer que estava sendo caluniado pelos anciãos. Por reclamar que até estudantes estavam sendo informados de calúnias por parte de anciãos. Por reclamar não ser tomadas providencias. Nessa eu me ferrei de vez- Por conduta desenfreada com minha noiva (mão no peito, só juro) Perdi todos privilégios. Dai tudo só piorou, pois agora tinha motivo. Este assunto virou estupro nos ouvidos de irmãos (sem brincadeira). Tive comissão também por rasgar em desespero minha carteirinha de pioneiro. (todas

³³ Idem.

³⁴ Idem.

humilhantes)³⁵.

E arremata dizendo:

Por fim 5 comissões judicativas mais apelação, mais carta para betel por ter socado um dos anciãos que caluniava a mim e minha noiva. Nessa fui expulso (prefiro esta palavra pois foi o que aconteceu), pois fiz de tudo para não ser. Sem contar as comissões que minha noiva teve de enfrentar só por ser minha noiva e se recusar a terminar o noivado. (não to brincando de novo). Fui expulso antes de receber a resposta de betel (foram buscar na sede) o anuncio foi dado em reunião publica no sábado em duas congregações (não é piada) eu fui só informado alguns dias depois no meio da semana, e depois o anuncio em minha atual congregação (tive de mudar obvio). Pouco mais de um ano depois fui readmitido, mas já tinha perdido muito de minha fé. Estou escrevendo essa jornada, para postar, mas é difícil resumir coisas tão loucas e os sentimentos envolvidos³⁶.

Depois que os anciãos optam pela desassociação de determinado membro, ficam, de tal modo, obrigados a comunicar a decisão para toda a congregação. Isso ocorre geralmente durante a reunião posterior ao veredicto. A partir daí o desassociado deve ser tratado com total desprezo pelos antigos companheiros. Não se pode dirigir-lhes a palavra, é comum que se evitem trocas de olhares e qualquer tipo de contato.

Após o anúncio da desassociação, as mudanças na vida de Camila se radicalizariam ainda mais. Os amigos passaram a ignorá-la. Tornou-se invisível e impura. Certa vez, ao entrar numa farmácia, na qual trabalhava uma Testemunha de Jeová, surpreendida com a recusa da funcionária em receber o pagamento de suas próprias mãos, sentiu-se ultrajada e ao mesmo tempo suja.

Não tive reação na hora. Era um absurdo que alguém que me conhecia há tanto tempo fizesse isso comigo. Desejava me esconder, não suportava esses encontros... Sabia que tinha desagradado a Jeová e que, no fundo, merecia aquela punição... Me sentia suja...

A Irmã Marisa relata a sua própria experiência:

A minha comissão foi terrível. Foram três anciãos, o mais velho deles tinha sido o meu instrutor. Eles mexeram psicologicamente comigo. Fiquei arrasada com a desassociação. Depois de 20 anos como Testemunha de Jeová, é como se retirassem a minha própria vida. Eu me sentia muito culpada e inferior. Até a minha família me tratava com desprezo... Foi por isso que tentei retornar à Igreja.

³⁵ Extraído do endereço eletrônico: http://www.forum.clickgratis.com.br/tjlivres/t-169_s-15.html?postdays=0&postorder=asc

³⁶ Idem

* * *

3.3 Desassociações

As expulsões e os constrangimentos que a acompanham não se limitam à violação de regras sexuais. O irmão Antônio, da congregação Mangabeira³⁷, por exemplo, acabaria desassociado depois que descobriram que fazia apostas na Loteria Federal. O mesmo tipo de tribunal se instalou para interrogá-lo. No final, passou por viciado – hábito considerado impróprio para um cristão.

A irmã Fátima, há muito anos na Congregação Valentina, relembra o fato:

O irmão Antônio era uma pessoa boa, não tenho más recordações dele. Mas de toda forma, ele estava fazendo algo incompatível com a vida de um cristão. Os jogos de azar não agradam a Jeová.

Como vimos no segundo capítulo, o ingresso nas forças armadas ou em corporações policiais também é proibido. A defesa da paz e a negação do uso de armas são encaradas como dever cristão. É inadmissível, então, para uma Testemunha de Jeová fazer parte desse tipo de instituição. Elas são obrigadas a recusar o serviço militar sob quaisquer circunstâncias.

Pascoal Naib, forista do site Testemunhas de Jeová Livre, recorda que:

Bem, antigamente, o assunto que envolvia jovens que iam ter que se apresentar ao serviço militar obrigatório aqui no Brasil se resumia a esse procedimento: Aos 18 anos, um jovem TJ teria que se apresentar a uma junta militar de sua escolha (exército, marinha ou aeronáutica) com duas declarações (a 1ª sobre sua recusa ao serviço militar e 2ª declaração do ancião presidente da sua congregação afirmando que o jovem era Testemunha de Jeová)³⁸.

³⁷ Mangabeira é o bairro mais populoso de João Pessoa, faz fronteira com o Valentina. Ambos se localizam na zona sul da cidade.

³⁸ Extraído do endereço eletrônico <http://www.forum.clickgratis.com.br/tjlivres/t-149.html>

E prossegue dizendo:

Era uma burocracia tremenda! Quando vc finalmente conseguia entrar com o processo aí vinha as consequências terríveis! O documento de eximção poderia demorar mais de 10 anos para sair e com isso até lá tudo o que vc iria fazer tinha que ter a famosa carteirinha de reservista... só dada a quem se apresentou de forma correta as Forças Armadas!³⁹

As consequências práticas:

Outro ponto é que quando saísse a eximção, vc não era mais cidadão brasileiro, perderia o título e sem ele não poderia fazer quase nada, nem vestibular, concursos públicos, contas em banco, vc se transformava num fantasma... inclusive recentemente (2007) teve a campanha do Tribunal Eleitoral avisando as pessoas que não votaram e não justificaram e que iam perder o título quais seriam o danos, isso estou comentando apenas como ilustração ok?⁴⁰

Naturalmente jovens que se encontrem no período de alistamento militar se deparam com um verdadeiro nó górdio para desatar. As sanções que podem sofrer do Estado são difíceis de enfrentar, mas às vezes um pouco menos lancinantes que as consequências religiosas do desvio.

Essa regra é fundamentada em textos bíblicos, como Isaías 2:4:

E ele certamente fará julgamento entre as nações e resolverá as questões com respeito a muitos povos. E terão de forjar das suas espadas relhas de arado, e das suas lanças, podadeiras. Não levantará espada nação contra nação, nem aprenderão mais a guerra.

E nos Evangelhos, Mateus 26:52:

Jesus disse-lhe então: Devolve a espada ao seu lugar, pois todos os que tomarem a espada perecerão pela espada.

A leitura de livros proibidos ou a expressão de ideias contrárias às doutrinas oficiais também não costumam ser toleradas. Tais práticas são vistas como perigosas e desagregadoras. Portanto, tendem a expurgar pessoas que instiguem o pensamento livre e crítico. Classificam esse tipo de desvio pelo nome de apostasia. Tradicionalmente

³⁹ Idem.

⁴⁰ Idem.

visto como renúncia à religião ou a crença, o termo foi ganhando outras conotações. A expressão tem bastante força estigmatizante. Atualmente é utilizada para se referir aos dissidentes que questionam a legitimidade da religião.

Sequelado Pela Torre – codinome de um forista do site *Testemunhas de Jeová Livre* – afirma que:

Antigamente, um apóstata era um “fraco na fé”, que duvidava das promessas da Torre só por duvidar ou, que migrava para outra denominação. Hoje, a STV não muda o sentido, o pejorativo semântico da palavra inadequada e da mentalidade criptóloga. A verdade é que hoje, os apóstatas à moda antiga, como a Torre queria que fosse, acabou. Hoje são dissidentes com provas irrefutáveis, poder argumentativo e, pior: sabendo mais da Torre, do que os seus próprios defensores. Por que eles não falam abertamente a verdade?⁴¹

* * *

3.4 Autoimagem e Isolamento, Negação ou Retorno.

O depoimento acima revela, entre outras coisas, a existência de indivíduos dissidentes que colocariam em xeque a Organização. O que fica ainda mais claro quando descobrimos desassociados e dissociados organizados através da internet, que rejeitam antigos dogmas e estigmas impostos a eles. Os “apóstatas” que agora se organizam, elaboram discursos que pretendem deslegitimar as Testemunhas de Jeová. Eles acreditam que a própria Organização reconhece a ameaça que representam ao Corpo Governante.

Vejamos o que diz o forista, RX, no site *Testemunhas de Jeová Livre*:

Pois é. Por que você acha que a Torre é vaga ao se referir aos “perigos da internet?” Se eles publicassem no ministério algo do tipo: “não visite esse site: <http://www.forum.clickgratis.com.br/>, pois é um fórum onde apóstatas discutem Ensinamentos do Escravo Fiel e Discreto”. Seriam poucas as Testemunhas de Jeová que, sabendo o endereço do fórum, não viriam aqui. É melhor então dizerem para “rejeitar histórias falsas e falatórios vãos” ao ver o menor sinal de apostasia na internet. Se eles revelassem que não querem que seus adeptos ouçam os argumentos dos seus dissidentes porque são convincentes, as Tjs iriam querer saber que argumentos são esses. A maioria

⁴¹ Extraído do endereço <http://www.forum.clickgratis.com.br/tjlivres/t-3927.html>, em 26/05/2012.

apostaria na força de sua fé pessoal e que, ‘com a ajuda do espírito santo’, derrubaria os argumentos apóstatas sem dificuldade. Veriam isso como um desafio. E aí⁴²...

Seguindo essa mesma lógica de pensamento, o forista Sidhiresus argumenta:

O que o RX disse é certo, todos nós temos uma coisa forte que nos tende a fazer algo que é proibido, por isso eles não dão nomes aos bois. Essa juventude de hoje passa a questionar muito mais as coisas do que as pessoas de antigamente, fora que a internet está ao alcance de todos. A medida que isso for aumentando cedo ou tarde a Torre vai cair. Lembro-me do Iluminismo, se não fosse por esse movimento, quem sabe ainda não viveríamos em épocas de trevas nas mãos dessas religiões estúpidas⁴³.

A ideia é que o esclarecimento pode mudar o destino da religião e que a internet será decisiva nesse processo. A abertura e o alcance possibilitados pela rede mundial de computadores estariam criando fissuras importantes na Igreja. Muitos associados passaram a ter acesso a informações, antes raras ou desconhecidas. No fórum *Testemunhas de Jeová Livres*, podemos encontrar também depoimentos de membros ativos da religião que valorizam a iniciativa do site.

Assim, comenta Eric Polo:

Bem nos últimos meses venho lendo todos emails do nosso Grupo Libertos da Torre, do Mentos Bereanas, do Fórum TJS livres entre outros, e sem dúvida admiro demais aqueles que dispõem de tempo e recursos para mostrar a muitos o que é ser TJ ou mesmo o que "era" ser TJ, sobre os "erros proféticos", "datas", "mudanças" e várias outras coisas que ocorrem dentro dos pátios da "Torre". Eu como muitos que frequentam os fóruns e sites ainda sou uma TJ ativa em uma "Crise de Consciência" (estou lendo o livro muito bom), que está angustiado com as descobertas, porém, tem amigos, familiares e laços muito profundos que não são tão fáceis de serem cortados⁴⁴.

Mas que apesar disso, desaprova o teor de algumas críticas:

Vejo em muitos sites e fóruns o ataque frontal muitas vezes não com a "Organização" mas contra as "TJs" e me desculpe esse tipo de conduta eu "DESPREZO", "TENHO NOJO", e "ABOMINO", a resposta é simples são tão vítimas como nós fomos ou somos, e duvido se algum aqui não era até

⁴² Extraído do endereço eletrônico <http://www.forum.clickgratis.com.br/tjlivres/t-3927.html>

⁴³ Idem.

⁴⁴ Extraído do endereço <http://www.forum.clickgratis.com.br/tjlivres/t-2634.html>, em 26/06/2012.

pior quando TJ, sendo fanático e dono da verdade. Sinto que muitas pessoas gosta de falar mal, usar palavras baixas, sarcasmos entre outros, contras as "Pessoas" que ainda são TJs e não contra a Organização, isso ofende e não ajuda em nada aqueles que estão em busca da "Liberdade Cristã", parece que a pessoa se tornou tão amarga que "odeia" a tudo e todos que tem algum laço com as "Tjs."⁴⁵

E acrescenta:

Eu como pessoa e humano imperfeito já sofri nas mãos de "Anciãos" donos da verdade também, descobri como vocês as "mentiras" e "falsas profecias" nos pátios da TORRE e felizmente me sinto bem por isso, pois sei que descobri algo BOM nisso e posso ajudar as pessoas que conheço a descobrirem, posso ser chamado um dia de "Apostata" mas jamais vou tratar de maneira desrespeitosa um "Irmão" seja TJ ou não... É fácil para muitos dizer que aqueles que são TJs e descobrem a verdade sobre a "TORRE" que devem simplesmente abandonar tudo, só muitos dos sites e fóruns, não saíram porque descobriram os erros da torre, muitos foram desassociados por "Fornicação", "Adulterio" ou outras coisas e depois começaram a pesquisar sobre a TORRE, e esses acredito são os que atacam as PESSOAS e não a ORGANIZAÇÃO, pois aqueles que saíram porque tiveram uma "CRISE DE CONSCIÊNCIA", sabem o que devem fazer para ajudar os "amigos" e "familiares", e como foi difícil tomar essa decisão⁴⁶.

A crítica de que alguns ataques tinham como alvo as Testemunhas enquanto indivíduos e não a Organização é negada, veementemente, por vários membros do fórum. O forista Jerry responde as declarações de Eric, dizendo:

Eric, não é costume neste fórum o ataque a testemunhas-de-jeová, e sim às Testemunhas de Jeová. Explico: não atacamos indivíduos, adeptos da seita, e sim a própria seita em si. Sempre que houve excessos os mesmos foram devidamente corrigidos. Eu tenho todo o direito de odiar esta seita norteamericana, mas nada tenho contra seus adeptos em específico. Não confunda as coisas⁴⁷.

O forista de pseudônimo Motigmorey Burns, em seguida afirma:

Eric tanto eu como meus pais saímos por livre e espontânea vontade, não fizemos nada que ferisse as doutrinas dos tjs... fui pioneiro regular e servo enquanto acreditava estar na "verdade". Agora o que me deixa puto da vida é tjs que aparecem aqui querendo dar uma de ovelha de Deus e ficam julgando e apontando. Me diz uma coisa o que faz vc pensar que é tj ativo? Ir as reuniões e uma vez por mês no serviço de campo? Pq a maioria que aparece aqui defende com unhas e dentes, mas se tivessem tanta fé como dizem estariam pregando 24 horas por dia pra salvar todos do suposto "Armagedom" que se aproxima⁴⁸.

⁴⁵ idem

⁴⁶ idem

⁴⁷ idem

⁴⁸ Idem

É demasiado interessante como o grupo resignificou determinadas expressões pejorativas. Este é o caso do termo apóstata que é considerado entre eles algo positivo – distante de sua característica estigmatizante. Sobre isso, o forista Jerry diz: (...) “nunca negamos que somos apóstatas. Jesus também o foi!”. Estão convictos do valor da liberdade de expressão e pensamento, como meio essencial para a libertação de antigos grilhões. Como indica algumas opiniões, muitos superaram o estigma.

O forista Abenildo Florêncio diz:

Amigos fiéis e inteligentes. Passei a olhar por cima àqueles que me execraram. Libertei-me de antigos fantasmas. Trabalho mais e melhor. Li mais sobre filosofia, história, antropologia, paleontologia... Além de mais crítico, fiquei mais incisivo e objetivo, equilibrado e consciente. E, o melhor de tudo... Encontrei meu grande amor. No momento é o que me lembro, mas bênçãos não me faltam⁴⁹.

Thiago, outro forista, argumenta sobre as influências positivas que o site exerceu em sua vida. A partir dele acredita ter se transformado numa pessoa crítica e livre.

Me libertei totalmente do cristianismo! Do medo de Jeová e seu armagedom torreano! Passei a ter uma percepção muito mais aguçada. Consigo identificar qualquer texto falacioso com facilidade! Os debates nesse fórum aumentou meu QI. Estou tendo o prazer de ver outras pessoas abrirem os olhos. São tantas coisas que mal da pra listar uma a uma!⁵⁰

No entanto, há quem enumere literalmente os efeitos positivos em sua vida. Pascoal Naib, por exemplo, elenca as quatro transformações mais importantes. São elas:

1) Virei uma pessoa mais humana 2) Passei a respeitar opiniões diferentes 3) A salvação pertence a pessoa e não a uma religião. 4) Deixei de ser submisso e encaro qualquer coisa⁵¹.

O forista Marvel também lista as mudanças em sua vida:

⁴⁹ Extraído do endereço eletrônico <http://www.forum.clickgratis.com.br/tjlivres/t-3127.html>, em 26/05/2012.

⁵⁰ Idem.

⁵¹ Idem

1) minha consciência não me acusa. 2) me sinto mais livre e com mais tempo pra fazer o que eu gosto. 3) não sou obrigado a ir nas reuniões tão enfadonhas. 4) campo? só se for pra ver jogo. 5) abri a minha mente...e muito 6) deixei de ser radical em muitos pontos. 7) olho para as tjs com dó pela ignorância espiritual que se encontram. 8) a salvação não depende de religião. 9) TÔ FELIZ⁵².

Rossana fala sobre a própria experiência:

Algumas postagens me fizeram rolar de rir... Lá vou eu: Larguei meu casamento que empurrava com a barriga; Achei meu grande amor; Comecei a estudar direito (um antigo sonho); Trabalho a noite sem neuras de perder reuniões; vejo filmes de espiritismo; leio livros espíritas; Sou uma tremenda apóstata com orgulho⁵³.

O processo de organização do grupo revelar-se-ia, então, indispensável para a criação de uma nova autoimagem e contestação do *establishment*. Como um poderoso aríete, põe abaixo parte do isolamento vivido pelos desassociados. O tabu do contato, a dispersão, o medo, a ideia de inferioridade moral, representariam assim os elementos mais importantes que garantiriam as assimetrias de poder.

Comumente, o indivíduo que é desassociado tende a cair num profundo isolamento. O tabu do contato afeta diretamente a sua rede de amizades; em determinados casos, as próprias relações familiares. São muitas as congregações, como a do Valentina, em que há um pequeno número de desassociados – o que os deixa ainda mais ilhados. A perspectiva dos dirigentes é que a exclusão os enlanguessa, ao ponto que force o retorno à Congregação, estimulando assim a submissão às condições estabelecidas para readmissão. O ritual costuma ser lento e doloroso. Ainda incomunicáveis voltam a frequentar as reuniões no Salão do Reino, ocupam os lugares mais ermos, na tentativa de diminuir o desconforto do contato.



⁵² Idem

⁵³ Idem

Movimento de ex-Testemunhas de Jeová do Ceará. Fonte da imagem:
<http://saojoaquimonline.com.br/02/12/2010/movimento-dos-ex-tjs-do-ceara-obtem-apoio-e-reconhecimento/>

Tal opacidade pode ser ilustrada com o depoimento de Camila:

Eu era a última a entrar e a última a sair do Salão. Sentava no cantinho para evitar que alguém que não sabia que eu era desassociada falasse comigo... e eu fosse obrigada a dizer que era desassociada. Além disso, não gostava que meus amigos me vissem assim. Apesar de tudo que estava sofrendo, sabia que Jeová era justo e que tinha cometido um pecado grave.

Marisa também comenta sobre a sensação produzida pelo isolamento:

Eu me sentia tão sozinha. Às vezes uma amiga, secretamente, conversava comigo pelo telefone... Sem que ninguém soubesse... Sempre achei que os ensinamentos que recebi das Testemunhas de Jeová eram verdadeiros.

O tabu do contato pode chegar a níveis ainda mais assustadores. Numa de minhas experiências com as Testemunhas de Jeová, pude observar o velório de um irmão que teve um filho sem estar casado – a mãe da criança não pertencia à Igreja. Tecnicamente ele não tinha sido desassociado antes de sua morte, mas, os anciãos que o conheciam desde a infância, foram extremamente ásperos ao recusar orar e executar qualquer tipo de ritual religioso. Sua mãe que durante aproximadamente 30 anos se dedicou fielmente à igreja, conta sobre a sensação:

Acredito plenamente em Jeová, sei que ele é um Deus justo, amoroso e misericordioso que precisamos imitá-lo apesar de nossa imperfeição. Foi o que aprendi ao longo desses anos e senti falta na maneira como agiram comigo. A bíblia diz “que o salário do pecado é a morte”, sendo assim, não haveria motivos para terem agido friamente comigo. Você não acha? Dediquei minha vida a Jeová, criei meu filho com amor, para no final receber isso em troca? Quando mais precisei deles, me viraram as costas!

Nem sempre a sensação de desgosto e a revolta se traduzem em completa rejeição à religião e às crenças que tão fortemente compartilham entre si. A sensação de culpa, o medo da repulsa coletiva, sobretudo, a esperança de viver num paraíso costuma exercer marcante influência. Os desassociados estão inclinados a reconhecer a autoridade dos dirigentes da Igreja e reafirmar a qualidade dos conhecimentos que receberam. A ideia eliasiana de que as assimetrias de poder, entre grupos estabelecidos e outsiders, se tornariam mais díspares de acordo com o grau de internalização das ideias e visão de mundo dos grupos dominantes, é reforçada em tais casos.

Jeza, forista do site *Testemunhas de Jeová Livre*, faz o seguinte comentário:

Como disse há exceções, mas no decorrer dos anos que frequento o meio virtual, tendo agora o Orkut, como mais uma ferramenta de comunicação, notei que há desassociados completamente sem noção do seu lugar na Org. das Tjs. Parecem não entender que não passam de "restos", "sobras" de um banquete regado de muitas conversas fiadas e promessas vãs, onde a "elite pura e santa" determina quem merece voltar ou não. É um absurdo o período antes e o pós expulsão. O indivíduo fica completamente entregue aos desafetos dos companheiros de fé, familiares, e ainda sofre com a tão conhecida fofoca tejoteana, produzida geralmente por meio de comunidades fechadas, onde a vida alheia geralmente é motivo para especulação. Adultério e fornicção são as causas mais comentadas. E tem mais, o sujeito pode até voltar com o rabinho entre as pernas, mas sempre terá a marca da desobediência escrita na testa... Será visto como o eterno rebelde, apesar do seu arrependimento genuíno!

A fragilidade dos outsiders, além disso, também seria resultado de sua pouca ou nenhuma organização. O pequeno contanto que alguns desassociados têm entre si agravaria ainda mais a fraqueza do grupo. Dessa maneira, é importante salientar a importância da internet, ao possibilitar por meio das redes sociais que indivíduos desassociados troquem experiências, discutam sobre suas próprias condições, e, assim, possam reelaborar uma nova imagem coletiva.

O irmão Marcelo, da Congregação Valentina, relata seu encontro com os grupos de debate on line:

Quando soube da existência de outras pessoas que vivenciaram as mesmas coisas que eu, me fez sentir um grande conforto. A descoberta do fórum na internet permitiu que eu trocasse experiência e me sentisse menos culpado pelos supostos erros que tinha cometido. Era difícil conversar sobre o tema com pessoas que tinha uma experiência de vida muito distante da minha. Sempre achei que no fundo ninguém entendia direito o que eu sentia.

Becker (2009) argumenta que indivíduos que ingressam em grupos desviantes organizados e institucionalizados, possuem mais chances de permanecer nessa condição. O apoio mútuo e as elaborações ideológicas autojustificatórias criadas por eles, teriam o papel de neutralizar os efeitos repressores que antigas concepções e regras morais exerceriam sobre esses indivíduos. A ideia de carreira desviante e a existência de tais grupos estariam, assim, inextricavelmente ligados. Seguindo essa lógica de raciocínio: talvez seja possível afirmar que não poderíamos encontrar padrões de comportamento, típicos aos desviantes de carreira, nos desassociados que se encontram em situação de isolamento em relações aos de sua categoria.

Vejamos outro curioso depoimento do Irmão Marcelo:

Só consegui me livrar mesmo da sensação de culpa, depois que encontrei apoio de outros desassociados na internet. Fiquei mais à vontade para expor as minhas críticas ao Corpo Governante, coisa que era impossível antes. Hoje não me vejo mais como uma pessoa indigna... Nem tenho medo de falar o que penso.

Há quem prefira, porém, esquecer as Testemunhas de Jeová, em busca de uma vida mais tranquila. É o caso do forista Kooboo, quando diz:

Lendo os relatos de vcs, ainda acho que - quem tem opção, a melhor escolha é ficar na miúda. Abandonar, ficar na boa, até que ELES nos esqueçam, e nós a ELES. Esse negocio de ter um rotulo de desassociado ou dissociado é meio marginalizante (pelo menos, no principio). Fico na boa, como um simples afastado, frio espiritualmente, quando estou presente em reuniões sociais...ninguém pergunta porque afastou? Ou porque não vai mais ao salão? E se perguntarem, me limitarei em desconversar e mudar de assunto⁵⁴.

⁵⁴ Extraído do endereço eletrônico <http://www.forum.clickgratis.com.br/tjlivres/t-169.html>, em 26/05/2012.

Outra questão interessante é o problema que afeta processos de interação social entre indivíduos estigmatizados e “normais” – como os que acontecem em relação às expectativas sociais não correspondidas. Goffman (1980) demonstra, por exemplo, certas complicações comuns a esse tipo de interação. O caso dos encontros, às vezes desconfortáveis, entre deficientes físicos e pessoas em situação contrária é muito curioso. É comum que ocorra estranhamento e dificuldade em escolher a melhor maneira de agir. Goffman lembra, por exemplo, como algumas pessoas gritam ao dirigir a palavra a cegos, como se o problema deles fosse auditivo. Percebe, inversamente, que as interações entre indivíduos estigmatizados, geralmente, não apresenta os mesmos problemas.

É por isso que grupos de autoajuda, como os alcoólicos anônimos, ilustrariam com perfeição essa ideia. Além de permitir trocas de experiências, indivíduos tendem a tolerar que “iguais” se imiscuem em suas vidas, sem que isso necessariamente pareça uma invasão forçada ou afronta à própria intimidade. A autoidentificação suavizaria o processo, fortalecendo na mesma medida os laços sociais. No filme **O clube da luta**⁵⁵, o personagem Edward Norton frequenta diversos tipos de grupos de autoajuda. O engraçado é que ele não sofre dos mesmos problemas dos outros integrantes, apenas finge tê-lo, o que reforçaria, em parte, a ideia de ação teatral típica à sociologia de Goffman.

Recordo ainda a história de uma garota que foi desassociada por namorar um desassociado – violando de modo muito mais forte o tabu do contato. O episódio me chamou bastante atenção. Mesmo com a aparente coragem de abandonar a religião, criada pela paixão, ela dizia ser justa a decisão de expulsá-la. Afirmava também que os ensinamentos das Testemunhas de Jeová eram de valor irretocável; fora ainda mais peremptória ao reconhecer que a verdade estava do outro lado, e ao tentar isentá-los de qualquer culpa. Para ela, o modo como agira não significava que pretendesse ofender Jeová ou qualquer membro da organização. Percebia-se com nitidez o grande temor de que a entrevista fosse desagradar os anciãos. Havia nela uma esperança não manifesta de retornar com o companheiro para igreja.

Sobre esta situação, comenta uma Testemunha de Jeová da mesma congregação:

⁵⁵ Dirigido por **David Fincher** e baseado no livro homônimo de **Chuck Palahniuk**.

Ela parecia ser alguém decidida que não tinha medo das represálias dos anciãos. O seu jeito de se vestir, as músicas que ouvia... Mas pelo que percebi, toda aquela coragem era da boca pra fora. Acho que em breve ela deverá encontrar um jeito de retornar junto com o seu namorado.

Considerando a sua pretensão de retorno, a preocupação se torna razoável. Membros do Fórum *Testemunhas de Jeová Livres* comentam sobre espionagem da Sociedade Torre de Vigia e de anciãos. Kooboo diz:

Várias vezes já foi discutido aqui sobre a infiltração de betel, anciãos, espiões, criadores de fakes, dedos-duros em nosso meio. Sabemos que há uma preocupação da torre sobre isso - afinal, rsrsrs - temos muito mais informação disponível aqui do que eles dão ao rebanho. Gostaria de usar este espaço para enumerar, e contabilizarmos quantas vezes já sofremos ataques virtuais da torre e seus agentes, no fórum e em nossas vidas pessoais - Vou começar com a minha própria experiência - Meu perfil de orkut já foi vasculhado por ELES. Outro perfil de orkut, já teve a senha roubada e alterada. Numa conversa com anciãos de minha ex cong, eles conversaram comigo sobre informações que havia no meu blog (coisas lights, mas eles já sabiam). Tenho recebido recentemente visita de pessoas (através de mensagens) me sondando sobre assuntos questionáveis. Será que nossos informantes de betel tem alguma informação acerca disso? A torre está com algum planejamento estratégico atrás dos dissidentes?⁵⁶

Pascoal Naib revela uma caso bastante curioso:

Galera aqui no Fórum tivemos alguns casos que demonstraram o acesso de anciãos de forma independente e de pessoas ligadas a Betel de forma organizada. Não posso citar nomes em 1 caso, mas esse forista foi entregue por um publicador que se fez de dissidente e ganhou a confiança do nosso colega e imprimiu tudo que tinham conversado por email e entregou para os anciãos. Isso aqui no Fórum...por isso cuidado com MPs e MSN pois conversar é ótimo mas se quiser manter-se ainda no anonimato não divulgue detalhes de sua vida. Outra foi nossa amiga PESQUISADORA e seu marido. O ancião sabia de sua participação aqui no Fórum. Outro foi nosso colega Karl Marx...os anciãos estavam com impressões de seus posts aqui no Fórum. O mais recente sobre de Betel onde estão investigando para descobrir onde moram alguns dissidentes assumidos para alertarem as Congregações que moram perto desse "perigo" para eles é claro⁵⁷.

Por outro lado, a tentativa de Camila de se reassociar, depois da gravidez, revalaria o temor latente de que ao lado da filha fosse destruída no Armagedom. Seria

⁵⁶ Extraído do endereço eletrônico <http://www.forum.clickgratis.com.br/tjlivres/t-2966.html>, em 26/07/2012.

⁵⁷ Idem.

lícito, então, pensar que a sensação de iminência da morte, a solidão e a baixa estima, foram elementos decisivos para o seu retorno. A invisibilidade no Salão do Reino representaria a morte social. Para os estabelecidos, os desassociados são “cadáveres ambulantes”. A expiação do pecado é o caminho à ressurreição. A crença que a vida, a justiça e a felicidade só são possíveis na organização de Jeová, demonstraria a importância do pertencimento a esse grupo religioso. Em contrapartida, os dissociados – aqueles que pedem para ser desligados – são vistos como suicidas espirituais. Pessoas empedernidas que, mesmo conhecendo a verdade, optaram deliberadamente pela própria destruição. Em geral, estão menos inclinados a retornar. O irmão Marcelo comenta que “não há muita diferença entre eles, pois ambos são tratados como lixo”.

Há, porém, quem acredite que os dissociados são ainda mais odiados, porque recusaram deliberadamente a religião – abraçando o pecado. Rossana comenta:

Na época que eu era tj, eu achava pior o dissociado... Pq achavamos que este não tinha salvação... Já quem foi expulso, podia sempre voltar desde que se arrependesse; Vai entender!!!⁵⁸

O forista Johannes faz um comentário em tom jocoso:

Eu sou um dissociado! E realmente, sou o demônio local! :lol: :lol: :lol: :lol: :lol: :lol: :lol: :lol: :lol: :lol: :lol: :lol: Se eu gritar Buuu, eles tem um infarto na hora!⁵⁹

Já Pacoal Naib acredita que o mais detestado é aquele que após sair da religião se torna crítico em relação a ela:

Aí depende muito da situação: o que mais odeiam é quem sai e depois começa a criticar a Torre... aí independe de qualquer terminologia. Agora o desassociado (expulso) ou dissociado (pediu pra sair) que ainda é uma madalena arrependida (defende a Torre) esse ainda é visto com olhos da esperança e de um pouco de compaixão!

As Testemunhas de Jeová conservam a ideia judaica de que o pecado é hereditário, mas que seria possível se livrar dele através da salvação divina:

⁵⁸ Extraído do endereço eletrônico <http://www.forum.clickgratis.com.br/tjlivres/t-3022.html>, em 27/05/2012.

⁵⁹ Extraído do endereço eletrônico http://www.forum.clickgratis.com.br/tjlivres/t-149_s-30.html?postdays=0&postorder=asc, 27/05/2012.

E Jeová começou a sentir um cheiro repousante, e Jeová disse então no seu coração: “Nunca mais invocarei o mal sobre o solo por causa do homem, porque a inclinação do coração do homem é má desde a sua mocidade”... (Gênesis 8: 21)

Esta, porém, é uma doutrina comum à Cristandade. É fundamental ao cristianismo, porque iguala os seres humanos numa mesma condição inicial de inferioridade em relação a Deus. Casuisticamente a noção de pecado, assim como a faculdade do livre-arbítrio, é indispensável para que se possa diferenciar o justo do iníquo, criando um sistema de recompensas. A aceitação do livre-arbítrio é tão importante que, caso fosse devidamente refutada, não poderíamos imputar erro a ninguém – excetuando Deus, é claro. Até os próprios sistemas jurídicos modernos adotam-no como um pressuposto válido para aplicação de normas e condenação.

Seguindo alguns raciocínios lógicos, é fácil imaginar que o livre-arbítrio combine mais com sociedades secularizadas, que excluam a hipótese de Deus dos negócios legais. Porque a existência de um ser onipotente como Jeová implicaria que nada acontece sem seu assentimento, com efeito, sem que ele saiba tudo de antemão. Enfim, não haveria ontologicamente a possibilidade da autoescolha. Livre-arbítrio e onisciência são duas coisas irreconciliáveis. O Existencialismo ateu do século passado, por exemplo, ao fazer da existência uma condição anterior à essência, pôs sobre o homem todas as responsabilidades relativas às suas escolhas, o que, afinal, se trataria de sua angústia mais íntima.

A cosmologia das Testemunhas de Jeová começa com os relatos do Livro de Gênesis, do qual fazem interpretação literal. Todo sofrimento teria origem com o pecado do primeiro casal humano, Adão e Eva, tal qual se lê no primeiro livro bíblico. O pecado é hereditário. Acreditam que Satanás, um anjo rebelde, colocou em dúvida a legitimidade do poder de Jeová, sua honestidade e sabedoria, ao incentivar que os primeiros humanos desobedecessem a ordem explícita para se abster do fruto do conhecimento do bem e do mal.



Adão e Eva numa Pintura de Lucas Cranash (1513-15). Fonte:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Pecado_original

A isso a mulher disse à serpente: “Do fruto das árvores do jardim podemos comer. Mas, [a comer] do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: ‘Não deveis comer dele, não, nem deveis tocar nele, para que não morrais’”. A isso a serpente disse à mulher: “Positivamente não morrereis. Porque Deus sabe que, no mesmo dia que comerdes dele, forçosamente se abrirão os vossos olhos e forçosamente sereis como Deus, sabendo o que é bom e o que é mal.” (Gênesis, 3:3-5)

O ato de desobediência humana provocou, em reação catastrófica, a expansão do mal por intermédio do pecado. Como Satanás desafiou a autoridade de Jeová, desde então se tornou necessário demonstrar quem estava com a razão. Dar-se-ia início ao maior julgamento do Universo. Quem, afinal, falara a verdade? Seria a humanidade capaz de viver sem a proteção de Jeová, arredia à sua autoridade e poder? Cabe aos próprios homens decidirem sobre o bem e o mal? Quais implicações esse acontecimento produziria? Naturalmente, tratando-se de um julgamento, precisar-se-ia de testemunhas. No livro **Testemunhas de Jeová: proclamadores do reino de Deus**, p. 12, lemos o seguinte:

Portanto, a questão suscitada foi: tem Jeová o direito de governar a humanidade, e exercer ele sua soberania para o máximo benefício de seus súditos? Essa questão estava claramente implícita nas palavras que a Serpente dirigiu à Eva: “É realmente assim que Deus disse, que não deveis comer de toda árvore do jardim?” Deu-se a entender que Deus estava injustamente retendo algo de bom da mulher e seu marido — Gên. 3:1.



Ilustração do Armagedom. Fonte: <http://refutandoastestemunhasdejeova.blogspot.com.br/2008/07/as-testemunhas-de-jeov-queriam-que.html>

Neste cenário, fica evidente que há apenas duas alternativas possíveis. Ou tomamos o partido de Deus, transformando-nos em suas testemunhas, ou haveremos de padecer junto aos demônios no dia do Juízo Final. Os desassociados, portanto, estão incluídos nesse desafortunado grupo de pessoas. Sua imagem está ligada ao mal, de tal maneira que o convívio com eles conspurcaria a própria espiritualidade.

O irmão Jacó, da Congregação Valentina, fala sobre necessidade de evitar o contato com os desassociados:

A desassociação é uma regra bíblica que permite a limpeza da Organização. Se por acaso a sua casa fosse contaminada por lixo

, não seria mais sensato limpá-la para garantir a saúde de sua família? Do mesmo jeito acontece na Organização de Jeová. Mas como Jeová é um Deus misericordioso, essas pessoas que se desviaram da verdade podem reencontrar o caminho da justiça. Por isso Jeová nos deu o livre-arbítrio.

O forista Reginaldo fala de um elemento sádico no processo de desassociação, e da ameaça que representam:

Sabe Jesa, já vi este prazer sádico nos olhos de muitos anciãos. Mas creio que o mais importante mesmo é acordar desse pesadelo sufocante. Eu posso me dissociar quando quiser, também meu amigo Profeta, mas acho até engraçado ver qual a tática que usaram conosco. Foi a do esquecimento, como não tinham nada contra nós, nos deixaram de escanteio. Acho que até esconderam nossos cartões dos novos superintendentes. Mexer conosco quando ainda éramos muito conhecidos e queridos não era boa idéia, pois quanto mais mexia mais fedia as sujeiras diferentes que fizeram conosco. Passado alguns anos a congregação mudou tanto, que poucos agora nos conhecem, estamos falando abertamente e muitos anciãos ainda temem mexer conosco. Ficou engraçada nossa situação, mas eu pessoalmente prefiro que me chamem para

ser desassociado, gostaria de saber o porque pessoalmente. E ir no dia do anuncio⁶⁰.

Os desassociados que possuem famílias Testemunhas de Jeová estão em situação ainda mais delicada, porque os próprios parentes costumam seguir essas mesmas regras de evitação. Existem ainda vários relatos sobre depressão e suicídio envolvendo desassociados – que não suportam o peso doloroso do estigma e a solidão imposta pela exclusão social.

Vejamos o depoimento comovente da forista Regina:

Tuca, depoimentos como o seu, como o do Paulo, me dão ainda mais forças pra contar para todos que eu conheço que essa organização destrói famílias. Meu filho casado não vem mais na minha casa, alguns meses já. Foi esse meu filho que me denunciou para os anciãos. Eu implorei que ele não me denunciasse, que não contasse que eu estava na internet. Eu disse: “Filho, deixe tudo nas mãos de Deus, não conte pra eles que eu que estou investigando. Se você contar, eu vou ficar sem você e sem os teus irmãos, sem meu neto, sem minha nora”. Não adiantou. Meu filho ficou nervoso, triste, mas contou pra eles⁶¹.

E acrescenta:

O ancião presidente falou pro meu filho: Diga ao seu pai que tire a internet dela! Meu marido que nunca foi TJ, respondeu que jamais faria isso. O superintendente disse ao meu filho o seguinte: Se a sua mãe ficar quieta, se ela não começar a falar coisas, se ela parar de ver internet, ela fica na organização. Eu preferi sair. Calculei as perdas, vi que o preço seria bem alto, mas preferi sair. Não ia suportar viver lá dentro, sabendo de tudo que pesa contra a Torre. Aqui no fórum eu encontro conforto, pois todos entendem perfeitamente meu drama. Nossos dramas. Nós nos apoiamos e nos fortalecemos. Nós somos fortes! Um abraço a todos!⁶²

A dor e o sofrimento se multiplicam em diversos casos, a forista Alessandra diz:

Família?! Eu perdi a minha aos 20 anos quando renunciei à torre. Meu pai quase não fala comigo, raríssimos telefonemas, minha irmã mora no Rio de Janeiro, vivendo a vida dela. Tudo isso aconteceu após a morte da minha mãe, questão do sangue. Meu pai se revoltou pq achou que as filhas tão teocráticas continuariam a segui-lo cegamente. Mesmo eu já estando fora há 2 anos, ele viajava no meu retorno. E no da minha irmã. E o que mais deixou-

⁶⁰Fonte: http://www.forum.clickgratis.com.br/tjlivres/t-169_s-0.html?postdays=0&postorder=asc, em 26/05/2012.

⁶¹Extraído do endereço eletrônico:

<http://extestemunhasdejeova.net/forum/viewtopic.php?f=11&t=488&st=0&sk=t&sd=a>, em 26/05/2012.

⁶² Idem.

o fodido de raiva foi o fato de ele ter perdido o cargo por que minha irmã pediu a dissociação com 17 anos!!! Até hoje ele fala que eu não vou ver minha mãe na ressurreição, e que ela vai ficar muito triste comigo⁶³.

As Testemunhas de Jeová utilizam de uma variedade de termos pejorativos para se referir ao desassociados. Elias (2000) já observara a incidência de expressões estigmatizantes entre grupos estabelecidos e outsiders. De tal modo, os indivíduos que leem “livros proibidos” ou professam ideias não oficiais são chamados de “apóstatas”. Os que deixam de frequentar assiduamente as reuniões são taxados de “frios espiritualmente” ou “afastados”; quem pratica relação sexual fora do casamento é “fornicador”. Voltemos ao caso de Camila: mesmo desassociada ela levaria o marido a aceitar um estudo bíblico. Por um lado, o fato de ter casado legalmente e a possível conversão do seu companheiro, diminuiria os entraves ao seu retorno. Por outro, achava insuportável conviver com a sensação de culpa e com o rótulo de “fornicadora”. Mesmo com os cuidados tomados durante as reuniões para evitar contatos, de todos a ignorarem, ainda assim se sentia vigiada e impudica. Se cochilhassem no seu campo de visão, suspeitava de maledicência.

Não suportava no Salão quando conversavam baixinho perto de mim, sempre achava que estavam fofocando. O pior é que eu não podia fazer absolutamente nada. Fui aguentando calada.

Como observamos no capítulo anterior, a fofoca é muito comum entre as Testemunhas de Jeová. Informações sobre a vida pessoal correm rapidamente – boca em boca – dentro das congregações. Muitas pessoas são desassociadas por meio dela e admoestadas também. Estabelecendo-se uma rede poderosíssima de controle social. Como muitas TJ estão habituadas a isso, sabem que em algum momento podem se tornar os próximos alvos. O serviço de campo é conhecido por ensejar tais comportamentos. É um momento em que os irmãos e irmãs passam mais tempo juntos; no intervalo entre uma visita domiciliar e outra colocam a conversa em dia. Muitos boatos de desvio surgem ali – como lufadas despreziosas que se transformam em poderosos tornados.

⁶³Extraído do endereço eletrônico:

<http://extestemunhasdejeova.net/forum/viewtopic.php?f=11&t=488&st=0&sk=t&sd=a&start=20>, em 26/05/2012

O forista Mário afirma que os próprios anciãos são afeitos à fofoca:

Mas vocês sabem por que em comissões eles fazem as "perguntas íntimas?", para depois contarem para as esposas que por sua vez saem tagarelando pelos quatros cantos do salão e aí meu quando você vê tá tudo mundo comentando e você virou notícia e artigo de atração entre os "irmãos amorosos"... arrrrrrrrr⁶⁴.

Alguns boatos mentirosos podem naturalmente adquirir força de verdade⁶⁵. Penso que a classificação proposta por Becker (2009) para os tipos de desvio, nos ajudaria a analisar como determinados indivíduos são vistos como desviantes – sem que necessariamente tenham violado alguma regra. Boatos e fofocas são capazes de criar imagens distorcidas sobre determinados indivíduos, estimulando a percepção do grupo ao qual pertencem, de modo a vê-los como desviantes. Dessa maneira, o indivíduo *falsamente acusado* é encarado como desviante sem ter quebrado qualquer regra. Esta situação, segundo o autor, ocorreria, até mesmo, nos contextos em que estamos protegidos por normas processuais e exigências de provas, como é o caso dos tribunais. No entanto, seriam mais frequentes em circunstâncias informais, onde as garantias de proteção legal inexistem.

No caso das Testemunhas de Jeová, essas situações acontecem com regularidade. Tal processo costuma causar tanta apreensão que, aliada aos efeitos típicos à sensação de vergonha, pode produzir transtornos psicológicos. Como a vergonha é consequência de nosso medo da degradação social, podemos afirmar que a sua força é proporcional ao grau de internalização de normas morais de um determinado grupo. O que põe em relevo seu caráter relativista.

Os samurais do antigo Japão, por exemplo, achavam bastante desonroso fugir de uma batalha, mesmo que se tratasse de situação com extrema desvantagem, como a de enfrentar sozinho o exército inimigo. A covardia era moralmente tão indigna que eles preferiam o suicídio. Tomando como referência outro código moral, alguns dirão que é “preferível um covarde vivo a um herói morto”. Ouço quase sempre essa frase quando alguém quer me convencer a nunca reagir à tentativa de assalto –, como se isso fosse realmente necessário. Há, em todo caso, situações menos lúgubres e radicais que

⁶⁴Extraído do endereço eletrônico http://www.forum.clickgratis.com.br/tjlivres/t-169_s-15.html?postdays=0&postorder=asc

⁶⁵ O ministro da propaganda nazista, **Paul Joseph Goebbels**, dizia que “uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade”.

causam desconforto, como as que ocorrem quando violamos regras de etiqueta, arrotando na mesa de um restaurante.

Uma irmã da Congregação Valentina conta sobre a sua reação ao ouvir boatos sobre a própria conduta:

Foram dizer que eu era apóstata. Descobri por intermédio de um irmão que ouviu a história no campo. Depois disso fui tomar satisfação junto com os anciãos e esclarecer as coisas. Pedi que chamassem atenção das pessoas que inventaram o boato.

Outra classificação proposta por Becker (2009) é a de *desviante secreto*. Aquele não respeita as regras, mas as pessoas não sabem, devido a hábeis dissimulações. Becker diz que se sabe pouco sobre a quantidade de pessoas que poderiam ser enquadradas nessa categoria, mas estima que devem ser muitas. Tenho pensamento idêntico quando o assunto é Testemunhas de Jeová, motivado por relatos informais. De tal maneira, o número de desassociações poderia ser bem maior, se por acaso elas fossem percebidas como desviantes.

Um irmão da Congregação Valentina fez revelações surpreendentes:

Conheço um irmão que manda mensagens eróticas para irmãs casadas, e que ainda tem caso com garotas fora da igreja. Posa de pessoa honesta, mas está sujando a organização. Esse tipo de pessoa é que deveria ser desassociada.

E mais:

Tem uma irmã que apanha do marido na região da virilha, perto das partes íntimas, porque assim não há como os anciãos comprovarem as agressões. É palavra contra palavra. Os homens costumam ter mais força nesses casos, além do que ela tem medo e vergonha de contar isso pra eles.

Há ainda casos em que os anciãos fazem “vista grossa” para determinadas pessoas que cometem infrações graves. Geralmente, quando isso ocorre, desperta a desconfiança e a sensação de injustiça entre a comunidade congregacional. Lembro que apresentei um trabalho, em Salvador, sobre esse tema. Uma garota, de religião afro, indagou sobre o fato de namorar um rapaz Testemunha de Jeová e ele não ter sido desassociado, apesar de perder privilégios e sentar num local ermo durante as reuniões. A minha resposta, na ocasião, baseou-se na ideia da existência de relações informais de poder.

Durante a pesquisa, descobri histórias que fugiam completamente aos padrões rígidos da religião. Entre elas, o caso da filha de um ancião que se envolveu com garotos fora da igreja, expôs fotos comprometedoras na internet e, ao pedir o próprio afastamento, ouviu pedidos para que reconsiderasse a decisão, causando a indignação de muitas pessoas.

Sobre isso diz um irmão da Congregação Valentina:

Não achei justa a maneira como trataram o caso de_____ já vi gente ser desassociada por muito menos que isso... Quando aconteceu com_____ eles não tiveram o menor dó. O Ancião não mostrou estar preparado para lidar com o caso... Queria beneficiar a própria filha.

Bareano, forista do site *ex-Testemunhas de Jeová*, fala sobre situações de favorecimento envolvendo os próprios dirigentes congregacionais:

Se o ancião ou servo pecador for alguém entrosado com os outros anciãos, como já vi acontecer, às vezes nem reavaliação de privilégios acontece, fica mesmo por baixo dos panos, já que conforme fica claro no KS, é uma questão que fica totalmente a critério dos anciãos. Em boa parte dos casos fica na camaradagem mesmo⁶⁶.

Becker (2009) argumentava que um ato é ou não desviante somente se as outras pessoas reagirem como tal. Lembra, por exemplo, que alguém pode cometer um incesto clânico e ser apenas afetado por fofocas ou boatos. Agora, seja acusado publicamente, e sua vida correrá sério risco. A questão, afinal, é a de que violação de regras não significa, necessariamente, que sejamos vistos como pessoas duvidosas ou problemáticas. Nada garantiria, então, que os outros reajam negativamente ao acontecido. Lembro que atualmente é muito comum no Brasil a venda de CD e DVD piratas. Milhões de pessoas baixam músicas, filmes e livros na internet sem pagar direitos autorais – cometendo crime de acordo com a legislação do país. Mas nem por isso, de modo geral, se veem como criminosos ou delinquentes. Apesar de toda propaganda movida pela indústria cultural contra essa prática.

Outro caso curioso é o da “prescrição do desvio”. Ao que parece, determinados desvios são ignorados pelas Testemunhas de Jeová se forem antigos. Vejamos que

⁶⁶ Extraído do endereço eletrônico:

<http://extestemunhasdejeova.net/forum/viewtopic.php?f=12&p=223994>

algumas pessoas do fórum discutem, por exemplo, se é mais vantajoso revelar imediatamente um pecado ou adiar até a “poeira baixar”. Este parece ser um bom subterfúgio para driblar sanções. O livro que orienta os anciãos em caso de formação de comissões judicativas, conhecido por KS – abreviatura da expressão inglesa Kingdom School – traria instruções oficiais para suspenderem as sanções nessas situações.

Assim afirma o forista Híbrido do fórum *Ex-Testemunhas de Jeová*:

Segundo o KS10 3:19 : " Se um irmão designado confessar que no passado cometeu um pecado passível de desassociação ou se isso for descoberto: O corpo de anciãos talvez decida que ele pode continuar servindo como ancião ou servo ministerial se o seguinte for verdade: a imoralidade ou outra transgressão grave não ocorreu recentemente, há poucos anos, e ele está genuinamente arrependido, reconhecendo que deveria ter confessado o pecado imediatamente. (Pode até ser que, agora, com a consciência pesada, ele tenha confessado seu pecado e procurado ajuda.) Ele serve fielmente há muitos anos, tem evidência das bênçãos de Deus e é respeitado pela congregação."Qual a vantagem em se confessar um erro no presente sabendo que se no futuro for descoberto ou confessar tudo pode ser colocado a limpo e zera tudo?⁶⁷

Desse modo, então, conclui:

E vejam bem, não vale a pena confessar LOGO, tem de passar bastante tempo, quanto mais tempo melhor! Isso é corroborado pelo KS10 3:21 que diz : "Se a transgressão ocorreu há poucos anos enquanto ele servia como ancião ou servo ministerial, ele estará desqualificado para servir como tal, não estando "livre de acusação" Qual o mérito disso??? A torre impõe tantas regras que ela mesma não se apercebe dos paradoxos que ela mesma acaba criando⁶⁸.

O forista de codinome Estudante confirma essa regra, relatando sua experiência pessoal. Ele diz:

Isso é um fato, aconteceu comigo uma vez, como já havia passado vários anos os anciãos não deram a mínima importância ao caso. Apenas fizeram uma reuniãozinha costumeira e nem repreensão eu tive, tenho certeza se tivesse contado logo quando ocorreu seria desassociado. Fui beneficiado pelo tempo, e pelas regras paradoxais da torre⁶⁹.

⁶⁷ Extraído do endereço eletrônico <http://extestemunhasdejeova.net/forum/viewtopic.php?f=12&t=11597>, em 26/05/2012.

⁶⁸ Idem

⁶⁹ Idem

Paradoxalmente, as Testemunhas de Jeová se mostram preocupadas com o comportamento mentiroso. A mentira que foi tema de grandes discussões éticas e morais ao longo da história do cristianismo, ocupa papel importantíssimo na cosmologia das TJ. Creem que foi por intermédio da mentira que o mal e a decadência humana se instalaram no mundo. Satanás, o principal opositor de Jeová, líder de uma rebelião celestial contra Deus, símbolo do mal absoluto, é conhecido como o pai da mentira. Quando se trata de seres humanos, do ponto de vista das Testemunhas de Jeová, a mentira seria o resultado do mau uso de nossa capacidade de livre escolha e imperfeição.

É interessante notar como determinados grupos sociais reagem de modo a repreender o comportamento do mentiroso e a tentar controlar suas futuras ações, através de sentimentos de vergonha e culpa.

Segundo Mannheim (1967), dizer que determinada declaração é mentirosa não significa empreender refutação teórica. Por isso é que uma proposição pode ser considerada, ao mesmo tempo, mentira no campo moral e verdade na esfera teórica. A mentira é uma categoria ética – sem qualquer força epistemológica. Desmascará-la é antes de tudo desautorizar determinado sujeito, destruindo-o moralmente. Essa perspectiva se assemelha em alguns aspectos ao indivíduo cínico que – segundo Goffman (2007) – representaria papéis sociais que não acredita, apenas para manter determinado senso comum de realidade ou autoimagem.

O mesmo, porém, não acontece quando tentamos desmascarar uma ideologia. Isso ocorre porque o desvelamento da mentira visa atingir a personalidade moral, enquanto a ideologia é algo impessoal. O motivo é simples: não conseguiríamos constranger psicologicamente um conjunto de crenças e valores. Portanto, nesse caso, não se trata de uma questão de verdade ou falsidade, mas da eficácia social de um conjunto articulado de ideias. Desmascará-las teria como pressuposto revelar a sua natureza e função social.

A doutrina da mentira entre as Testemunhas de Jeová possui duas funções básicas. A primeira está ligada ao plano mais ideológico das ideias. Visa apresentar uma explicação cosmológica para a vida na terra, ao mesmo tempo em que inviabiliza a confiança em qualquer tipo de organização social não teocrática, já que o governo humano estaria sob o controle de Satanás. Funciona, portanto, como meio de justificação para o sofrimento, a dominação e os conflitos sociais.

De modo prático, a crença nessa ideia tem implicações importantes para os membros dessa religião. Na medida em que instituições sociais – que não estão de acordo com suas concepções teológicas – são desacreditadas, as Testemunhas de Jeová acabam reféns da crença dogmática na infalibilidade de sua própria organização, o que conduz a uma inevitável rejeição do mundo e, conseqüentemente, à total descrença nos governos e no próprio Estado. É um padrão de comportamento social que, se generalizado, ameaçaria o laicismo e as instituições democráticas.

A segunda função está ligada ao controle e a interação social, pois atua, principalmente, como mecanismo de vigilância comportamental. A partir do momento em que os indivíduos internalizam a crença na mentira como uma conduta pecaminosa, que pode levar ao castigo divino, ficam ainda mais sujeitos a se submeter às ordens e à interpelação dos dirigentes da Igreja. Tal mecanismo de controle que opera, comumente, por meio da culpa e da vergonha, pode se transformar em punições formais como a dessassociação da Igreja. Essa visão de mundo determinaria, com efeito, os tipos de interação social e a maneira pela qual os indivíduos extraem ou atribuem sentido em suas relações.

As interpelações feitas nos tribunais judicativos, entre outras coisas, procuram testar o nível de sinceridade da pessoa acusada. Acrescente-se ainda que, amiúde, quem chega a esse ponto passou do estado de *desviante secreto a desviante puro*. O comportamento oculto, nesse caso, é encarado como uma grande e indecorosa mentira. Com exceções, é difícil para uma Testemunha de Jeová conviver com o sentimento de pecado ou com o fato de que estaria de algum modo ocultando algum desvio. Dispositivos de consciência e controle, via de regra, são então ativados. Quando Camila, por exemplo, resolveu revelar o seu problema para os anciãos, se encontrava numa situação moralmente insustentável. Não conseguia lidar bem com a ideia de que estava em pecado, mentindo para os irmãos. Muitos desassociados passam pela mesma experiência conflitante.

Assim afirma a Irmã Marisa:

Enquanto eu não contei aos anciãos eu não sosseguei... Era angustiante conviver com aquela mentira. As pessoas olhavam pra mim e não imaginavam o que eu estava escondendo. Não conseguia orar, porque antes de qualquer pessoa Jeová já sabia dos meus erros... O que me deixava mais angustiada.

Normalmente – como vimos ao longo desse capítulo – tais pressões podem ser suavizadas ou até extintas, ao passo em que indivíduos rejeitem antigas formas de pensar. O desvio social é uma categoria relacional que depende da internalização de valores comuns e da percepção coletiva. O caso do irmão Marcelo ilustra bem esse tipo de situação. Seu encontro com outros desassociados na internet possibilitou, gradativamente, uma redefinição de sua imagem e crenças. Já Camila, de tal maneira isolada, não se desprende de sua visão de mundo religiosa – o que apenas impulsionou o seu retorno à religião. A relação entre estabelecidos e outsiders da igreja depende, assim, inevitavelmente, de como ideias são distribuídas. Esse diapasão é fundamental para que se perpetuem ou se desvançam as assimetrias de poder. Mecanismos de controle social, fisicamente não violentos, como a sensação de vergonha e culpa, só teriam efeito numa dada relação de poder desigual, onde se partilham crenças e valores comuns.

O sentimento de pecado é, assim, fundamental para o processo de autocomiseração e sofrimento. De submissão ao grupo estabelecido. É ainda através da noção de pecado que se classificam as pessoas *boas e más. Puras e impuras. Verdadeiras e Mentirosas*. Os grupos organizados da internet, com efeito, tendem a atacar como veemência essa crença. Desse modo é que a forista Rose, do site *Testemunhas de Jeová Livres*, tenta desconstruir a visão religiosa do pecado. Apela, então, para uma concepção relativista e observa como a ideia de pecado pode operar como mecanismo de controle social. Vejamos o que ela diz:

Dei uma olhada em alguns dicionários on-line e eles sempre associam o pecado a religião. A definição da torre se assemelha com a da wikipedia. Para mim o pecado é algo criado pelo próprio homem para manter outros sobre controle. A palavra usada na bíblia significa errar o não atingir um alvo. Que alvo é esse? Quem define? Cada religião define que alvo é esse a ser alcançado. O que é pecado para uma, não o é para outra. - Para as TJs é pecado receber transfusão de sangue, para outras não. - Para os cristão (pelo menos em teoria) é pecado tirar a vida, mas os mulçumanos acham que podem matar os ímpios e por aí vai... É algo relativo. Não acredito mais em pecado na concepção religiosa, que se você fizer isso ou aquilo Deus vai te punir. Afinal se sexo é pecado por que Deus nos deu desejo sexual? Acredito mais na ética, no bom senso e nas regras para se viver em sociedade⁷⁰.

⁷⁰ Extraído do site <http://www.forum.clickgratis.com.br/tjlivres/t-1025-previous.html>, em 26/05/2012.

Observamos, assim, duas visões antagônicas. Enquanto a irmã Marisa se corrói com o sentimento de culpa, Rose, por sua vez, nega a própria existência do pecado. A primeira vê, então, ameaçada a possibilidade de compartilhar o carisma e a superioridade do grupo estabelecido e tudo mais o que isso implica. A segunda, por conseguinte, já não reconhece a autoridade dos estabelecidos, seja porque rejeita sua suposta superioridade moral ou porque inversamente passa também a estigmatizá-lo.

* * *

Philip viu um rapaz passar correndo e tentou agarrá-lo mas o coxear não o ajudou; e os corredores, aproveitando a oportunidade dirigiram-se para o lugar onde ele estava. Um deles teve então a brilhante ideia de imitar a corrida desajeitada de Philip. Os outros rapazes viram e começaram a rir; logo após, todos eles arremedaram o primeiro; e rodearam Philip, coxeando grotescamente e dando estridentes gargalhadas com as suas vozes agudas. Perderam a cabeça no prazer do novo divertimento e sufocavam de alegria irreprimível. Um deles passou uma rasteira a Philip que caiu pesadamente como sempre caía e feriu um joelho. As gargalhadas recrudesceram quando ele se levantou. Um rapaz empurrou-o pelas costas e ele teria caído novamente se um outro o não tivesse segurado. O jogo fora esquecido com a divertida deformidade de Philip. Um deles inventou um coxear esquisito e bamboleante que batia o outro por sumamente ridículo e alguns rapazes atiraram-se ao chão e reboaram de riso: Philip estava completamente aterrado. Não conseguira compreender por que se riam dele. O coração batia-lhe tanto, que mal podia respirar e estava assustado como nunca na vida. Ficou de pé, estupidificado enquanto os rapazes lhe corriam à volta imitando-o e rindo; gritavam-lhe que os apanhasse mas ele não se moveu. Não queria que o vissem correr outra vez. Empregava todas as forças para não chorar. Subitamente a sineta soou e todos correram para as aulas. O joelho sangrava e Philip estava sujo e desgadelhado. Durante alguns minutos Mr. Rice não pôde dominar a classe. Estavam ainda excitados com a estranha novidade e Philip viu um ou dois colegas olhando-lhe furtivamente para os pés. Escondeu-os debaixo do banco. (A Servidão Humana, Somerset Maugham, p.39-40)

* * *

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como podemos observar, a dominação exercida pelas Testemunhas de Jeová está ligada à internalização de valores morais e a uma cosmovisão religiosa específica. O desvio de regras socialmente aceitas pelo grupo resultam, quase sempre, em sanções que

podem levar à desassociação – ao estigma e à exclusão social –, acompanhadas do sentimento de culpa e inferioridade moral. Numa perspectiva sociológica figuracional, a dinâmica desse fenômeno não pode ser explicada a partir de pressupostos de natureza metafísica, ou seja, de seus fundamentos teológicos. Tampouco através de análises psicológicas individuais que privilegiem conceitos como preconceito e antipatia. A teoria eliasiana do poder é, portanto, uma chave de leitura que permitiria esclarecermos a sociogênese e a sociodinâmica do processo de exclusão.

Nessa perspectiva o poder é de natureza relacional, depende de circunstâncias estruturais de interdependência para existir. Por isso, as relações *estabelecidos x outsiders* não são estáticas. Variações podem ocorrer na medida em que surjam novos ordenamentos no equilíbrio de forças. Grupos antes dominados poderão ascender a posições privilegiadas se forem capazes de aumentar sua capacidade de poder. Tal movimento será acompanhado de uma tentativa de redefinição da autoimagem. Um estudo mais detalhado poderia fornecer conhecimentos mais abrangentes a respeito dos efeitos práticos da organização de tais grupos.

Como alguns depoimentos ao longo desse trabalho podem indicar, as associações políticas dos desassociados funcionariam como mecanismo de reequilíbrio na balança de poder com a Igreja. As teorias de Elias sobre o controle das emoções, por outro lado, poderiam ser bastante úteis para uma futura investigação que se detivesse no funcionamento dos mecanismos de dominação e nos rituais de retorno dos desassociados à religião.

Além disso, é importante destacar que os desvios e estigmas sociais dependem necessariamente de condições relacionais e da própria percepção dos grupos. Como as Testemunhas de Jeová possuem inúmeras regras, e aliam isso a um sistema de punição e controle coletivo, é mais comum entre elas a existência de indivíduos desviantes. De modo geral, não apenas os anciãos, mas os demais associados estão empenhados em descobrir e controlar os comportamentos não aceitáveis.

A crença na virtude e superioridade moral do grupo estabelecido é fundamental para coesão e submissão às regras. É o que juntamente ao medo e a solidão, imposta pela exclusão social, impulsionaria o retorno dos desassociados à religião. Os sentimentos de vergonha e culpa são importantíssimos nesse processo. Percebe-se ainda que muitos desassociados estão isolados, entre si, e que as novas tecnologias de

comunicação possibilitadas pela internet vem diminuindo o tamanho dessa distância e isolamento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. W. **O Fetichismo da Música e Regressão da Audição**. In: Adorno. Textos Escolhidos. São Paulo: Nova Cultural, 2000. p. 65-108 (Coleção os Pensadores)

ARIAS, Juan. **Jesus Esse Grande Desconhecido**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

BAKUNIN, Mikhail Aleksandrovitch. **Deus e o Estado**. São Paulo, Cortez, 1988.

BARRIE, JAMES. **Peter Pan**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BECKER, Howard S. **Outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BERGER, Peter L. **Perspectivas Sociológicas: Uma visão Humanística**. Petrópolis: Vozes, 1983.

BERGER, Peter L; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis: Vozes, 1995.

CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. São Paulo, Palas Athena, 1990.

_____. **Tu És Isso: Transformando a Metáfora Religiosa**. São Paulo, Madras, 2003.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

DUMONT, Louis. **Homo Hierarchicus: O Sistema de Castas e suas Implicações**. São Paulo: Edusp, 2008.

ELIAS, Norbert. **Estabelecidos e Outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

_____. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994.

_____. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2008.

_____. **O Processo Civilizador – Uma História dos Costumes**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. vol. 1.

_____. **O processo civilizador – Formação do Estado e Civilização.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. Vol. 2.

FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização.** Rio de Janeiro, Imago, 1974.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** São Paulo, Graal, 2003.

_____. **Vigiar e Punir.** Petrópolis, Vozes, 1995.

GAADNER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. **O Livro das Religiões.** São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

GARDNER, Martin. **O Umbigo de Adão.** Rio de Janeiro, Ediouro, 2002.

GIDDENS, Anthony. Sociologia. Porto Alegre, Artmed, 2005.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana.** Rio de Janeiro, Vozes, 2007.

_____. **Comportamento em Lugares Públicos.** Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. **Estigma – Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada.** Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

HECHT, Jennifer. **Dúvida: uma história.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

MANNHEIM, Karl. **Ideologia e Utopia.** Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1960.

_____. **O Problema de uma Sociologia do Conhecimento.** In: Sociologia do Conhecimento. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MARCUSE, Herbert. **Cultura e Psicanálise.** São Paulo: Paz e Terra, 1997.

MILES, Jack. **Deus: uma biografia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PAGELS, Elaine: **As origens de Satanás: um estudo sobre o poder que as forças irracionais exercem na sociedade moderna.** Rio de Janeiro, Ediouro, 1996.

REGO, José Lins do. **Fogo Morto**. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

RUSSELL, Bertrand. **História da Filosofia Ocidental: A Filosofia Católica**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

_____. **Ética e Política na sociedade humana**. Rio de Janeiro; Zahar, 1977.

_____. **Porque não sou Cristão e outros ensaios sobre religião e assuntos correlatos**. São Paulo: Livraria Exposição do Livro, 1972.

SAGAN, Carl. **O Mundo Assombrado Pelos Demônios**. São Paulo, Companhia das Letras, 2006.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

VELHO, Gilberto. **Desvio e Divergência: uma crítica da patologia social**. Rio de Janeiro, Zahar, 1985.

VOLTAIRE. **Dicionário Filosófico**, in: Os Pensadores São Paulo, Nova Cultural, 1998.

_____. **Questões Sobre Os Milagres**. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

_____. **Deus e os Homens**. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

WEBER, Max. **Ciência e Política: duas vocações**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

_____. **A Ética Protestante e o Espírito Capitalista**. São Paulo, Martin Claret, 2001.

_____. Testemunhas de Jeová. [online] Disponível em Internet via WWW.URL: http://pt.wikipedia.org/wiki/Testemunha_de_jeov%C3%A1. Arquivo capturado em 29 de agosto de 2008

LIVROS PUBLICADOS PELA SOCIEDADE TORRE DE VIGIA

_____. **Estudo Perspicaz das Escrituras: Vol. 2 Escritura – Mísia.** São Paulo: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1993.

_____. **Existe um Criador Que se Importa com Você?** São Paulo: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1993.

_____. **Testemunhas de Jeová: Proclamadores do Reino.** São Paulo: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1998.

_____. **Raciocínios à Base das Escrituras Sagradas.** São Paulo: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, 1989.